

Vol. XXV — Número 100

Anno VIII — Abril 1924

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES: PAULO PRADO E MONTEIRO LOBATO

REDACTOR-SECRETARIO: SERGIO MILLIET

SUMMARIO

O MOMENTO	P. P.	289
A CONQUISTA DO SERTÃO	Haddock Lobo Filho.	291
GRAÇA ARANHA E O HUMOURISMO.	A. C. Couto de Barros	307
O BEDEL.	Godofredo Rangel.	313
CARTÕES POSTAIS	Sergio Milliet.	317
BORGES DE MEDEIROS	Villar Belmonte.	319
O AMANTE DO OUTRO MUNDO	Julio Cesar da Silva	325
MEALHAS ETYMOLOGICAS	Francisco Luiz Pereira.	346
ESTA' O BRASIL SUPERARMADO?	Helio Lobo	350
A BACIA DO AMAZONAS	A. D. Mirandeira	358

BIBLIOGRAPHIA — RESENHA DO MEZ — DEBATES E PESQUIZAS
— CURIOSIDADES — NOTAS DO EXTERIOR — RADIO
NOTAS — AS CARICATURAS DO MEZ

— S. PAULO —
MONTEIRO LOBATO & Co. — EDITORES
RUA VICTORIA, 47 — CAIXA, 2-B

REVISTA DO BRASIL - RUA VICTORIA, 47 - CAIXA, 2-B - SÃO PAULO
ASSIGNATURAS: — ANNO 20\$000. EXTRANGEIRO — 25\$000. NUMERO AVULSO — 1\$800
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Redactor Secretario : SERGIO MILLIET 6278

Teleph. Cidade, 6278

Obras de Contabilidade

DE CARLOS DE CARVALHO

Estudos de Contabilidade, obra em quatro volumes, em brochura. 40\$000

Tratado Elementar de Contabilidade. Obra adoptada nas principaes escolas de commercio do paiz. Util aos que desejam adquirir conhecimentos profundos em contabilidade. Em brochura. 10\$000

Explicações Praticas de Escripturação Mercantil. Livro indicado aos que desejarem adquirir os primeiros conhecimentos de contabilidade. Em brochura 6\$000

Arithmetica Commercial e Financeira. Obra indispensavel para se adquirir conhecimentos profundos em mathematica commercial e financeira. Em brochura. 10\$000

Noções de Calculos Commerciaes e Financeiros. E' indispensavel aos que não tenham conhecimento de mathematica commercial e financeira. Em brochura. 6\$000

Problemas de Escripturação. Obra necessaria aos contadores e guarda-livros, pois trata de todo e qualquer caso de abertura de escriptas e balanços. Em brochura. 20\$000

Contabilidade das Companhias de Seguros de Vida. Como indica o titulo do livro, ser-

ve para a contabilidade dos seguros de vida. Em brochura 12\$000

DE FRANCISCO D'AURIA

Curso de Contabilidade, em dez volumes, tendo sido já publicados os seguintes:

Contabilidade Mercantil, em brochura 10\$000

Contabilidade Bancaria, em brochura 12\$000

Contabilidade Industrial, em brochura 10\$000

No prélo: *Contabilidade das Empresas*; *Contabilidade Publica*; *Contabilidade Domestica*; *Contabilidade Theorica*; *Contabilidade Agricola e Pastoril*; *Mathematica Commercial*; *Mathematica Financeira*.

DE D. SANTOS

Contabilidade Agricola, em brochura 10\$000

do Dr. FRANCISCO EUGENIO DE TOLEDO

Manual de Direito Civil, Das pessoas, em brochura 4\$000

Analyse da Constituição Federal, cart. 1\$500

Attentado ao Pudor, em brochura 10\$000

O Livrinho do Coração, em brochura 2\$000

Unicos depositarios :

Monteiro Lobato & Cia.

RUA VICTORIA, 47-A

S. PAULO

Holmberg, Bech & Cia. Ltd.

IMPORTADORES E INDUSTRIAES

RUA LIBERO BADARO', 169

S. PAULO

Rio de Janeiro, Stockholm, Hamburg, New-York e Londres

Papel,

materiaes

para

construcçāo,

aço,

ferro,

Cimento

“2 Bandeiras”

e “Bandeira

Sueca”.

EDUARDO CARLOS PEREIRA

As grammaticas até hoje mais diffundidas e usadas no Brasil são as deste autor.

GRAMMATICA EXPOSITIVA. — CURSO ELEMENTAR.

Para os cursos complementares e 1.^o anno dos Gymnasios. 23.^a edição com um appendice sobre composição 3\$500

CURSO SUPERIOR. Para Escolas Normaes, Gymnasios e Escolas de Commercio. 14.^a edição com um appendice sobre estyllistica . . . 8\$000

GRAMMATICA HISTORICA. Para as Escolas Normaes e Gymnasios. 3.^a Edição . . . 10\$000

A critica nacional consagrou estas obras e o largo uso que dellas se faz, confirmou o que dissemos.

PEDIDOS AOS EDITORES :

MONTEIRO LOBATO & CIA.

RUA VICTORIA N. 47 - A —————

Desconto de 30 o/o aos revendedores
e aos collegios e professores.

“ P E G A S O ”

REVISTA MENSUAL

Calle San Salvador, 2309

MONTEVIDEO
URUGUAY

Regina Hotel

Endereço Telegraphico : "REGINA .."

Largo de S. Ephigenia, 8 - SÃO PAULO

Este novo hotel offerece indiscutivelmente aos Srs. Viajantes optimo conforto. Sua situação é de primeira ordem; os quartos são grandes, ventilados e dotados de todo conforto desejavel. Das suas janellas descortinam-se soberbos panoramas. O Hotel possue *elevadores, rede telephonica para todos os andares,* mais de 60 banheiros, agua corrente fria e quente em todos os quartos, aquecedor central durante o inverno. O pessoal é escrupulosamente escolhido e a cosinha é dirigida por um habilissimo chefe. Preços rasoaveis e ao alcance de todos. O Hotel é dirigido pelos seus proprietarios, Srs.

Angelo Gabrilli & Filhos

Revista da Sociedade de Educação

deve ser lida por todos que se interessarem pelos assumptos didacticos.

Redactores :

*Dr. A. Almeida Junior
Prof. Léo Vaz
Prof. Brenno Ferraz do Amaral
Dr. Haddock Lobo Filho
Prof. Pedro de Alcantara Machado*

Editores : MONTEIRO LOBATO & Co.

Aos assignantes serão enviados os numeros já publicados.

Assignatura annual 12\$000

"REVISTA DE FILOLOGIA PORTUGUESA"

Fundador: **SILVIO DE ALMEIDA**

PUBLICAÇÃO MENSAL

Colaboração dos maiores filólogos e literatos
do Brasil e de Portugal.

Cada número, que tem, em média, cem pá-
ginas, traz artigos inéditos, textos arcaicos ou clás-
sicos anotados, bibliografia, etc.

ASSINATURA ANUAL:

CAPITAL	30\$000
INTERIOR E ESTADOS	32\$000
NÚMERO AVULSO	3\$000

Pedidos à

NOVA ERA, Emprêsa Editôra

PAULINO VIEIRA & CIA.

Rua de S. Bento, 40 - 2.o andar, sala 12

Telefone: Central 1681 — S. PAULO

N. 100

Abril 1924

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES:
PAULO PRADO
MONTEIRO LOBATO

REDATOR
SECRETARIO:
SERGIO MILLIET

O Momento.

*E*m brilhante chronica publicada num jornal do Rio, um escriptor referio-se ultimamente ao mal das grammaticas.

E' este sem duvida um dos symptomas da grave infecção de que soffre o Brasil, e que é o mal litterario. Os estragos feitos no nosso organismo social por essa estranha doença tem tomado nestes ultimos tempos um aspecto devéras inquietador.

A litteratura tudo invadio, tudo vicia e tudo deturpa. Leiam-se as listas das recentes edições; nada mais instructivo para a exacta comprehensão da mentalidade brasileira. Numa epoca de realisações praticas, somos um povo essencialmente litterario. Apenas sabemos lér e escrever, e em arithmetica só alguns vão além dos cinco algarismos do indígena primitivo, mas poucos como nós sabem fazer vibrar a phrase sonora e nella encaixar com habilidade a imagem rara, a citação impressionante e o epitheto rebuscado. Litteratura. Padre Vieira. Ruy Barbosa.

Desse mal, cuja symptomatologia e intensidade variam, a maior aggravante é a sua tendencia para o regresso ás formas de um passado decrepito. Aqui se refugiaram os Filintos Elysios, de caixa de rapé

e lenço de alcabaça, que ainda sonham com nymphas de Grecias empalhadas e príncezes de Carnaval — "arcadistas e dissidentes" lembrando os mais ridiculos fantoches desse estupidissimo seculo XVIII portuguez, quando pontificava Silvestre Silverio da Silveira e Silva.

Os mais adeantados, os que escapam a esse anachronismo que recende a naphtalina, vivem na adoração livresca de uma França academica: são os que ainda acreditam no culto de Anatole France, nos romances de Henri Bordeaux e nos versos de Rostand. E para templo dessa religião installam-se num trianon versalhesco e cíntzento, muito enfiado na sua correção, junto ao que Mario de Andrade chamou o "pinote do Corcovado".

Ahi está justamente o erro grave e imperdoavel de toda essa litteratura de importação. Ignoramos e desprezamos o espectaculo vivo da nossa terra e da nossa raça; pouquissimos vão procurar factos, themas e inspirações nos aspectos do Brasil de hoje, adolescente e inquieto. E onde encontrar, para uma realização creadora, disciplinada por um ideal preconcebido de belleza — segundo a formula conhecida — maior e melhor somma de realidade?

Brasil, brasileiros, brancos, vermelhos e pretos, paisagens do mais revoltante mau gosto, ceos de um azul de capella com estrellinhas de ouro, terra de vermilhão e roxo, caras sarapintadas de mestre d'obras portuguez, postes electricos em esqueletos de arvores, telephones na matta virgem, discos vermelhos de estradas de ferro surgindo como luas entre coqueiraes, aeroplanos pousando em praias desertas, botes automoveis fonfonando nos rios do sertão, bandeirantes italianos, conquistadores syrios — toda a vida desordenada da terra nova e rica, em plena puberdade ardente, offerecendo-se á fecundação do primeiro desejo...

E' sem duvida nesse saboroso cocktail que se inspirou um dos azes do ultramodernismo nacional, quando imaginou a poesia "pau brasíl", nova e feliz transformação do nosso indestructivel mal littérario.

P. P.



A CONQUISTA DO SERTÃO

(UMA CONFERENCIA)

EM meados do seculo XVII, o segundo da nossa Historia, estava finda a obra ingente da posse e da defeza do primitivo *habitat* brasileiro, o litoral. Restava, é certo, uma pequena faixa de costa, de Parabaguá para o Sul, que devia ser colonizada por elemento já oriundo da propria terra e da gente brasileira. Ora, nesse seculo e meio de trabalho arduo e de lucta tenaz, como foi visto na ultima das conferencias, o Brasil, entretanto, prosperou e seguiu o seu caminho para aquella evolução, que devia ser tão rapida e brilhante.

Si se considerar que nesses cento e cincuenta annos todas as forças se concentravam na lucta a que acima se alludiu, ficar-se-á um tanto pasmo de que economicamente, socialmente, a Civilisação já estivesse acclimada em nossa terra e della já houvessem fructos e fructos notaveis.

Em 1583, veio ao Brasil, como visitador da Sociedade de Jesus, o Padre Fernão Cardim, e esse sacerdote nos deixou informações, preciosas do estado do nosso paiz por esse tempo. Por essas informações, juntas ás consignadas na magnifica obra de Gabriel Soares e ás que Anchieta e outros jesuitas mandaram para os seus superiores, aqui e na Europa, ver-se-á que nessa extensa porção de costa, ainda mal defendidos os nucleos onde a Civilisação assentára, já entretanto, a vida tomára caracteristicas não só permanentes e definidas, como progressistas.

Havia mais de cento e vinte engenhos de assucar, do qual já se exportavam 60.000 caixas annualmente, o que quer dizer

que esse elemento da nossa agricultura, o principal, sinão o único dessa era, pesava no mercado universal, dando ao Brasil a primazia da exportação do gênero.

Em algumas regiões, Bahia e Pernambuco, e nesta principalmente em Olinda, a riqueza como sempre sóe acontecer, havia produzido o bem-estar e o luxo, quiçá mesmo o inicio de uma literatura, posto que sem caracter nacional, como se vê naquela insípida "Prosopopéa", primeiro poema feito no Brasil.

Pode-se afirmar que em Olinda os gibões de veludo, as vestes de seda, e as joias das senhoras, os torneios, a vida elegante, com o acompanhamento de todos os exageros, patenteavam indiscutivelmente o estabelecimento e o apuro da Civilização.

Todavia, era de menos de vinte leguas o avanço da Civilização, para dentro das plagas brasileiras. Além ficava o sertão, vasto, incalculável, absolutamente desconhecido e povoado daquelle gentio feroz, que era uma das razões determinantes, quiçá a máxima, entre as que inhibiam o acesso a esse enorme *hinterland*.

Entrementes, algumas expedições já tinham ido a procura dessas brenhas, mas umas haviam tornado com a desillusão própria das viagens por terras tão inhospitas, outras, unicamente preocupadas, como se verá daqui a pouco, com uma indústria muito particular, penetraravam, descobriam verdadeiras maravilhas sob o ponto de vista natural, mas voltavam sempre sem engendrar qualquer nucleo que pudesse estabilisar a Civilização.

Porque o Portuguez, tão porfiado nas suas empresas, tão dominado do amor das aventuras, tão capaz de heroicidades, não poude, por si mesmo, completar a obra da colonização do vasto território, que depois lhe pertenceu até 1822?

Razões houve, por certo, e razões hoje perfeitamente discriminadas, que tolheram a esses "Cavalleiros do Oceano" o se tornarem os Cruzados do nosso interior.

A nossa natureza tão prodiga, tão dadivosa, tem, entretanto, caprichos, e se defende com uma hostilidade positiva, dos que lhe desejam poluir a virgindade.

Observando-se a extensão do nosso litoral, do Belem até o Sul, concluir-se-á que nelle tres zonas características, dividem-n'o, por assim dizer, de uma maneira singular. Dos limites meridionaes da Bahia para o Sul, ao longo da costa, uma serrania, a maior parte das vezes ingreme e quasi toda difficult de ser galgada, corre tão parallelamente ao Oceano que, todos o sabem, foi-lhe dado o nome de Serra do Mar, indo morrer nos areaes que ao Norte do Rio Grande marcam o fim dessa cordilheira. Da porção em que se termina ao Norte a Serra do Mar, começam os areaes extensos, povoados de coqueiros e cajueiros e que, sem embargo de manchas de terreno conveniente e proprio para cultura, acabam inter-

namente catingas, matto espesso, bravio, tortuoso, de penetração difficultima.

No extremo norte, dominam os mangues, os alagadiços que do Piauhy em diante, até a fóz do Amazonas revelam perfeitamente a luta ingente dos grandes rios, que vêm do interior, com o mar, lucta de que resulta, pelo transbordamento das aguas, a inundação quasi perenne desses terrenos, tornando realmente trabalhosa e extremamente penosa, senão incapacitando, a fixação e a existencia nelles. Deprehende-se, pois, que as condições naturaes da terra visinha do litoral tornavam rude, difficultil o accesso do sertão. Os portuguezes o teriam conseguido, talvez, se a esses embaraços não se aggregasse, superando-os, a resistencia indomavel do gentio, que, favorecido pela situação topográfica, se sentia á vontade para oppor aos Lusitanos uma desesperada e formidavel barreira, da qual, em ultima analyse, só os paulistas puderam triumphar.

Consequentemente, só uma raça especial, reunindo em si mesma os predicados necessarios para transpor tão sérios obstaculos geographicos e humanos, seria capaz de realizar o emprehendimento vedado a outros.

Essa raça appareceu no scenario da nossa Historia.

Foi a dos *Bandirantes*, e entre estes especialmente os *Mamalukos*, expressão preferivel á *Mamelukos*, corruptela do vocabulo primitivo da origem tupy que quer dizer *mestiços*. A especialisação dos Mamalukos se impõe, porque elles são o elemento activo, a base, o peso real daquellas famosas Bandeiras, que primeiro devassando as longas e interminas selvas do nosso interior, acabaram mais tarde, e por força mesma dessas incursões, por se tornarem as colonizadoras das principaes porções delle.

E porque a elles, Paulistas, seria delegada, quasi como um monopolio, a função historica, cujas consequencias se comprehendem de sobejlo, da conquista do sertão, na sua maior parte?

S. Paulo de Piratininga havia sido fundada em 25 de Janeiro de 1554.

Por aquelle instincto agudo dos jesuitas, que em tudo punham a maior intelligencia e tinham o descortino mais largo, quando ao fructo de seus emprehendimentos, Nobrega, de passagem em S. Vicente, subira a serra, estivera em Santo André e vira os campos e principalmente aquella lombada de morro situada entre os dois ribeiros Anhanbahú e Piratininga, e de instante se certificára da posição magnifica que aquelle terreno apresentava para o estabelecimento de um posto avançado da Civilisação e da Fé.

No anno seguinte, 1554, o Padre Mancel de Paiva, no dia precitado, rezava, acolitado pelos irmãos José de Anchieta, Diogo

Jacome e outros, a primeira missa que foi ouvida nas planuras de Piratininga.

A povoação para logo se desenvolveu em redor daquella choça ou rancho, de que se compunha o primitivo collegio, com uma unica sala, se é que não ha exagero nessa qualificação do unico aposento de terra batida, coberto de sapé, de páo a pique ao mesmo tempo enfermaria, refeitorio, cosinha, despensa, pharmacia, escola, etc. Ao lado desse rancho principiaram a se agrupar os tejupares dos Tupiniquins, cujos maioraes eram Tibiriçá e Caiuby. Os Portuguezes vieram depois.

Santo André da Borda do Campo, com grande despeito de João Ramalho e da sua mamalukada, começou a se despovoar e em breve Mem de Sá fazia transferir a villa para S. Paulo. Dentro em pouco, talvez instigados mesmo pelos de Santo André, os indigenas dos arredores atacavam a nascente povoação, e os selvicos de Tibiriçá e de Caiuby, estimulados pela cruz que os sacerdotes de Jesus lhes mostravam, reppelliram-n'os. Nova e formidavel arremetida se fez em 1562, consequencia da fortissima Confederação dos Tamoyos, que poz em risco de perecer o Sul Portuguez da nossa terra. Resistiu ainda a minuscula villa, que já o era, mas até fins do seculo XVI S. Paulo se conservou uma verdadeira praça de guerra, cercada de fortes muros, apesar de ser já de si magnificamente defendida pela sua posição a cavaleiro dos ribeiros Anhangabahú e o actual Tamanduatehy, dos quaes a separavam aquellas inaccessibleis escarpas que subiam até o pateo do Collegio e ao extremo do Triangulo, cuja designação perdura até hoje.

Em 1592, nas suas vizinhanças, em Pinheiros, bandos daquelles mosqueados Carijós, cobertos de pelles de jaguar, incendiavam a capella.

Não excedia de cinco leguas o raio da actividade agricola dos paulistas, já numerosos, já cheios de filhos, muitos dos quaes eram mamalukos. Ibirapoera, a actual Santo Amaro, a povoação nascente de Parnahyba, e o sitio de Boijy, onde João Ramalho se recolhera para descanso da afanosa e longa vida, limitavam os horizontes da Civilisação dessas alturas.

Estas circumstancias explicam porque aquella gente teve o ensejo de se sentir perfeitamente preparada para a missão que a Historia lhe reservava.

Tendo de combater, pela propria segurança, esses indigenas que de continuo a ameaçavam, a gente paulista se habituára, através das primeiras bandeiras, das primeiras organizações, unica e exclusivamente de defesa, a rumar pelos logares invios, guarida natural do inimigo. E nesse trato, em pouco compreendera ser essa a função que mais lhe convinha. Em principios do seculo XVII,

os Paulistas, havendo afastado para bem longe a ameaça do gentio, se entregavam positivamente á industria da *caça ao indio*. Na contentada com os aborigenes, a qual, convém repetir, a principio representou apenas a necessidade da defesa, o Paulista tinha visto despertar nelle a propensão que o havia de fazer a raça cabalmente apta para o fim necessário da conquista do sertão.

Entretanto, as primeiras Bandeiras não revelam ainda aquella organização, perfeita, regular, caracteristica de um commercio ou de uma industria. O nome nunca se soube bem até hoje de onde proveio. Capistrano de Abreu, baseado em Anchieta, lembra que *bandeira* devia resultar do costume tupiniquim, de se alçar uma bandeira em signal de guerra aos inimigos.

Os que della faziam parte eram chamados *os da tropa*, e o chefe persistentemente cognominado *cabo da tropa*.

As que sahiram nos primeiros tempos se compunham de um cabo, de um immediato desse cabo, de alguns brancos, em geral de origem portugueza ou de origem hespanhola, porque para logo se fez intensa a immigração dos castelhanos a Piratininga, — de mamalukos e de indios, indios mansos, indios *flexeiros*, como se dizia então. Destes ultimos houve senhores que possuiam grande numero, como por exemplo Manoel Preto, o futuro destruidor das povoações jesuitico-guaranys do Guayrá, que aldeava mais de mil na sua fazenda da Nossa Senhora da Esperança, depois Nossa Senhora da Expectação do O'. André Fernandes, Antonio Pedroso de Barros, e outras grandes figuras da época, eram chefes também de verdadeiros exercitos de selvicos.

Partia um grupo assim organizado com viveres apenas para dois ou tres dias, mas seguramente com uma carga respeitável de polvora, chumbo e cordas, que os indigenas levavam ás costas. No caminho se encontraria o que comer — a caça e a pesca forneciam alimento, e quando não as houvesse, em nossas mattas faltariam por ventura fructas selvagens, palmitos e outros matadores da fome? Não, e quando tudo isso não existisse, ahi estavam certos animaes horripilantes e nauseabundos para nós (cobras, sapos, lagartos, etc.) mas que não eram difficeis de tragar por estomagos pouco ou nada habituados a finos acepipes.

Mais tarde, á medida que a industria da caça ao indio foi dando proveitos cada vez mais avultados, ipso facto, ella se foi organizando cada vez melhor, e quando, em meiodos do seculo XVII, já o Paulista era conhecido em todo o Brasil como especialista em *descer indios*, em S. Paulo, centro exclusivo das bandeiras, todas as attenções e todas as energias se congregavam em torno desse objectivo, como hoje em torno do café, do algodão ou dos grandes ramos da actividade pratica.

As bandeiras partem como verdadeiras cidades ambulantes. Já não são apenas alguns aventureiros, e sim grandes massas de homens que se embrenham em regiões afastadas, longe, muito longe do ponto de partida. Ahi cumpre passar longos annos, por isso mesmo levam as Bandeiras, alem do material indispensavel, capellães, escrivães, em summa, tudo quanto é necessario para cuidar da vida e da morte. Não são poucos os inventarios, actualmente publicados, de sertanistas, feitos em tempos e na occasião dessas *entradas*, e até são elles o melhor elemento para que se possa ter noção exacta da organização das bandeiras e do viver dos bandeirantes.

Certamente, esses homens que exerciam uma profissão a principio imposta por uma razão essencial de garantia da propria existencia, tinham comprehendido em breve quanto a mesma lhes era propicia e adequada, alem do mais porque se lhes impunha por outra causa decorrente do *habitat* em que residiam.

S. Paulo está aquem da Serra do Mar, por qualquer lado difícil de ser transposta, ainda agora, em que todos os grandes progressos a fizeram sulcar de magnificas estradas de ferro e de rodagem. Hodieramente ha occasões em que o trafego por ella se impossibilita, senão de todo, ao menos em grande parte.

Quasi isolados dos portos, acantonados no seu planalto, inhibidos de exercer a sua actividade da maneira por que o faziam os habitadores do litoral, os Paulistas fatalmente haviam de se dirigir para o interior, ao qual os attrahiam as duas grandes vias flu-viales — os rios tutelares o Tieté e o Parahyba e, onde o emprego mais conveniente da energia era exactamente o da caça ao incola, caça proveitosissima sob todos os aspectos, não só porque os escravos peiados e descidos eram empregados nas proprias labouras, como porque eram mercadejados em varios pontos do paiz, de mais em mais carecedor do braço agricola.

Si esta ultima consideração, capital entre todas as que concorreram para o phenomeno do bandeirismo, e o determinaram, não bastasse como attenuante das possiveis crueldades innegaveis dessas expedições, isto é, si a premente necessidade de trabalhadores ruraes não tivesese forçado a gente de S. Paulo a ir procura-los nas florestas mais proximas ou mais longinquas, em que se acoutavam, a comparação entre as maldades attribuidas aos bandeirantes e as que praticaram os conquistadores hespanhoes do Pacifico no Perú, no Chile, no Mexico e na America Central, o resultado final das excursões com a dilatação das nossas fronteiras até o sopé dos Andes, e sobretudo, o desbravamento do nosso interior permittindo que nelle se installasse a Civilisação, chegariam para, senão justificar os horrores por ventura cometidos, ao menos para diminuir e abrandar os protestos de revolta dos que, como

Capistrano de Abreu, tão severamente os profligam. Nem se diga que para evitá-los já no Brasil se implantaria a chaga da escravidão africana. No momento histórico em que bandeirismo toca ao auge, a importação dos negros da costa d'Africa, não só era muito mais custosa, como crescia de preço pela dificuldade do transporte através do *aspero caminho do mar*.

Só muito mais tarde, quando se verificou a superioridade do escravo negro sobre o escravo vermelho, ou por outra, quando se tornou clara a inferioridade deste para os trabalhos agrícolas, e principalmente quando as bandeiras se estabilisaram nas lavras do ouro, abandonando a primitiva indústria por esta mais lucrativa — é que ficou de todo posta de parte a caça ao índio e a utilização dele para os fins rurais em que sempre se havia revelado menos apto, e de que sempre procurou se libertar pela fuga, quando não o exterminavam as epidemias de bexigas e outras infecções, causadoras de grande mortalidade entre os indígenas.

Com efeito a imigração africana se fazia já por esse tempo em larga escala. Das informações de Cardim, Gabriel Soares e outros seus contemporâneos, se conclui que em fins do século XVI, numa população de cerca de 60.000 habitantes civilizados, segundo Rio Branco, já havia 14.000 escravos africanos. Estes custavam muito mais que as *peças*, expressão que não deve causar estranheza, por ser o nome dado aos índios, os negros da terra, que nos tempos de abundância chegavam a baixar a 4\$000 *per capitum*.

Foi pois, movidos por essas várias razões de ordem topográfica, econômica e atávica, que os paulistas se tornaram, quasi unanimemente bandeirantes, monopolizando, por assim dizer, essa organização *sui generis* — a Bandeira, de que era função máxima e característica o mamaluko. Este herdára do pae lusitano ou hspanhol a coragem, o instinto da aventura, o desejo, talvez romanesco, de viver sempre à cata de novas e mais profundas emoções, e da mãe autochtona a capacidade para viver no meio agreste das selvas, das descomodidades, da falta regular de alimento. Por isso mesmo varou elle todo o nosso sertão.

E' preciso não confundir essa primeira phase do bandeirismo despovoador, quasi infrutífero, quanto ao ponto de vista de colonização, com o período que havia de ser a consequência mesma della, mas que só veio depois, o ciclo estável e definido do aposseamento e da civilização do nosso interior, na sua maior parte. Não obstante, essa primeira phase, a da caça ao índio, é por certo a mais conhecida, e a que toca mais aos corações dos que se ufanam, com razão, de ter nascido na terra dos bandeirantes e muitos de lhes correrem nas veias o mesmo sangue. E' a quadra heroica das grandes viagens feitas através de vastas e interminas regiões, a dos Raposo Tavares, a dos Manoel Preto, dos Ferraz de Araujo, dos Sebastião

Paes de Barros, dos Pedro Torto, dos Fernão Dias Paes, para não citar sinão os que symbolisam melhor, por maiores e mais notaveis acções, todos esses colossaes emprehendimentos. De facto, é para nos envaidecermos o lembrarmo-nos que Raposo Tavares, o senhor de Quitaúna, alcançado o Paraguay, por elle subiu, para depois, atravez do Guaporé e do Madeira, entrar em aguas do Amazonas, de onde por mar voltou a S. Paulo, a que chegou passados oito annos, tão mal tratado e disfigurado pelas agruras da Odysséa, que a familia não o reconheceu.

Realmente, ainda quando — como o provou a erudição de Washington Luis — não seja possivel affirmar que a espada vitoriosa do chefe paulista houvesse, depois de vencidos indigenas e hespanhóes, mergulhado em aguas do Pacifico, basta essa home-rica e inacreditavel façanha, de contornar atravez de mil obstaculos naturaes e humanos, quasi todos os limites occidentaes do Brasil, para immorredouramente celebral-o tal qual o vemos na consagração definitiva em que hoje se encontra no Museo do Ypiranga.

Tres dezenas de annos apoz esse epico comettimento, Antonio Ferraz de Araujo, Manoel de Frias e Gabriel Antunes Maciel, depois de travessarem o Paraguay, ameaçaram Santa Cruz de la Sierra, em plena Bolivia. No segundo quartel do seculo XVII, Sebastião Paes de Barros, que Paschoal Paes de Araujo substituiu, por ter o cabo morrido na empreza, attingia as aguas do Tocantins, onde D. Pedro II, os mandava saudar po ruma carta regia de alta significação.

A furiosa arremetida contra as missões jesuitico-guaranys de Guahyrá, Tapes, Uruguay e Paraná, iniciada pela grande bandeira de 1628, commandada por Antonio Raposo Tavares e Manoel Preto, e prosseguida em terriveis razzie até 1638 — teve as maiores e melhores consequencias historicas. Sem essas bandeiras, que certamente procederam com crueldade para com os indios aldeados, mas de cujos resultados o Brasil colheu enormes proventos, os jesuitas hespanhóes, que já extendiam o seu dominio, por meio de numerosas reducções Paranapanema acima até as visinhanças do Itararé — teriam ficado de posse d'uma grande parte do sul de S. Paulo, e de quasi todo o territorio dos actuaes estados de Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul. Quando, pois, como aliás sucedeui em 1750, houvesse Portugal de regular as suas fronteiras com a Hespanha, de acordo com o principio do *utipossidetis*, toda essa vastissima porção de terra, sem duvida alguma a mais fertil, a mais promissora de riquezas, a de clima mais ameno de todo o Brasil, teria de ser adjudicada á Hespanha, do mesmo modo que por identicas razões, a Amazonia o foi á Portugal.

E hoje argentinas, uruguayas ou paraguayas, seriam essas importantissimas unidades da Republica Brasileira...

De todos os heroes do cyclo da *Caça ao Indio*, o mais conhecido é Fernão Dias Paes Leme, aliás, não pelas façanhas — e foram bastantes — que praticou no exercicio da função caracteristica deste periodo, mas pela grandiosa bandeira de 1674, a que marca, a passagem de um a outro estadio do bandeirismo, isto é, da época da escravisação indigena á do ouro.

E' o "Caçador de Esmeraldas", que os hugoanos versos de Bilac vulgarizaram, fixando-o como o typo mais representativo do bandeirante, e desta vez a ficção poetica não adulterou a verdade historica. Effectivamente, a bandeira de que elle foi cabo e que partiu de S. Paulo em julho de 1674, possue — não só uma organização completa, absolutamente definida, como ainda o merito de ser a que reune em si os elementos para a passagem desse cyclo da caça ao indio ao grande cyclo do ouro, o cyclo derramador da Civilisação pelo *hinterland* nacional.

Alcançado o valle do Parahyba, que era o rio tutelar para as bandas de Leste, como o Tieté o era para as bandas do Oeste, attingiu ella, pela garganta do Embahú, a parte sul do actual territorio de Minas Geraes, que varou, seguindo as pégadas de predecessores illustres, até a bacia do rio das Velhas.

Por cerca de oito annos perlustrou Fernão Dias Paes toda essa enorme zona, irradiando as suas excursões até pelo sul da Bahia e fundando arraiaes — Sumidouro, Ibituruna, Paraúpeba — nucleos que ficaram, de povoamento e civilisação. Seu intuito era, entretanto, o de descobrir a decantada Sabarabussú, a serra das esmeraldas. Alcançou-a, por fim, mas as esmeraldas eram turmalinas. Deus não quiz que o grande explorador, o typo talvez mais acabado do sertanista, passasse pelo desgosto de ver o seu sonho desfeito. Morreu no arraial de Sumidouro, e hoje os seus restos, trazidos a S. Paulo, descansam na Abbadia de S. Bento.

Appareceu, portanto, em fins do seculo XVII a bandeira transformadora do caçador de indios, despovoador e nomade, no Paulista que funda arraiaes, se estabelece e deixa fócos de civilisação nos logares por onde passa. Dentro em pouco, gente de Taubaté irá, atravez ainda da caçada ao indio, encontrar os riquíssimos ribeirões auriferos das Minas Geraes. A Taubaté teria que caber, por força da sua posição geographica, a função de atalaia do cyclo do ouro, como o memorável triangulo — Parnahyba, Ytú, Sorocaba — havia sido a do da caça ao indio.

Antonio Rodrigues de Arzão, preiando selvicos na região chamada dos Cataguaz, descobriu ahi ribeirões auriferos, e, de volta a Taubaté, legou, *in extremis*, o seu roteiro a Bartholomeu Bueno de Siqueira, seu cunhado ou con-cunhado, que, de parceria com Carlos Pedroso da Silveira, confirmou, mais ou menos, em 1694, o achado de Arzão. Outros lhe seguiram no encalço, e, então, aos olhos pas-

mos daquelles antigos caçadores de indios, se deparou couisa mais rendosa que a primitiva industria. Um a um ou em bloco, se lhes apresentaram pejados do precioso metal, os numerosos e limpidos corregos e riachos daquelle terra privilegiada.

Em vinte annos, de 1693 a 1713, todo o vasto territorio de Minas Geraes estava, por assim dizer, conhecido ao menos nos seus pontos cardeaes, e de Taubaté, de S. Paulo, de Atibaia, pelos valles do Sapucahy e do Parahyba, se caminhava para aquellas bandas, onde o ribeirão do Carmo, o Guarapiranga, o Gualaxus do Sul, o Gualaxus do Norte, o Tripuy, Sabará, Caeté, e os demais centros abundantissimos do verdadeiro *rei do mundo*, surgiam para a cobiça paulista, como de resto para a cobiça de alhures, attrahida para esse legitimo El-Dorado.

Os desbravadores de selvas, que haviam percorrido, sem se deter, como judeus errantes, quasi todo o nosso consideravel interior, assentaram agora as suas casas, trouxeram as suas famílias e os seus escravos para junto desses ribeirões e dessas catas, e os arraiaes e as villas se fundaram como que por encanto, cresceram e prosperaram.

Esse esforço consciente do *bandeirismo* não podia, é certo, terminar ahi. Não estava na indole dessa raça o ganhar amador nadamente a vida, nem gosar, em placida mansão, os proventos antes alcançados; não lhes era possivel soffreiar aquella impaciencia de viagens e de descobrimentos, que os atirara para as longinquas e penosas excursões atravez do Brasil.

Um incidente historico, á lucta entre duas correntes, a dos estranhos, dos que não eram paulistas e que, imantados pela *aurea sacra fames*, vieram tambem buscar uma parte do quinhão magnifico — e a dos descobridores e primeiros aposseadeiros da região, terminou mal para estes. Os paulistas foram vencidos nessa campanha, que ficou com o nome de "Guerra dos Emboavas", designação geralmente mal interpretada pelos que a consideram synonyma de portuguez. *Emboava*, na accepção que a palavra exprime nesse episodio, quer dizer todo o individuo contemporaneo delle, nas minas, que não era paulista.

Derrotados, os paulistas não quizeram permanecer inactivos nos seus grandes latifundios, em derredor de S. Paulo e das villas que então já eram prosperas — Parnahyba, Ytú, Sorocaba, Taubaté, Mogy, etc., não se contentaram em repousar apoz tantos afans. No espirito daquelles homens começou a perpassar a idea de que, perdidas as Minas Geraes, elles deviam buscar outras fontes de ouro onde o emboava não pudesse ir e que lhes ficassem eternamente asseguradas, não mais pelos alvarás e cartas régias, como anteriormente, mais tarde burladas, mas pelo decidido esforço e

pela vontade firme com que se propunham descobril-as, exploral-as e guardal-as.

Então, uma lenda que andava de boca em boca por todo S. Paulo daquella era, principio do seculo XVIII, se enraizou mais fortemente na alma de dois velhos bandeirantes, Antonio Pires de Campos e Bartholomeu Bueno da Silva Junior.

Antonio Pires de Campos era filho de Manoel de Campos Bicudo grande sertanista do seculo anterior e que tinha no sangue mistura de varias raças — a dos Campos, de origem flamenga, e a dos Bicudos, attinente a Portugal por um lado e ao Tupiniquim por outro.

Bartholomeu Bueno da Silva Júnior, o nome o diz, era filho do terrivel Anhanguera.

Ambos conservavam na mente a lembrança de que, quarenta annos antes, ainda adolescentes, em companhia dos paes, cujas bandeiras se haviam encontrado e juntado, tinham, em longinquas paragens, avistado uma serra singular, cuja conformação, assemelhando-se em extremo aos martyrios de Christo, lhe determinára o appellido de "Serra dos Martyrios". Jamais se haviam esquecido de que nos ribeirões do sopé da serra, tinham brincado com numerosas pepitas de ouro, como hoje as creanças brincam com seixos á beira de qualquer praia. Era ali, era nos Martyrios que aquella hegemonia paulista, perdida nas Minas pela victoria dos Emboavaç, se iria restaurar, e desta vez definitivamente.

Com mais de cincuenta annos um e outro, não socegaram enquanto não iniciaram, cada qual por seu turno, o atrevido emprendimento.

Antonio Pires de Campos partiu primeiro, não se sabe bem por qual dos rumos, porque eram douis os em geral seguidos pelos paulistas para as bandas do Oeste e Sul-oeste, o de Tieté e o do Paranapanema. Por ambos, alcançado o Paraná, subia-se o curso de um de seus affluentes da margem direita, entre o Urubupungá e o Salto das Sete Quedas, mais commumente o Pardo, até chegar ao divisor das aguas, entre as bacias do Paraguay e do Paraná, e por varadouro (o mais frequentado era o de Camapuan) se alcançava um affluente da margem esquerda do Paraguay, de preferencia o Taquary, e, entrado no Paraguay, ou se navegava por este rio até onde possível, ou pelo S. Lourenço se ia até o Cuyabá. Para chegar ao Paranapanema, o caminho era por Sorocaba, pela *fazenda velha* dos Jesuitas, no sitio de Botucatú, e por S. Miguel. Para o Tieté — e foi este o mais usado, o das monções — por Parnahyba e Ytú ia-se buscal-o em Ararahytaguaba, a actual Porto-Feliz.

Fosse como fosse, Antonio Pires de Campos se embrenhou no Sul do actual estado de Matto-Grosso. Longos annos, por todos os lados, procurou a serra que não encontrou.

Nas pegadas desse teimoso bandeirante, filho e neto de bandeirantes, seguiram outros, e, como naturalmente estava indicado, á gente de Sorocaba, pela proximidade de uma das vias de comunicação citada ha pouco, devia caber a relevancia entre as demais, nos descobrimentos que então se fizeram. Effectivamente, em 1718, o capitão-mór Paschoal Moreira Cabral Leme, de Sorocaba, achou, em terras habitadas pelos Aripoconés, á beira do Coxipó-Mirim, as ricas jazidas de Cuyabá, onde em breve se ergueu uma povoação que tomou esse nome.

Foi o inicio da colonização de Matto-Grosso. Para lá logo affluiram os paulistas, preferindo o caminho onde a monção era mais facil, do Tieté desde Ararahytaguaba, e que se tornou a unica estrada para Matto-Grosso, até quasi a metade do seculo XIX.

De tal forma se intensificou o rush para Matto-Grosso que em 1734, derrotados os Paricys perto de Guaporé pelos irmãos Paes de Barros, ali se fundou Villa Bella, garantia extrema da nossa expansão occidental, como se dirá em proxima Conferencia.

Por sua vez, o Anhanguera moço quiz tambem descobrir os Martyrios. Era uma façanha que bem lhe ficaria a elle, filho do terrivel caçador do gentio, aquelle paulista grande, de olho furado e aspecto torvo, que intimidava os indigenas pela bravura, pela audacia e pela fealdade, e que percorrera rudes terras, onde so-branceiramente dominára e aterrorizára rudes gentes. O proprio appelido com o qual passou á Historia, que o conhece mais por elle do que pelo legitimo nome, lhe devia servir de incentivo. Anhangóera! Anhangóera! Diabo Velho! bradaram attonitos os indigenas de entre o Parnahyba e o Araguaya, quando Bartholomeu Bueno, para os obrigar a lhe mostrar o ouro, os ameaçou de lhes queimar os rios, como queimava aquella agua posta na escudella.

Obtido o direito de passagem dos rios, possuido da certeza da existencia do ouro, o sertanista, ao partir, no dia solemne da missa e da communhão de toda a tropa, declarou, em tom peremptorio que "ou descobriria a serra dos Martyrios, ou morreria na em-presa".

Seguindo mais ou menos o rumo da actual Mogyana, Anhangóera Filho, em meiodos de 1722, daqui sahiu com a bandeira em que iam, alem de outros homens — ao todo 300 armas — o genro, João Leite da Silva Ortiz e dois missionarios, Fr. Jorge e Fr. Cosmo, e todo o pessoal costumeiro dessas expedições.

Atravessado o rio Grande, o antigo Jeticahy, varado o actual Triangulo Mineiro, entrou a bandeira em terras hoje chamadas goyanas, que percorreu em todas as direcções, extravassando mesmo para Matto-Grosso e para a Bahia.

Por toda a parte se lhe mostrava fugidia a Serra dos Martyrios. De uma feita, o genro encontrou ouro em um ponto qual-

quer. Todos ficaram contentes, porque parecia que estavam findos os soffrimentos e as privações. Enganavam-se. O velho cabo não quiz saber daquelle ouro, porque não era dos Martyrios. Houve, pois, que recomeçar. Durante tres annos, atravez de grande miseria, perdendo gente, acuados pelos selvagens cada vez mais encarniçados contra os que lhes iam turbar a vida tão singela desse interior, os homens não desanimaram, pelo menos um pequeno nucleo em torno do chefe. Bartholomeu viu a sua comitiva reduzida a sessenta pessoas, mas não se retirou da empresa senão quando descobriu no sertão dos Guzaiás os cinco ribeirões auriferos, em torno dos quaes se erigiu o povoado Villa Bôa, que é hoje a cidade de Goyaz. Ainda assim, foi preciso que se pensasse em S. Paulo em o mandar soccorrer e forçal-o a deixar aquella aventura temeraria.

Os Martyrios continuaram invisiveis, mas Goyaz foi aberto á Civilisação, prosperando de tal modo que, em 1746, já ascendia a capitania independente de S. Paulo, como Matto-Grosso o foi em 1748.

Foram conseguintemente os bandeirantes que integraram na Civilisação essas regiões, hoje os estados de Goyaz, Matto-Grosso e das Minas Geraes, fontes inexauriveis de riquezas, muitas das quaes, não foram ainda aproveitadas.

Não são elles, entretanto, os unicos factores da conquista do sertão.

Força é considerar a colonização da vasta zona do valle do S. Francisco, e da que é hoje genericamente conhecida sob o nome de Nordeste Brasileiro. De outra parte cumpre explicar como a Amazonia, isto é, toda a região banhada pelo rio maximo e seus affluentes, entrou para a orbita da accão civilisadora.

A colonização dos sertões da Bahia, do interior dos actuaes Estados de Sergipe, das Alagoas, de Pernambuco, da Parahyba, do Rio Grande do Norte, do Ceará e do Piauhy, é função do criador de gado, mesmo hoje a unica industria existente nessas paragens, tão singulares quanto ás suas caracteristicas topographicas e climaticas.

Se ao vaqueiro, ao que trata e cuida do gado, coube essa missão historica, a verdade é que, sem a accão previa do bandeirante, por vezes elle proprio, apóz o trabalho, transformado em creador, ella não se teria podido realizar.

Os extensos e aridos catingaes que dominam completamente, ou quasi, toda aquella colossal porção de nossa terra, onde o vermelho, á vontade, podia resistir ás armas mais fortes do branco (o arcabuz e a espada), com o seu arco e a sua flexa, não teriam sido atravessados pelo boi sem que o paulista delles tivesse expellido, no seu officio de caçar indios, os que lá habitavam.

Com effeito, desde meados do século XVII, logo após a terminação da guerra hollandeza, os moradores da Bahia recorreram aos serviços dos bandeirantes paulistas para livral-os dos indios que, aproveitando-se da lucta com o estrangeiro, se haviam approximado muito da Capital do Brasil, ameaçando-a verdadeiramente.

A Municipalidade contractou, Domingos Barbosa Calheiros, que seguiu com a sua tropa e penetrou nos sertões do Norte da Bahia; durante algum tempo ahi se manteve, deixou-se illudir por Payaguaz que se lhe diziam amigos, e a expedição resultou nulla.

Tal era, entretanto, a especialisação dos Paulistas, que a Camara Municipal da Bahia, contractou de novo Braz Rodrigues de Arzão e Estevam Ribeiro Bayão Parente. Pouco tempo depois, os dois partiam e levavam os seus destemidos mamalukos para varrer os indios do Norte e do Sul do Paraguassú, e em menos de tres annos toda aquella vasta região ficou isenta de inimigos.

O exemplo foi seguido por outras capitanias. Em breve Pernambuco contractava, por escriptura publica, os serviços de Domingos Jorge Velho para a extincção dos palmares, os terríveis quilombos de negros fugidos para os alcantilados e inhospitos ermos da serra que d'ali entra pelas Alagoas.

Por si só, Domingos Jorge Velho não poude destruir inteiramente os Palmares, mas, coadjuvado por Pernambucanos e Alagoanos, acabou afinal por derrubar aquella pretensa republica de escravos fugidos, cujas façanhas permittiram a Oliveira Martins appellal-a com mais eloquencia que verdade, a "Troya Negra".

Estabelecido por essas bandas, Domingos Jorge Velho se ligou em breve portuguez abastado, Domingos Affonso Mafrense, ou "Sertão", senhor de fazendas na margem septentrional do S. Francisco. Com o elemento pecuniario de um e o elemento guerreiro de outro, se iniciou a conquista do Piauhy, aquelle grande estado do Norte, que tão bem demonstra, pela sua configuração geographica, estreita ao Norte e bojuda ao Sul, á maneira de uma garrafa, o modo pelo qual nelle penetrou a Civilisação.

Os sertões do Rio Grande do Norte, do Ceará, da Paraíba, como os do Sul da Bahia, por intermedio dos Mathias Cardoso, dos Figueira, dos Navarro de Andrade e de outros, todos paulistas, e, seria superfluo dizer-bandeirantes—, puderam por processos idênticos, ser abertos á colonização. Paulistas houve que ficaram para sempre nas terras que elles haviam expurgado do gentio. Navarro de Andrade veio a morrer no "Engenho Paulista", onde cem annos depois se devia suicidar a figura, sinão mais culminante, ao menos mais pura da Revolução Pernambucana de 1817 — o Padre João Ribeiro.

Graças a esse consideravel esforço, as catingas do Nordeste livres do indigena deixaram-se penetrar pelo gado. E, de curral em

curral, de fazenda em fazenda, o boi, aquelle boi paciente e amigo de que fallava o poeta, ia transportando a Civilisação que, certo, é limitada ainda hoje naquellas paragens, porque as condições naturaes lhe tornam difficult o desenvolvimento. Todavia, as povoações naturaes que lá existem, e que são consequencia dos curraes e das fazendas, guardam, em compensação, as primitivas tradições da nossa gente, da nossa raça inicial, com mais segurança e nitidez do que outras partes do Brasil, invadidas mais tarde pelo cosmopolitismo da immigração.

A Amazonia, essa foi a obra colonizadora dos missionarios catholicos. Quasi em meio do seculo XVII, quando o dominio batalho era ainda uma realidade de Alagôas ao Ceará um grande feito, que repetiu a celebre viagem, secularmente anterior, de Orellana, confirmava a navegabilidade do Amazonas e de alguns de seus affluentes, isto é, a possibilidade de communicação fluvial, nessa zona, entre o Occidente e o Oriente da America do Sul. Pedro Teixeira, em 1638, repetia em sentido inverso a aventura do hespanhol de 1540, indo de Belem a Quito e de Quito tornando a Belem.

Os jesuitas estabelecidos no Estado do Pará-Maranhão, cujo governo, por motivos ponderosos, havia sido separado do do Estado do Brasil, (separação de que até hoje se fazem sentir os effeitos), comprehenderam a vantagem da evangelisação dos numerosos selvicos que habitavam aquellas lindas regiões á beira do grande rio e seus affluentes, e começaram ahi a fundar reduções onde aldeavam o gentio segundo o processo que lhes era habitual, isto é, catechisando o selvagem atravez da creança, do columy, attrahido pelos encantos das côres e pela musica. Seguro o columy atraç delle vinham os paes, e a palavra ungida sempre do sacerdote intelligent, acabava dominando toda aquella pobre e ingenua população. Por essa forma, os aldeamentos indígenas creados e dirigidos pelos jesuitas e outros missionarios da Fé Catholica, começaram a surgir, cada vez mais numerosos, pelo Amazonas em fóra, pelo Madeira, pelo Tapajóz, pelo Xingú, etc., de modo que, ao cabo de algum tempo, quando foi preciso argumentar com a posse para a fixação dos dominios portuguezes e hespanhoes na America, as Reduções dos Jesuitas e dos demais missionarios portuguezes iam de uma banda até o Javary, e de outra ao sopé da cordilheira que separa actualmente o Brasil das Nações que lhe ficam ao Norte.

Foram, conseguintemente, tres, os grandes factores da conquista do sertão brasileiro; o bandeirante, o creador de gado e o missionario catholico.

A gente de S. Paulo e a gente da Cruz se alliaram ao vaqueiro, para devassar toda a intermina seara de riquezas occultas

atraz dos obstaculos naturaes, que inhibiram peremptoriamente a penetração dos que tinham descoberto e colonizado o litoral.

E dos tres, o factor maximo foi o bandeirante, porque lhe coube, na partilha da obra, sob todos os aspectos gloriosa, da integração do interior nos dominios da Civilisação, a parte maior, senão a mais proveitosa, quer pelo esforço despendido, quer pelos beneficios alcançados, e que de hora para hora mais notavelmente se evidenciam.

Teve, portanto, razão Olavo Bilac, quando esculpiu no Verso adamantino o caracter preciso e immorredouro da accão dos filhos de S. Paulo:

“Teu pé, como o de um Deus, fecundava o Deserto”.

Na figura de Fernão Dias Paes, o poeta encarnou muito bem a alma de toda uma raça e os inegualaveis cometimentos da gente de Piratininga. Foi ella que nos deo para base indestructivel de uma grandeza cada vez mais inequivocamente desenvolvida, a hombrear com a das mais culminantes nacionalidades do orbe civilizado, esse immenso e fertil e dadivoso territorio que se estende do Atlantico aos contrafortes dos Andes, e do Chuy aos limites meridionaes dos estados do Norte.

Merece, pois, de pleno direito, sem lisonja nem favor, a consagração que, pelos bens incalculaveis que lhe devemos, a ella rendeu o estro patriota e altisonante do *Grande Vate*, na pessoa do “Caçador de Esmeraldas”:

“Violador de sertões, plantador de cidades,
Dentro do coração da Patria viverás”.

HADDOCK LOBO FILHO.



GRAÇA ARANHA E O HUMOURISMO

REUNINDO em livro a correspondencia entre Joaquim Nabuco e Machado de Assis, Graça Aranha escreveu, como prefacio, um admiravel estudo critico sobre a personalidade daquelles escriptores. Nelle estão as palavras mais commoventes e perturbadoras, que jamais foram ditas sobre Machado de Assis. E ainda nelle resalta, como um perfil de moeda antiga, a figura de Joaquim Nabuco, nas suas linhas essenciaes e definitivas.

Graça Aranha trabalhou com amor, com o amor que, na modelagem das figuras, faz o trabalho do fogo que amollece a cera e lhe dá uma facil malleabilidade, sem machucal-a de fissuras e rugas, sem esfarinhala em poeira inconsistente.

Nós evocamos, pela sua magia, a luta silenciosa de Machado de Assis para vencer as obscuridades das suas origens, para subir á tona do principado da intelligencia, "na tragedia surda do espirito que se eleva", — transpondo o plano de uma classe abafada pelo desprezo da lei e dos costumes. Machado de Assis fez a trajectoria ascensional de uma flôr estranha, que tivesse nascido no fundo de um lago, e que um dia, desvencilhando-se de todos os liames que a retinham, subisse á claridade da superficie, mais bella do que todas as outras, na ostentação da sua humida frescura. "Machado de Assis aristocratisou-se silenciosamente". Esta frase simples e precisa resume toda a vida do grande escriptor.

Ao lado desse heroismo, vemos apparecer o de Joaquim Nabuco. E' um heroismo ás avessas. Graça Aranha demora-se mais

na sua analyse. Evidencia que, em Joaquim Nabuco, o essencial era a preoccupação politica e a imaginação historica. O facto de Nabuco recusar-se a entrar em contacto com o pensamento de Ibsen, numa época em que todo o mundo lia e commentava Ibsen, offereceu a Graça Aranha a oportunidade de surprehender nessa attitude, a irremovível tendencia de limitação social e espiritual, que distingue os genios politicos.

A emoção esthetica em Joaquim Nabuco não era livre, indeterminada e "integrativa"; presupunha, no seu "arrière plan", a imaginação historica, o perfume do passado, os factos retalhados pelo tempo e pelo espaço... Exigia para emocionar-se estheticamente um estado preliminar de comparação entre o momento actual e o momento passado do universo. Por isso, nelle, a personalidade não se fundia no extase da contemplação pura, simples e entusiasta da natureza. Sentia sempre a necessidade do cotejo historico, da comparação de um feito humano com outro feito humano. Pode-se dizer que o seu espirito sentia-se mais á vontade á vista de uma cidade em ruinas, que em presença da natureza, virgem ainda do trabalho dos homens.

O estylo de Graça Aranha é sobrio, harmonioso e puro. Escreve economicamente. Não desperdiça. "Não permite um intervallo entre o que se chama palavra e o objecto". Nelle não existe o vacuo.

*
* *

Falando de Machado de Assis, tem esta frase caracteristica: "o estylo de Machado de Assis salvou a sua obra do mal que podia fazer o humour". Esta asserção revela a profunda coherencia de Graça Aranha consigo mesmo. Elle não pôde fazer causa commun com os homens que riem. Com effeito, a sua metaphysica, tal como vem exposta na Esthetica da Vida, inclina-se para uma como dissolução da personalidade, ao passo que o riso implica sempre a affirmação de uma personalidade. Esse antagonismo de tendencias faz com que elle olhe desconfiadamente os houmouristas. O riso tende a *solidificar* as almas; o extase, qualquer que elle seja, a *gazeifical-as*. O riso separa, põe um intervallo entre o espectador e o universo; o extase integra, unifica, apaga a distancia entre a creatura e a natureza. O homem que ri é sempre um analysta e, portanto, é um homem que nunca esquece a si mesmo. O mystico e o pantheista procuram o esquecimento delles mesmos, abysmando-se em Deus ou na totalidade cosmica. Isto não quer dizer, entretanto, que o primeiro tenha uma visão parcial, minuciosa e incompleta do uni-

verso, enquanto os outros, fazendo de todas as cousas um bloco só, uno e indivisivel, attinjam um estado de bemaventurança perfeita, de conhecimento integral. O trabalho da analyse nunca é puro e absoluto. Presuppõe sempre o conhecimento das cousas, como ligadas entre si e interdependentes. A fragmentação do bloco implica a existencia do bloco. A analyse de um corpo chimico seria inocua, seria vazia de consequencias, si o analysta não o considerasse como um élo na corrente interminavel de todos os outros corpos. E' verdade que na analyse as cousas tornam-se um "systema fechado". Mas é um "systema fechado", provisoriamente.

O humour prende o espirito á mobilidade do real, da vida quotidiana, evitando que se invente um mundo de fantasia, que se sobreponha ao que realmente existe. Para rir é mister comparar uma realidade com outra, e assim, o mundo, tal como elle é, está sempre presente. Nunca o humourista, como faz o místico, se perde no dynamismo universal. Mas si deseja o universo a uma certa distancia é para não perder, pela ausencia de perspectiva, nenhum dos traços que o caracterisam.

O facto essencial no humour parece residir na anteposição simultanea dos signaes *mais* e *menos* aos valores humanos.

O homem *commum* é positivo ou negativo. Não usa os dois signaes ao mesmo tempo. Deante de uma superioridade qualquer (um santo, um heroe, um rei...), ou toma uma attitude de veneração, dando a esse valor o signal *mais*; ou toma uma attitude hostil, em que se misturam sentimentos de inveja e de despeito. Assim, o santo ou o heroe, ora são encarados como reflexos da divindade, seres livres das solicitações imperiosas da vida quotidiana; ora são encarados como impostores, como criaturas fóra da humanidade, nada tendo de *commum* com o resto do rebanho humano. E' muito difficult a um homem ter *sympathia* por outros que com elle nada têm de *commum*. Ao mesmo tempo que é muito facil a um homem venerar aquelles que possuem no mais alto grão as qualidades que elle proprio desejaría ter. Vê-se, portanto, que o homem *commum* é incapaz de fundir num só esses dois sentimentos, dando aos valores que se lhe apresentam dous signaes simultaneos. A escolha do signal *mais* ou *menos* depende do temperamento individual, da qualidade da sua experientia, do grao da sua intelligencia, de certos estados de alma particulares, definitivos ou transitorios... De tal forma que a attitude de um homem pôde variar deante dos valôres que se lhe apresentam. Elle pôde viver oscillando entre os dous signaes.

O humourista joga com os dous valores ao mesmo tempo. Vendo o heroe, comprehende que, enroscado ao seu tropismo para a pratica de acções desinteressadas e altruisticas, está, como um

implacavel parasita, o esforço que elle desenvolve para ser um heroë, para persistir no "estado de heroismo". E' justamente nessa percepção do esforço, nessa visão da passagem do estado livre para o estado mechanico, que se aninha o sentimento de humour. O riso humoristico provem sempre da descoberta de uma inferioridade, de uma fraqueza, persistindo parallelamente ao lado de uma superioridade. Dahi a profunda sympathia que une sempre a pessoa que ri ao objecto ridicularisado. Sem essa sympathia, não existe o humour. Desde que ella falte, o riso torna-se satyrico e sarcastico.

Assim, quando o humourista ri sympatheticente do heroë, este é por assim dizer, projectado em dous planos diferentes, para cima e para baixo, perpendiculares ao mesmo eixo. E' preciso notar que a sympathia do riso humoristico é qualquer cousa que possue uma tendencia inata para se desenvolver para se alastrar, mas que é contrariada e refreada nessa sua tendencia pelo riso moderado do observador, pelo riso que nasceu evidentemente da percepção de uma fraqueza ao lado de uma superioridade. Houvesse só fraqueza, e a sympathia tornar-se-ia piedade. Não haveria riso, nem humour. E' preciso notar, entretanto, que essa superioridade apresentada pelo objecto risivel não precisa ser verdadeira. A ficção, o fingimento dessa superioridade já bastam, assim como a fraqueza entrevista pelo homem que ri no objecto risivel, pôde ser toda subjectiva e não existir na realidade. Pôde-se dizer que, quando um homem ri de outro que real ou apparentemente lhe é superior é porque, de repente, descobriu nelle certos defeitos e vicios, reaes ou imaginarios, transitorios ou definitivos, que diminuem e deformam aquella superioridade. Num instante, o humourista uniu o bem e o mal, como a linha azulada do horizonte que funde o céo e a terra.

Percebe-se, em todo homem que sabe rir *amavelmente*, essa preocupação essencial de prender á vida quotidiana todos os seres humanos que della procurem afastar-se. O humourista procede como si tivesse medo que os homens, pela sciencia, pela santidad e pelo heroismo, se tornassem imponderaveis e subissem definitivamente para o céo. Ora, elle procura dar um lastro a toda a virtude e a todo o heroismo, para que essas cousas tão consideraveis permaneçam dentro da atmosphera da terra, afim de dar mais graça ao scenario do mundo... Humorismo não implica o negativismo absoluto. O humourista verdadeiro usa do signal *menos*, mas não esquece nunca o signal *mais*.

Eu não pretendo fazer aqui um estudo do humour, sobre o qual se tem dito tantas cousas sensatas e disparatadas. Eu mesmo duvido que o que disse tenha muita importancia e lance, em vez de luz, maior confusão nos espiritos didacticos, que amam a ex-

posição clara, precisa e systematica das idéas. Disse todas estas cousas sobre o humour, para mostrar que Graça Aranha, posto que coherente consigo mesmo, arriscou uma affirmativa ousada quando disse que o "estylo salvou a obra de Machado de Assis do mal que podia fazer o humour". O sentido dessa frase torna-se mais claro, diante desta outra: "O humour pertence a uma época; vae-se com ella". Graça Aranha parece inculcar que o humour, verificando-se apenas em factos e occurrences da vida quotidiana, que recebem o colorido da época em que surgem, perde a sua significação, torna-se incomprehensivel para as pessoas que vivem em contacto com outras occurrences, de colorido diverso. Mas é difficult admittir que cada época da historia da humanidade apresente factos e occurrences absolutamente dessemelhantes dos das phases anteriores. Não só as instituições juridicas, sociaes e religiosas, com quanto mudaveis, guardam entre si um visivel parentesco de estructura, senão tambem as relações particulares de homem a homem offerecem o espectaculo de uma constante identidade de expressão.

Por isso, um livro, por exemplo, como a *Vanity Fair*, de Thackeray não está tão longe de nós, como pensa Graça Aranha.

O verdadeiro humourismo apega-se ás raizes mesmas dos sentimentos humanos e só se tornará incomprehensivel no dia em que estes forem arrancados.

*
* *

Podemos dizer que todas as cousas do universo offerecem á nossa sensibilidade uma certa pressão e uma certa temperatura. Decorrido algum tempo, nós nos adaptamos ao grão de temperatura e de pressão e, paradoxalmente, chegamos a não sentir mais a presença da realidade. Dá-se com a nossa sensibilidade, ou, melhor, com a nossa capacidade emocional, a mesma cousa que se dá com a pessoa que mergulha a mão numa bacia de agua quente: no fim de algum tempo, o individuo não sente mais o calor e a pressão, que fizeram vibrar os filetes nervosos e desequilibraram a circulação sanguinea. E' que de uma adaptação perfeita resulta sempre a inconsciencia completa. Uns demoram mais, outros menos, a se adaptarem á pressão e a temperatura das cousas, isto é, a não se commoverem, a não se espantarem mais deante do mundo.

Na infancia e na adolescencia, sentimos tudo, vibramos isochronamente com a totalidade universal. Vivemos misteriosamente. Depois, vem o periodo de adaptação, — uma paralysia. Vivemos familiarmente. E' a hora do tedio, do aborrecimento,

da ataraxia. Pouco a pouco, aprendemos a esquecer a temperatura e a pressão de todas as cousas...

E' nesse momento que a arte surge, para nos reintegrar no misterio, promovendo um desequilibrio na atmosphera em que vivemos e recriando, por assim dizer, o mundo, que emerge das profundidades da inconsciencia. A arte ainda não perdeu a sua feição magica primitiva. Hoje, como nos tempos das cavernas, quando os homens assombrados desenhavam, nos muros humidos e rugosos, animaes bravios, afim de exorcisal-os, ella apparece como uma divindade tutelar do individuo, para ensinal-o de novo a tomar contacto com o mundo que elle, a força de possuir, tinha perdido.

Ora, o humourismo, jogo de intelligencia que se acompanha de emoção, é um dos lados do polygono artistico. O humourista tambem sabe desequilibrar a pressão e a temperatura do mundo e estabelecer um estado temporario de inadaptação e, por isso mesmo, de contacto sensivel com o universo.

Graça Aranha e o humourista, ambos são amantes da realidade. A diferença está na qualidade desse amôr e na intensidade delle. Um quer a realidade a uma certa distancia, para não perder as linhas do seu contorno. Ama de longe, platicamente. Tem uma volupia visual. Graça Aranha ama a realidade com todos os sentidos. Quer transfundir-se nella, perder-se deliciosamente no abysmo das cousas...

Tentei, parece, uma conciliação entre Graça Aranha e o humourismo, como si tentasse a approximação de duas pessoas que morassem na mesma casa, a primeira no andar terreo, a segunda, no ultimo andar. Em quanto uma vê tudo fragmentado, descontinuo e multiplo a outra crêa, subjectivamente, uma totalização das cousas, dando-lhes uma continuidade dynamica. Mas todas as duas estão sempre de bruços na janella, assistindo á festa colorida da realidade.

S. Paulo, dezembro de 1923.

A. C. COUTO DE BARROS.

Eu sou um menino
Gordo e corado
devo tudo ao
Biotônico
Fontoura

BIOTONICO FONTOURA



O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE

I.P.
WESSEL

Biotonico Fontoura

O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

Torna os homens vigorosos, as mulheres
fôrmosas, as crianças robustas

CURA A ANEMIA,
A FRAQUEZA MUSCULAR E NERVOZA

AUGMENTA A FORÇA DA VIDA — PRODUZ
SENSAÇÃO DE BEM ESTAR, DE VIGOR, DE
SAUDE — EVITA A TUBERCULOSE

MODO DE USAR: BIOTONICO elixir

Adultos : 1 colher das de sopa ou meio calice antes do almoço e antes do jantar.

Crianças : 1 colher das de sobremesa ou das de chá, conforme a idade.

BIOTONICO pastilhas

Adultos : 2 antes do almoço e 2 antes do jantar.

Crianças : 1 pastilha.

BIOTONICO injectavel

Injectar o conteúdo de uma ampola diariamente em injeção intramuscular.

O Biotonico Fontoura
julgado pela probidade
científica do professor
Dr. HENRIQUE ROXO

Atesto que tenho prescrito a clientes meus o

Biotonico Fontoura
e que tenho tido ensejo de
observar que ha, em geral, resultados vantajosos. Particularmente, mais proficuo se me tem afigurado o seu uso quando ha accentuada desnutrição e ocorrem manifestações nervosas, della dependentes.

Rio de Janeiro, 10 de Setembro de 1920.

(A.) Dr. Henrique de Brito Belfot Roxo

Professor de molestias nervosas da Faculdade de Medicina do Rio.

O que diz o preclaro Dr.
ROCHA VAZ, professor
da Faculdade de Medicina

Tenho empregado constantemente em minha clínica o

Biotonico Fontoura
e tal tem sido o resultado que não me posso mais furtar á obrigação de o receber.

Rio de Janeiro, 10 de Agosto de 1920.

Dr. Rocha Vaz

Professor de Clínica
Médica da Faculdade de
Medicina do Rio de Janeiro.

O Biotonico Fontoura
consagrado por um grande
especialista brasileiro

Atesto ter empregado com os maiores resultados na clínica civil o preparado

Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro, 12 de Julho de 1921.

A. Austregesilo

Professor cathedratico
de clínica neurologica da
Faculdade de Medicina do
Rio de Janeiro.

Palavras do eminente
cientista Exmo. Sr. Dr. JULIANO MOREIRA

Tenho prescripto a
doentes meus e sempre que
lhe acho indicação therapeu-
tica o

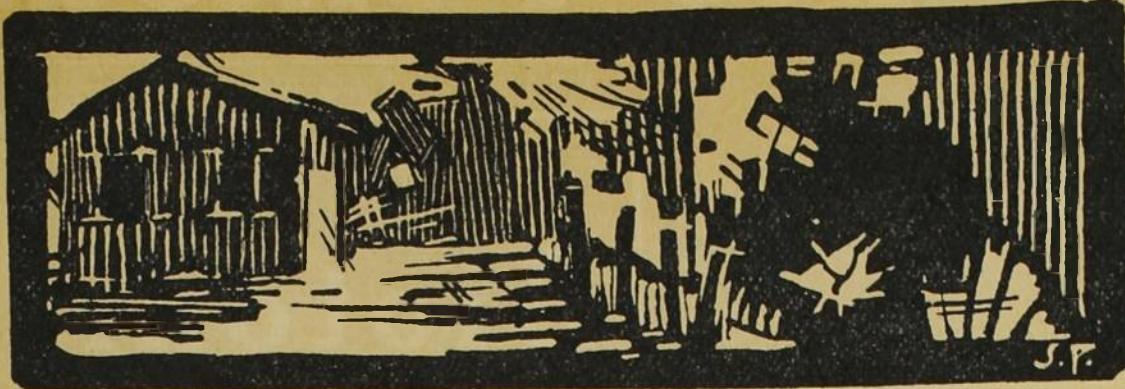
Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro, 20 de Julho de 1920.

Dr. Juliano Moreira



Preparação especial do "INSTITUTO MEDICAMENTA"
FONTOURA, SERPE & Cia. - S. Paulo



O BEDEL

Era bedel da faculdade de direito e chamava-se... Querem ver que me não lembra o nome? Se um dia o soube, esqueceu-me. Tambem, pequenino de corpo, arcadinho, sumido, e humilde em extremo, o que é espiritualmente um modo de ser pequenino, não tinha elle uma dessas individualidades physicas ou moraes que vincam a attenção. E assim pequenino e encolhido em sua humildade, inoffensivo, incapaz de delatar a um estudante que incorresse em falta, era natural que sua presença se tornasse quasi despercebida. Orçaria pelos cincuenta annos, como faziam crer seus cabellos grisalhos, mas, em contraste, notava-se-lhe na physionomia certa expressão juvenil, como se o contacto com as successivas gerações de moços que alisaram os vetustos bancos academicos lhe communicasse um residuo de mocidade immarcescivel.

Em sua alma simples sómente residia um pequeno numero de sentimentos simples: o amor á sua casinha, ao seu cigarro, ao raio de sol que se esgueirava num pateo interno, entre duas abas de telhado, e, sobretudo, um temor respeitoso, entranhado, ao director. Talvez fosse, em parte, este temor, que o fazia diminuir-se, confundir-se com os estudantes, estabelecendo com estes uma especie de cumplicidade.

Assim, o bom bedel não exigia da vida muitas cousas. Dessem-lhe seu caro soego, nos dias feriados, em sua casinha pequenina e humilde como elle, o seu cigarro e o seu raio de sol, e estaria disposto a louvar-lhe as excellencias.

Nos momentos de folga era certo vel-o, para lá e para cá, trilhando com os passinhos miudos a faixa de ouro que se alon-

gava no chão, coada entre os dous beiraes, a desmanchar na palma o fumo do cigarro.

Não tinha contrastes de genio; seu humor era todos os dias igual, como elle proprio. E a impressão de uniformidade suggeria-a a propria roupa, sempre o mesmo terno desbotado, que as gerações remotas affirmavam ter sido azul, que depois tomara tons avermelhados e passara por fim a um cinzento indeciso e velhusco.

Eu sympathisava com a sua figura modesta e bondosa. Achei-me a elle. Nesse tempo era calouro, por isso ainda não o eliminara, como sombra inexistente, do meu campo visual.

Embora fosse muito recolhido em si, ou que nada achasse que dizer, ou pelo habito de ninguem dirigir-lhe a palavra, eu procurava-o quando o via medir, em lentas idas e vindas, o seu histrião de sol. Se lhe dizia algo, elle limitava-se a sorrir um sorriso bondoso, matizado de todas as nuanças que servia a tudo de resposta; ou então, se resolia dizer alguma cousa, levantava o rosto num como cacoete, e, com um dos olhos fechado e o outro semicerrado, o que lhe dava uma expressão de argucia, acompanhava o vôo distante de um passaro com attenção concentrada e por fim dizia baixinho a sua phrase favorita: "Cuidado com o director, que elle não é para brinquedos!"

Não sei se foi porque o não tratei com descaso, o certo é que tambem sympathizou commigo. Ao ver-me dirigia-me sorrindo, seu olhar fino e semicerrado, como uma saudação. Um dia, foi além, convidou-me a ir visitar o seu "rancho" era uma casinha modesta, dessas casinhas de pobres, que parecem caixetas de brinquedos, nas quaes, achando-se a gente num commodo, é como se estivesse na casa toda, e onde, não sei por que milagre, familias numerosas conseguem morar, talvez embolando-se nos compartimentos exiguos á feição de uma ninhada de leitões novos. Alli moravam apenas elle e a mulher. Apresentou-me a esta. Tinha um ar de megéra, e, pela apparencia, devia ser bem mais idosa do que elle.

Pelo tom respeitoso com que meu bom amigo lhe falava, comprehendi que ella era alli, portas a dentro, como um segundo director, quiçá mais energico do que o outro.

Depois desse dia volvi lá outras vezes. Sentavamo-nos na saleta, em frente um do outro. Elle olhava-me e sorria, esfregando as mãos; depois de estar assim algum tempo calado e risonho lançava-me um olhar de intelligencia e ia ao quarto contiguo buscar o violão. Voltava com elle e tornava a sentar-se no mesmo logar. Do bandulho do instrumento saccava um encebado "methodo". Explicava-me: ainda pouco tocava, estava aprendendo. O violão e o methodo eram reliquias antigas. Desde rapaz occupava os la-

zeros decifrando as "posições". Mas a arte era difficult, as folgas escassas, por isso tirava poucos acompanhamentos.

E, pousado o cigarro na beira da mesinha, ferindo as cordas de manso, trauteava em surdina os seus lundu's predilectos. A voz abafada quasi se confundia com a surda plangencia do violão, como se, mesmo cantando, elle ainda obedecesse ao seu desejo de encolher-se, de sumir, com o receio, talvez, de impacientar o seu terrivel director de saias.

Habituei-me a lá ir, aos domingos, ouvir o seu violão.

Um dia, na faculdade, com os seus costumados trejeitos de mysterio, variou o thema favorito de suas palestras dizendo-me uma grande novidade occorrida em seu viver pacato: chegava do interior uma prima, filha de lavradores, que se hospedara em sua casa. E convidou-me a ir conhecê-la.

Quando lá cheguei, no domingo immediato, já não encontrei a casinha tão triste; reflectia agora um pouco da alegria do dono, que se mostrava radiante. Parecia que o "rancho" tomara um ar de festa com a presença da prima, que era morena e bonita. Tinha na voz uns quebrados, no olhar uma meiguice, que bem se via que era gente simples, do interior.

Nesse dia quem cantou foi a prima, e elle acompanhou-a ao violão.

Certo momento, num descanso entre duas modinhas, elle sorriu-me e em seguida dirigiu o olhar subtil para uma aranha que, num angulo do forro, fazia acrobacias em sua teia. "Já reparou uma cousa" perguntou-me. "Que é?" Fitei tambem o fôrro. Como sentindo-se alvo de nossa attenção, a aranha poz-se a balançar-se vertiginosamente em seu tenue trapezio "... que a prima tem uma bonita voz?"

Concordei. A prima protestou, que não! Protestando desmentia-se. Tinha de facto uma voz doce, velludosa, rica de languor e de emoção. Era como feita de canto e para o canto. A nosso pedido a prima, agora confusa, corada de acanhamento, ainda cantou; e enquanto sôava sua voz doce, o sorriso subtil e o olhar agudo do bedel, fitando attentamente os meneios da aranha, faziam ainda, mudamente, a sua apologia. E poder-se-ia dizer que nesse dia reinava naquelle casa felicidade completa, se não fosse a barulheira mal humorada dos pratos que a mulher do bedel lavava na cozinha.

Não tornei mais a casinha, primeiro de temor de soffrer ainda o penetrante encanto da voz da prima; depois, preocupações de exames, as férias, e outras cousas, acabaram de deshabituar-me do passeio.

Continuei a ver o bedel na faculdade e notei que daquella época em deante parecia outro. Esquecera o director e a phrase

indefectivel, e mesmo a sós era vidente a expressão juvenil de sua physionomia. Dias depois daquelle domingo causou-nos uma surpresa: apareceu de fatiota nova. Era ainda um terno azul, como o outro devera ter sido nos primeiros tempos. Sensação! Foi alvo de cumprimentos, motejos, vaias. Bem se lhe dava! Nesse dia tirou-me de parte, e, indicando-me um ponto imperceptivel ao alto, numa nuvem, perguntou-me baixinho: "Não reparou que a prima tem uma bonita voz?"

Bom bedel! Como parecia contente, e ainda mais remoçado pelo seu contentamento e pela fatiota azul!

Algum tempo depois achei-o, porém, mudado e meio murcho. E ciciou-me, num recanto do pateo: "A prima foi-se. Embarcou hontem. Mas volta, prometteu voltar.

Afrouxando o fumo do cigarro afastou-se de mim e foi espacejar meditativamente no seu raio de sol.

Decorridas semanas achei-o mais murcho ainda, assim com um acabrunhamento de tristeza e de velhice. E, como eu lhe perguntasse pela prima, confidenciou-me: "Casou-se esta semana, com um parente da roça. Mandou participação".

Eolveu, como de costume, ao seu passeio. Observando-o, não lhe achei já tão azul a roupa nova. Como que se lhe comunicara a tristeza do dono e ella começara a descorar, o que é talvez o modo das roupas ficarem tristes.

Que será feito do bedel? Frequento ainda a Faculdade, mas já não o vejo. Assimilou-me o espirito de classe, por isso, se ainda existe, vejo-o com o olhar desattento dos demais collegas. E' que não sou mais calouro; obtive promoção ao segundo anno e esse triumpho enfuna-me o orgulho. Já sou gente. E tenho agora muito elevadas preoccupações e dignidades para deter a attenção na insignificancia de sua figura: pertenço á redacção da "Folha Academica" e á Directoria do Gremio "Libertas", da qual sou orador, havendo com a minha estréa grangeado a deferencia dos demais collegas e subido em meu proprio conceito a ponto de desconfiar que sou um segundo Ruy em german. A vida é bella, o preparo das licções, difficult, o dos discursos difficillimo e ainda tanta cousa, tanta cousa absorvente!

Mas existirá ainda o bedel?

Talvez! Pois consultando as impressões do meu dia na escola, tenho ás vezes a vaga impressão de haver entrevisto confusamente uma sombra arcadinha e sumida a passear lentamente, tristemente, por uma restea de sol coada entre dois beiraes dum pateo interior.

GODOFREDO RANGEL.



CARTÕES POSTAIS

PARIS

Crepusculos longos impressionistas
A luz não cahe
escorrega
sobre os patins das nuvens...
O Sena foge
levando o gosto da posse

HAMBURGO

Trens electricos
Monotonia das planicies
Macieiras macieiras macieiras
NIGHT RAUCHEN!
Ora bolas!

LISBOA

A cidade tomou banho
Agua suja do Tejo
A Torre de Belem
no crepusculo decadente
sonha com impossiveis caravellas

RIO DE JANEIRO

As casas baixas muito baixas
despem-se todas ao luar

GRENOBLE

A cidade faz-se pequenina
dentro do valle primavera
Tem medo do papão
que arreganha ao longe
uma dentadura de Alpes

GENEBRA

Longe dos olhos perto do coração
A nostalgia cresce como meu bigode

LAS PALMAS

Paizagem ingenua de folhinha
Bem nitidas no horizonte as casas arlequin
Grades... Igrejas... Foot-ball...
Soldadinhos de chumbo verde escuro
Mas que olhos tão brasileiros!

OVERLAND

Lagos
Vaqueiras bem pintadas
Neves eternas para inglez ver
PALACE HOTEL

FAZENDA

Passaro monoplano risca a bolha de sabão
Azul e sol
...Azas...

SERGIO MILLIET.

(do livro "1\$000 a duzia")



BORGES DE MEDEIROS

III

Quando alguém nos diz: "Fulano é a bondade em pessoa" perguntamos logo: — "E' rico?" — "Sim!"

— "Então o é de facto; porque armado de poderes, delles não abusa.

— "Mas não é só um bom, é tambem um grande honesto!"

— "E' advogado?" — "Sim!"

— Então o é de facto; porque só um puro legitimo resiste as tentações da chicana forense. Na fortuna é que o bom ou o mau apparece nitido; no meio corrupto das demandas (em que pelo menos um é velhaco) é que a virtude resplandece. Rico bondoso ou advogado probo! eis a expressão maxima da bondade ou da honradez.

Assim tambem, si o atacado ou o endeusado — é governo: porque para affeiçar-se bem as qualidades moraes de uma pessoa, é necessario que ella invista larga somma de poderes. Referimo-nos, é claro, aos cerebros emancipados; pois os preconceitos de seitas ou de escolas muito restringem o ambiente da liberdade moral dos individuos. Ha muitos que em respeito ao dogma ou ás convenções sociaes se mostram diferentes na practica do que o são psychologicamente... Ja dissemos que o sr. Borges de Medeiros é um perturbado por uma só doutrina philosophica, em meio de tantas outras mais e menos seductor as. E para os espiritos sectarios, (religiosos, philosophicos, artisticos etc.) o universo é restricto ou feito de restricções: não se lhes faz plena a luz da liberdade moral, volitiva para direcção de seus actos e oriente de suas concepções,

mesmo as mais altas... Não é um livre mental quem se rege por cartilhas: é consciencia moral que se não sente segura. Porque é preciso se reflecta: versiculos não dão conselhos a ninguem; são estadios de uma epoca, mumificacões de um futuro passado.

Mais juristas e mais logicos houvera, si menos fossem os artigos de lei que tanto estorvam as accommodações do costume. Os aphorismos latinos são ainda hoje a escriptura sagrada, de muitas consciencias honestas; e no entanto si, livre das peias dos textos antiquados, elles pudesssem librar-se autonomas, estamos certos de que seriam até glorificadas pelo puro de suas intenções O sr. Borges nunca soube ser politico, porque sobre não conhecer uma só cidade do seu Estado não tem nenhum contacto com os politicos locaes. Pela lista no "Correio do Povo" dos nomes das pessoas que comparecem á palacio se vê que ahi não vai nenhum chefe eleitoral: são todos funcionarios ou candidatos a isso... ou a outros favores.

Jamais foi um administrador, por que ha vinte annos insiste em suppor que a civilisação riograndense é "industrial", quando não passamos da pastoril e mal encetamos a agricola. Foi o eminent sr. Carlos Barbosa (1908—1912) que abriu o precedente do Estado contrahir emprestimos... E começou pelo externo para ex-gotto nas treis principaes cidades — Rio Grande, Pelotas e Bagé. Outro precedente foi o de diminuir, por desnecessarios, os effectivos da Brigada...

Certo, com isso não concordaria o seu antecessor e successor, porque o presidente Borges sempre entendeu que o deficit é a deshonra, que toda evolução deve ser lenta etc. e afinal que um Estado militar como o Rio Grande (em consequencia das guerras) precisa de forte contingente de força publica para manter a ordem, em caso de subversão.

— Est modus in rebus!

Ora, tudo leva a crer que esse funcionario, chamado Presidente, igual a tantos outros na Republica e em nada parecido com os seus collegas do norte... não leva a melhor na partida em que o metteram. Mais trabalha quem trabalhar não sabe: e luta e sofre... como tantos outros idealistas teem lutado e soffrido. Não tem noção do politico estadista, nem do administrador: é simples funcionario, é o mesmo jovem desembargador inexperiente julgando antes sem conhecimento da psychologia do foro e dos escrivães. O burocrata é infatigavel. Levanta-se ás 5 horas, lê ou escreve um pouco, methodicamente todos os dias, faz a primeira refeição religiosamente ás 7 ½ e ás 8 está em Palacio — a meia quadra de distancia. Retira-se ás 11 como manda o regulamento, volta a 1 hora para regressar somente passado das 5. Depois da morte do Cel. Aurelio Bittencourt(um mulatoite intelligentissimo

que dirigiu cerca de 50 annos a secretaria do governo) não teve mais auxiliares: elle só faz tudo. Os jovens escriptores João Pinto, Mansueto, Alceu e o dactilographo Antunes movem-se ao seu aceno e a seus ditados. Conhece de cor todos os numeros e datas dos principaes decretos do Estado desde a monarchia. E' minudente corrige virgulas, não admite rasuras, detesta o decotado da linguagem, mas adora o symbolismo, o palavreado oco e campanulante dos rethoricos da Revolução francesa. O habito da função tornou-o um tanto imperioso nos gestos e autoritario quando discursa, mas no fundo é sempre o mesmo Christo "Mignon" procurando surzir meia duzia de vendilhões em meio de centenares delles!

Borges não admite o escandalo: persegue de morte aquelles que busquem denegrir com acinte o nome do Rio Grande.

Mas essa perseguição é anodyma, cifra-se no afastamento do indesejavel. Dezenas de correligionarios dentre os de mais valor em nossa terra já experimentaram por longos annos aquella ex-communhão:

— "Quem não obedecer, submisso, terá sempre sobre a cabeça o peso de minha mão!"

Tem modos de ver diferentes para cada caso em particular: a sua tolerancia proverbial, salvo pequenas restricções partidarias, é extensiva, não á paz juridica, mas totalmente á paz social.

"Faça o adversario o que quizer, eu farei o que puder!" Aquelle "peso de minha mão" é tão leve como uma placa de chumbo dentro do tubo de Newton.

O todo poderoso governador de um quarto de seculo nunca escreveu uma carta atrevida, e se tem, ás vezes, em virtude da função de sedentario vitalicio, (a trabalhar sem descanso,) momentos de neurasthenia, não passa daquelle.

— Galant, detenha esse homem!"

E duas horas depois, volta ao gabinete onde estava o Cel.:

— Não, Correia; eu não mandei deter, eu disse reter.

Outras coleras do Presidente são mais ou menos eguaes a essa...

Quem conhece as façanhas dos despotas do norte: — "Toma este copo dagua e engole já, jornalista, o artigo que escreveste!"

"Mande-me oitocentos cangaceiros, porque quatrocentos não chegam." quem ouve cá de longe os incendios de repartições publicas, os massacres politicos nas ruas á luz meridiana, os empastelamentos de jornaes, tudo chefiado pela primeira autoridade do Estado fica maravilhado de ver a resignada impossibilidade a inocencia desse patriota a seu modo, sacrificado até a medula, crente como um monge em seus dogmas, apenas com um crime — o de governar mal o seu Estado e não querer passar o commando a

outro que segundo elle ‘ainda não realizou todos os actos de contricção da fé partidaria’ (?)

A anarchica Constituição do Rio Grande, feita para um periodo revolucionario não foi obra de Borges; e um legislador que acha que “as leis não melhoram os costumes” que “o Código do Trabalho é um attentado á liberdade dos contractos” etc nunca, de boa fé, poderia tocar no “monolylho intangivel” reformar aquillo, que elle, em seu mysticismo sectario, teima em classificar: “a mais sabia Constituição politica do Occidente!”

Não nos consta que no Oriente haja Constituições democráticas...

De Pernambuco, S. Paulo e Rio Grande — as principaes parcellas da União — só na terra gaucha conseguiu manter-se organizado um partido politico oposicionista; e, dada a nossa nenhuma educação civica, todos sabemos com que facilidade pode qualquer governo estadual destruir uma agremiação de adversarios... Borges, porem se mantem sobranceiro, imperturbavel. Não hostila, a não ser com “provisorio” de quando em vez, o coração de ouro do Estado, a região campanha, onde estão os grandes estancieiros, as xarqueadas, os frigorificos e gado fino e os melhores capos. Não sabe elle que ahi é a sede do oposicionismo, cujo centro é Alegrete e Bagé? Como os crentes, com a “fé partidaria” no coração marchando a seus fins, sem ver perigos nem medir consequencias, vai S. Exac.^a, com a melhor das intenções, mas os mais nocivos resultados, levando a nau em meio a tormentar, conduzindo a cruz ao Golgotha por elle mesmo formado. E’ assim que, tendo Salvador Pinheiro planejado a construcção de uma estrada de rodagem — Pedras Brancas — Camaquam, Piratiny — Bagé, (zona que percorreu milagrosamente de automovel com Olavo Saldanha) elle a declara inutil e perigosa”. E os contingentes da Brigada que já estavam com ordens de seguir para os trabalhos de terra—plenagem tiveram de “arreiar a muxilla...”

E’ notorio o amor e interesse que tem S. Exc.^a pelas colonias, mas foi Carlos Barbosa que iniciou a construcção do ramal ferreo, da estação que tem o seu nome, na linha de Caxias. Não por que a isso se oppuzesse o sr. Borges, mas porque “era cedo,” dizia, 1.^o porque “a regra é conservar melhorando” e segundo porque “qualquer emprehendimento que sobreceda os recursos financeiros do Estado é sonho de megalomania.”

E’ este um ponto de vista erroneo que norteia todos os seus actos e que preside a sua norma de proceder em tudo, comsigo mesmo, na familia, entre correligionarios. E’ austero para com os faltosos, mas indulgente para com os arrependidos, embora varias vezes reincidentes. S. Exc.^a não castiga, abandona; não perdôa, esquece. Outra particularidade: o sr. Borges, em palacio não tem

aulicos; não admitté rodas... Os proprios secretarios e altos funcionarios que frequentam diariamente o Palacio precisam de se fazer annunciar e esperar humildemente a sua vez

E' um simples rito, um principio de ordem... porque o imenso palacio (obra de Carlos Barbosa) internamente semelha-se a um templo. Mesmo na salão de espera, entra-se pé, ante pé, e fala-se baixinho...

Lá dentro, nos salões doirados, entre tapetes e reposteiros verdes, grandes telas de Parreiras e estantes de livros, passeia calmamente a figurinha do sr. Borges, que si tivesse a altura de Nilo Peçanha seria parecido com Lauro Muller. E' o gigante, mas através vidros de augmento...

Recebe o visitante com a maxima lhaneza, sempre com phrases feitas mas enunciadas com muita convicção. Desfaz-se em offrecimentos, todos rematados com um "aguarde oportunidades."

Foram as respostas que tiveram as empresas Fiat Lux, Força e Luz e faz pouco o Engenheiro Rodolpho Ahrons, que se compromettia a represar o Jacuhy para dar luz força e tracção, a todo Estado, até Sta. Maria! Donde se vê que os erros do sr. Borges são erros de doutrina.

O Rio Grande, mercê das guerras foi sempre um quartel general. Proclamada a Republica — os militares quizeram, em numero de 8 ou 10, dominar o. Castilhos resistiu.

Mais tarde indica a reeleição de Borges no manifesto de 1903 donde — o magister dixit, por que peniticiam riograndenses, borgistas e o proprio sr. Borges!

Desde então, pode-se dizer o Rio Grande nunca teve Constituição, nem Lei Eleitoral — mas os poderes centraes, a influencia militar no territorio gaucho e o partido situacionista se fizeram em bloco — e o povo dos pampas soffreu o governo, sem se sentir governado, tão absorvido sempre em trabalhos ruraes e iniciativas privadas.

O federalista dizia, ainda com as feridas sangrando:

— Si não fosse o Exercito, o governo federal...

Outro replicava:

— De politica não quero mais salvar. Só conheço um governo a minha estancia.

E enquanto os vencidos se engolpharam no trabalho porfiado e continuo os vencedores se retiravam para os quarteis, e os paisanos para as repartições publicas...

O Supremo Tribunal, provocado a se manifestar sobre a legalidade ou não da Constituição de 24 de julho, com hosannas e bôas deu e doou todos os provimentos.

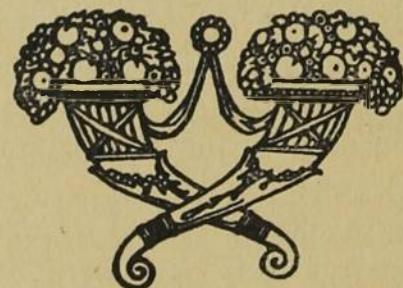
O Poder Executivo nunca fez outra cousa com a "politica dos governadores." Mesmo com acinte varias vezes o Presidente do

Rio Grande tem menospresado decretos da União... O Congresso, mais de uma vez disse mais ou menos: — "Si todos nós obedecemos a Pinheiro, este *Presidente do Gabinete de Ministros* só obedece a Borges, como não o Brasil inteiro a obedecer o olycarcha do sul?"

— Donde vem pois tão diabolicos poderes conferidos todos a um só homem, nem artista, nem democrata?

— Do rebaixamento de nosso caracter civico, da connivencia ou coautoria maior dos Governos Federaes, executores e fiscalisadores da Constituição da Republica e seus filhotes nos Estados.

VILLAR BELMONTE.





O AMANTE DO OUTRO MUNDO

O Antunes e a filha tinham acabado de jantar. Jantar melancólico, levado a cabo sem appetite e com esforço. Elle fizera o proposito de não dirigir mais a palavra á filha senão quando fosse absolutamente necessário. Havia dias que a tratava com rispidez. Isso pesava-lhe muito porque no fundo a adorava. Nella resumira todas as suas affeções. Desde que lhe morrera a esposa,olveu todo o seu coração para a filha.

Rosinha aos quinze annos já era uma mulher. Deitara corpo e desenvolvera-se tanto que era com acanhamento que confessava a sua edade, porque sabia que ninguem lhe fazia menos de vinte ou d'ahi para cima. Antunes via nella o retrato da esposa. O mesmo typo, o mesmo timbre de voz, os mesmos gestos. A diferença que as extremava eram as puras virtudes da fallecida e as más tendencias da filha, que o traziam sempre assustado e sobresaltado.

Em quanto ella se conservava alli á mesa lendo um jornal, o queixo entre as mãos, com seu arzinho triste, o pae contemplava-a enlevado, com uma imensa vontade de propor-lhe as pazes, sental-a sobre os seus joelhos, como quando era pequenina, e embalal-a, mergulhando o rosto nos seus cabellos.

Mas foi ella que rompeu o silencio.

— Ainda está muito zangado commigo, papae?

Elle manteve-se calado, e ia levantar-se quando Rosinha correu a elle de braços abertos.

— Não, papae. Seja bomzinho. Perdôe-me, sim? Olhe, nunca mais hei de fazer nada que o contrarie.

Antunes tentou libertar-se dos seus braços lutando frouxamente. Por fim cedeu áquella violencia que o enternecia.

— Ah! minha filha, como você me tem feito soffrer!

— Psiu! fez ella, tapando-lhe a bocca com a mão espalmada. Não é preciso falar mais nisso.

Elle prendeu-lhe as mãos e conservou-as fortemente entre as suas.

— A sua conducta tem sido censurada por todo mundo. Não ha dia em que não receba cartas anonymas a avisar-me das suas leviandades. Isso já não tem geito. Você anda na bocca do povo como uma mulher réles.

— Oh, papae!

— E' o que lhe digo. Já perdemos as melhores amizades. Qual é a familia que nos visita? Todos fogem de nós... Que vergonha, minha filha! Você não tem pena de mim? não quer mesmo respeitar o nome de seu pae?

Rosinha desatou a chorar. Elle enxugou-lhe as lagrimas carinhosamente. Passado o choro, seus hombros ainda continuaram a estremecer, a intervallos, em frouxos de soluções.

— E o seu noivo, o Pedrinho? Que me diz você de Pedrinho?

— Elle volta, papae.

— Quer-me parecer que não. Elle é um moço brioso, cheio de dignidade. Você nunca teve escrupulo de namorar todo o mundo na cara delle! O rapaz desilludiu-se de você para sempre.

— Mas elle volta, papae. Quando voltar, hei de tratal-o de tal geito que elle se esquecerá de tudo.

— Não creio. E que bom partido que você perde! um moço honrado, trabalhador, quasi rico...

E mudando de tom:

— Para onde elle foi, Rosinha?

— Acho que para Campo Grande, onde tem o sitio. Mas não falemos mais nisso, sim? Juro-lhe que vou mudar de procedimento, que nunca mais lhe hei de causar desgosto, e que quando Pedrinho vier farei tudo por conquistar-lhe de novo a confiança e por tornar-me merecedora do seu affecto.

Antunes envolveu-a com um olhar em que havia incredulidade e reprehensão.

Rosinha tornou ao seu jornal e o pae retirou-se para o gabinete.

D'ahi a instantes, quando voltou para se despedir da filha, encontrou-a chorando em silencio.

Debruçou-se sobre ella, abraçando-lhe a cabeça, muito arrependido da sua dureza.

— Não chore mais, minha filha. Passou.

E apertando-lhe a cabeça com as mãos, sacudiu-a como a enxotar os ressentimentos que lhe causara.

A moça enxugou as lagrimas á manga da blusa, e extendo o jornal ao pae, apontou uma noticia com o dedo.

— Veja o senhor que desgraça! falou ella quasi aos arrancos, abaixando-se para assoar-se á barra da saia.

“Suicidou-se hontem em sua fazenda de Campo Grande, com um tiro no coração, o distincto e honrado lavrador sr. Pedro Jesus do Bom Successo. Moço ainda, pois tinha apenas trinta annos, em plena saude e franca prosperidade, nada havia que justificasse esse acto de desespero.”

Antunes guardou os oculos, atirou o jornal para o lado com um gesto impetuoso e sahiu. Não se demorou mais alli porque fora tomado de uma colera subita. Aquella morte, roubara-lhe todas as esperanças. O suicidio de Pedro tivera como causa, por certo, os seus grandes soffrimentos moraes a que não eram extranhas as ultimas leviandades de Rosinha.

Antunes não podia mais ter socego ao lado da filha. O suicidio do noivo, em vez de doer-lhe na consciencia como um remorso, e obrigal-a de então em deante a adoptar uma compostura mais digna, teve opposto resultado. Sentindo-se livre, entregou-se a novas demasias de namoro e do mais...

As cartas anonymas trazia-as o carteiro diariamente ás pilhas. Na parede exterior da casa os garotos escreviam a giz e a carvão coisas insultuosas á dignidade da moça, ilustrando os insultos com desenhos muito elucidativos e eloquentes...

O pobre pae, a estas alturas, não podendo mais soffrer a filha, internou-a num collegio de religiosas. Liquidou os poucos haveres que possuia em S. Paulo, e partiu para outro Estado a esconder a sua vergonha.

Nesse mesmo anno Rosinha recebeu a noticia da morte do pae. Chorou de arrependida e foi declarar á mãe superiora que resolvera professar. Não professou.

*
* *

- Aquella é a Rosa de Todo Mundo?
- Quem?
- Aquella que lá está com a luneta na mão...
- Não, não pôde ser. Mas é parecidissima!
- E' garanto que é.
- Não é. A Rosa está no hospicio ha muitos annos. Você não sabia que ella enlouqueceu?

Era no Trianon durante um chá dançante. O jazz-band acabara de atacar um "rag-time" frenético, com barulho de ferriinhos, guinchos de apitos, buzinadas fanhosas e atoarda de gaitas estridentes. Os pares já se tinham sentado, offegantes.

O centro do salão estava vazio. Apenas um rapaz, que não tomara parte na dança, alli permanecia olhando para um grupo de damas com uma insistencia impertinente.. Dirigiu-se em seguida aos dois moços que, em pé, á entrada da sala do buffet, falavam da Rosa de Todo Mundo.

— Vocês já a viram? perguntou baixinho o recem-chegado arregalando os olhos com ar de escandalo.

— Reconheci-a logo que entrou. E' o que eu estava dizendo. E' ella mesma.

— Pois custa-me a crêr, apezar da semelhança, contraveiu o outro. Uma mulher que esteve durante tantos annos recolhida no manicomio, louca varrida, não póde ter aquella belleza, aquella elegancia, aquella saude...

E o recem-chegado explicou:

— Pois é ella. Está perfeitamente curada. Viajou a Europa e chegou ha dias a S. Paulo. O que me assombra é a sua audacia. Uma mulher de tal laia, uma depravada, que teve mais amantes que cabellos na cabeça, mostrar-se aqui ao lado das familias...

— Mas a sociedade que frequenta estes chás é tão misturada...

— Sim, é verdade. Mas nessa mistura não devem ser admitidas as mulheres publicas. Isso é demais!

— Ella está aqui só?

— Não. Entrou com o marido, que ficou no "fumoir". Riram.

— E que tal está elle?

— O mesmo desgraçado de sempre. Anda de cabeça baixa com receio que lhe riam nas bochechas.

— Coitado! o que faz o amor!...

— E elle é muito mais moço que ella...

— Muito. Mas parece pae. Está velho, está acabado. Ainda não fez trinta annos.

— E ella?

— Deve estar roçando os quarenta. E entretanto, que mocidade radiante! Vocês precisam vel-a de perto. Está encantadora.

*
* *

A alcunha de "Todo Mundo" puzeram-lhe os conhecidos por achal-a a mais connatural ao seu feitio e como a significar que era uma roupa que todos podiam colher. De facto, ella sempre

viveu ao alcance de todas as mãos. Ao transeunte desconhecido que a appetecia, não lhe custava outro esforço mais que o de a colher e a levar comsigo, para abandonal-a em seguida, depois de lhe extrahir, com vagar ou soffreguidão, conforme a natureza de cada um, as suas reservas de frescura e de aroma. Estas reservas não se exgottavam nunca. Era de cuidar que, de tão colhida e amarrrotada por tantas mãos, esburgadas algumas pelos trabalhos rudes, fosse ella perdendo aos poucos a sua mocidade e belleza. Mas, não. Nem os excessos nem os annos deixavam nella signaes da sua accção. Andando sempre á pilha de homens, aos quarenta era talvez mais bella que aos vinte. Os annos, em vez de a consumir, como é do seu destino, a apuravam e a aperfeiçoavam.

Depois de cada aventura, regressava ao lar tão fresca como quando sahira, e o seu pobre marido a esperava, cheio de um desconsolo mais fundo e animado de um amor mais intenso.

Luiz Botelho conheceu-a no internato. Quando a viu pela primeira vez, ficou de tal maneira impressionado, que tratou logo de approximar-se della. O melhor pretexto que se lhe antolhou foi matricular alli uma sobrinha, menina de dez annos.

Levava-a todas as manhãs ao collegio e ia buscal-a á tarde. Ao cabo de alguns dias era recebido pelas religiosas como gente de casa. Soube então que Rosa entrara para alli havia muitos annos e d'allí nunca mais sahira. Tinham-lhe morrido os paes, e se tinha outros parentes, nunca delles recebera noticias.

Luiz Botelho era pouco mais que um adolescente. Ainda não tinha amado senão com a imaginação. As moças que conhecia e com as quaes convivia nunca lhe interessaram por não as achar bastante puras. Algumas dellas, seriam, porventura, formosas e prendadas, mas nem á formosura nem ás prendas dava attenção. E' que elle andava corrente com a vida intima de cada uma, e de todas conhecia as fraquezas, os namoros e as condescendencias de salão. Como confessava aos amigos, só podia amar a "mulher sem passado", aquella que ainda conservasse o coração virgem e os sentidos adormecidos, que fosse enfim pura, pura...

Advirtam que elle tinha vinte annos. Estava nessa edade em que a realidade é feita com elementos de sonhos. Verdade é que em Rosa todos os seus sonhos estavam corporificados. Só, faltava consultar-lhe o coração. Era bella ao seu gosto e não tinha "passado", conforme se informara.

E que surpreza para elle quando, uma manhã, á porta do collegio, tomndo-lhe a mãozinha muito branca, tentou dizer-lhe a primeira palavra de longa e complicada declaração que trazia de cór! nem foi preciso dizer-lhe, nem ella lh'o consentiu, porque foi ella quem se adeantou e lhe disse de improviso todo o amor que lhe tinha.

Não raro as grandes coisas se fazem com mais facilidade que as meudas. Havia um mez que ella tinha preparada a sua declaração, não só as palavras senão a attitude e os gestos correspondentes. Opportunidade não lhe faltava, porque era commum estarem a sós os dois por longos minutos todos os dias; o que lhe faltava era coragem. E assim ia adiando aquelle momento, e só de pensar nelle batia-lhe o coração mais apressado. Pois tudo isso que lhe parecia tão difficult, se resolveu num ápice.

Quando se separaram estava tudo combinado.

Casaram-se no mez seguinte.

Nem publicação de banhos, noticia nos jornaes ou communicação official aos amigos. Tudo á pressa e em segredo. Os amigos e collegas de Luiz souberam do seu casamento quando o vieram em publico de braço dado á mulher.

Rosa, naquella época, já era bonita, mas, ou porque o tempo ainda não lhe tivesse dado os ultimos retoques ou porque os vestidos, apezar de custosos, não fossem concebidos e talhados de acordo com o seu typo, o facto é que ella passava despercebida de mistura com as bonitezas vulgares. Sua belleza foi-se formando com lentidão, através dos annos, auxiliada pela vaidade bem dirigida e pelos artificios bem applicados.

Arranjaram, para esconder os seus amores, uma linda casinha num bairro quasi deserto. Não tinham vizinhos. De lado a lado eram altos muros de chacaras. As unicas pessoas que viam eram os fornecedores costumeiros ou um ou outro vendedor ambulante que arriscava os seus passos até áquellos sitios despoçoados.

Luiz desejava que a sua vida corresse sempre assim, longe de todos, para que ninguem cubiçasse a sua mulher. Só a contragosto é que condescendia em que os homens a olhassem, e quereria dizer-lhes na cara que sua boa mulherzinha, que Deus lhe dera, não era panno de mostra. Não lhes dizia com expressões taes, mas fazia-lhes sentir com o olhar, um olhar aggressivo, chispeante de odio. Esse olhar, entretanto, perdia toda a expressão aggressiva quando encontrava outro que parecia não se arrepiar dele.

Tinha o habito de sahir todas as manhãs, ao acaso das pernas. Rosa, sob pretexto de preguiça ou de affazer, não o acompanhava nesses excursões matinaes. Certa occasião, tendo voltado mais cedo que de costume, ouviu um rumor desusado no quarto de dormir, passos precipitados, estalo de um movel. Olhou pelo buraco da fechadura. Ninguem. Correu á rua e viu apenas o homem do leite, um labrego immundo que se afastava a grandes pernadas, sacolejando na pressa a vasilha do leite. O homem olhou

para traz e estugou mais o passo, desengonçando-se na precipitação da fuga.

Ao entrar, encontrou a mulher na sala de jantar lendo um jornal muito serenamente. Sem dizer palavra, deu a volta pelo quintal, saltou para o quarto pela janella que ficara aberta. O quarto estava fechado com a chave para dentro. Era claro que alguém escapara pela janella. Examinou ao redor o terreno que estava humido e fofo, e observou pégadas largas de sapatorros ferrados e outras, em sentido contrario, de sapatinhos, dos sapatinhos de Rosa. Na cama desfeita estava desenhada uma mão espalmada numa larga mancha suja. Certo de que era a mão do leiteiro, farejou o sitio da nódoa. Sentiu um cheiro a leite, e viu nos lençóis, aqui e alli, pellos de bicho, de vacca provavelmente. Ao approximar-se da mulher, notou que ella tinha os sapatos sujos de terra.

Houve um inicio de tragedia, ameaças e choros que duraram poucos dias, porque a essa dôr do pobre marido succederam outras da mesma natureza.

Rosa amava o marido ao seu modo e dizia-lh'o de todas as maneiras, em phrases e carinhos. Quanto a contentar-se apenas com elle, isso é que não; estava acima das suas fraquezas. O que queria no amor era a variedade, sem curar se a variedade se apresentava na forma de um mancebo bem posto ou na de um latagão da plebe tresandando a morrinha. Preferia o numero á qualidade. Essa inclinação manifestou-se mais claramente dias depois quando foram morar para um bairro populoso. A todos os varões do bairro, de diversa edade e posição, e a todos os que lhe passavam pela porta offereceu os encantos da sua intimidade. Se Luiz teimava em ficar em casa para a fiscalisar, era ella que sahia á rua a buscar parceiros.

O marido, á conta de tão repetidas, habituara-se áquellas affrontas. No fundo d'alma, entretanto, ainda lhe ficaram resíduos de dignidade. Era preciso lavar com sangue a honra tantas vezes ultrajada, e nesse proposito impos a si o dever de escolher uma victima. Quem? Occorreu-lhe a figura de um estudante, um mocinho timido, que morava numa "republica" em frente á sua casa. Foi esse escolhido. Entre Rosa e o mocinho ainda nada houvera senão trocas de olhares e sorrisos. O estudante era um sentimental, e parecia contentar-se apenas dessa corte a distancia.

Luiz trazia-o de olho. No dia que aprazou para a vingança communicou á mulher que ia sahir e que só viria á noite. Recorreu ao velho truco dos maridos desconfiados. Voltou duas horas depois. A casa estava fechada. Bateu á porta com violencia, mas arrependeu-se logo ao notar que toda a vizinhança estava a postos, com a curiosidade arregalada e ávida de escandalo. Bai-

xou os olhos de pura vergonha, e pela primeira vez então deu conta que representava uma farça para uma platéa attenta e numerosa. Era forçoso dar áquella farça um remate de tragedia. As circunstancias e a sua propria revolta o obrigavam a isso. Esperou. Foi Rosa que veiu abrir a porta. Trazia nos labios um sorriso em que dissimulava o seu máo humor. No mesmo instante um estudante, esgueirando-se por detraz della, saiu apressado. Luiz esboçou um passo em direcção a elle, quando outro estudante se esgueirou da mesma maneira e se escapou, e a seguir, outro, outro e mais outros...

A vingança teve de ser adiada.

*
* * *

Luiz só poderia sobreviver a tamanha vergonha mudando-se para outra terra. Quanto a abandonar a mulher, se a sua razão lh'o impunha, o coração, mais forte, se interpunha, e a vida lhes ia correndo a mesma, cheia sempre de gostosas surpresas para ella, e para elle sempre cheia de desagradaveis sobresaltos.

Prepararam as malas para a viagem. Iam morar numa villa remota do interior do Estado. Para Rosa a mudança, em vez de a aborrecer, alegrava-a pela promessa de outros amores. Onde houvesse homens estaria bem.

A viagem era longa e penosa. Um dia inteiro de trem de ferro, pouso numa estalagem sertaneja e mais algumas horas de percurso em troly por máos caminhos.

Lembrou-lhe a viagem como um castigo á mulher e ella aceitou-a como um premio. Partiram. Iam satisfeitos, cada qual ao seu modo e ambos por motivo differente.

Depois de quinze horas de viagem chegaram á estalagem, moidos e com os olhos a arder da poeira. No dia seguinte não puderam tomar o troly por causa das chuvas que foram torrencias ás primeiras horas da madrugada. Alli ficaram, ociosos e entediados, a olhar a paizagem triste através das vidraças.

Ao cahir da tarde, passada a chuva, seguiram viagem. O stalajadeiro, a principio, tentou demovel-o disso, advertindolhes que era uma imprudencia e que só noite alta é que chegariam á villa. Luiz Botelho tinha lá os seus motivos para manter a sua resolução. E' que elle notara que Rosa estava começando a interessar-se pelo copeiro, um rapazote opillado e côr de açafrão, com quem iniciara desde cedo um intercambio de soslaios enternecidos.

Embarcaram no troly e seguiram. O cocheiro tomou as re-deas á má cara. A razão é que tinham de passar, á bocca da

noite, por uma casa mal assombrada. Os moradores daquelle povoado até então só apontavam corajosos que se tinham arriscado á noite até ás vizinhanças da tal casa, e todos foram castigados pela sua temeridade. O cocheiro, durante o percurso, contou-lhes a historia das assombrações. Coisas de arrepiar os cabellos.

Luiz e Rosa divertiram-se grandemente com a ingenuidade do caipira.

— Como se chama este logar? perguntou Botelho ao cocheiro.

— Isto aqui já é Campo Grande.

Esse nome trouxe á memoria de Rosa todo o seu passado, e foi com um ar triste que ella contemplou aquelles arredores que serviram de scenario para os episodios mais dolorosos da sua vida. Mas sacudiu a cabeça a afugentar aquellas lembranças. Só se interessava pelas coisas presentes. O que era remoto não lhe merecia o espaço de uma introspecção.

Dirigiram-se os dois para a casa abandonada. O cocheiro não os acompanhou.

O matto invadira a escada e a varanda exterior. Entraram. Ao rumor dos passos, bandos de morcegos e corujas escaparam pela janellas em vôo precipitado.

— Veja você o que é a superstição! Os caipiras destes arredores poderiam bem aproveitar estes objectos que aqui ficaram abandonados. Olhe quanta coisa util...

Cadeiras, arcas de pão, um sofá, uma mesa de carpinteiro e outros objectos meúdos lá estavam nos seus logares á espera de quem, desprezando o sobrenatural que os rodeava, os levasse consigo e os concertasse para delles fazer uso. Em quanto isso, lá estavam sem outra utilidade mais que servir ás lesmas e ás almas do outro mundo.

Distrahidos os dois a examinar as coisas que encontravam, foram surprehendidos pelo rebôo de um trovão, que rolou. Deiram-se pressa em sahir, mas ao chegar á porta a chuva despenhara torrencial. O cocheiro abrigara o troly sob a copa de uma enorme figueira.

Rosa e Luiz entreolharam-se.

— Que se ha de fazer agora? perguntou Rosa.

— Esperar que a chuva passe. Você tem medo de phantasmas?

— Oh! isso não. Se estivesse só, talvez. Em tua companhia, não.

A noite cahira de todo. Por precaução tinham limpado o sofá, dispostos a passar alli a noite sentados. Luiz estava provido de cigarros e phosphoros, e isso consolou-o. A longa viagem, a noite mal dormida, os solavancos do troly, a chuva em

bátegas grossas estalando no telhado, tudo isso concorreu para que o sonno o visitasse mais cedo do que elle esperava. Mal se sentou e procurou accomodar-se, sentiu pesarem-lhe as palpebras. D'ahi a minutos estava dormindo profundamente.

As trevas eram absolutas. Rosa fechou os olhos sem somno. Quando os abriu, notou que havia uma vaga claridade no aposento. A claridade vinha do outro aposento, coada pela bandeira da porta. Lá estava alguem de vela accesa, pensou. Levantou-se sem sombra de receio, antes animada por uma viva curiosidade, e guiou pelo corredor. Ao contrario do que pensava, a luz vinha do lado opposto, de um quarto cuja porta estava aberta. Foi até lá e olhou. Era um quarto de dormir. Sentado a uma mesinha, de costas para a porta, estava um homem a ler um livro á luz de uma vela alta. Ao rumor dos seus passos, o homem levantou-se.

Oh! fez elle, dirigindo-se para ella, muito risonho.

Era um moço quasi bonito, embora muito pallido. Trajava um fato de brim e trazia botas largas de couro crú.

Rosa recuou uns passos, assustada. Depois, attentando melhor no homem, soltou um grito, um grito rouco, como se alguem lh'o tivesse obstado apertando-lhe a garganta, e teria fugido se pudesse. As pernas ficaram-lhe molles e a tremer.

O homem amparou-a, pronunciando baixinho ao seu ouvido:

— Rosinha...

Ella não podia dizer palavra. Cuidou que ia morrer. Reconheceria o seu antigo noivo e ficou dominada pela idéa de que elle viera do outro mundo para a levar comsigo. Teve bastante força para afastal-o com a mão e encaral-o.

— E' você, Pedrinho?

— Sou eu mesmo, Rosa. Porque tens medo de mim?

— Você veiu para me levar?

O homem sorriu.

— Levar para onde? O medo faz-te desvairar. Pensas acaso que estou morto?

— Pois é o que penso, Pedro.

— Não, Rosinha, não morri. Simulei um suicidio e fiz correr a noticia da minha morte. De facto, morri para o mundo. Não podia sobreviver aos soffrimentos que me causaste. Mas tudo isto são historias velhas...

Depois, mudando de tom:

— E que é o que vieste fazer aqui? Estava tão longe de encontrar-te por estas solidões, onde ninguem me visita e onde vivo só com as minhas maguas...

Rosa, meio desconfiada a principio, contou-lhe todos os seus contratempos, sem esquecer de dizer-lhe que o marido e ella foram forçados a abrigar-se naquella casa assombrada.

O homem riu, muito divertido.

— Mas esta é a minha casa, disse. Nada de assombrada, parece... De facto, a parte da casa que fica do outro lado está deshabitada e necessitando uns concertos.

Rosa examinou então o aposento. A parede estava caida de fresco, havia uma cama de ferro esmaltado, um tapete e alguns moveis baratos. O que a impressionou bem foi o asseio e a ordem.

O homem tomou-lhe a mão entre as suas e envolveu-a num olhar amoroso.

E' estranho tudo isto! murmurou ella. Ainda estou certa que você é uma alma da outro mundo.

Oh! adoravel! adoravel! disse elle, rindo ás escancaras. Que graças que tens! E' a primeira vez que rio depois de tantos annos.

Abraçando-a pela cintura e fazendo gesto de a guiar para fóra:

— Estou a pensar no teu marido, coitado, a dormir naquella sala humida... Não consinto que fique lá. Vamos buscal-o? E fechou-a entre os braços.

— Sim, depois... balbuciou Rosa, levantando a cabeça e entregando-lhe os labios.

E assim abraçados e com os labios unidos encaminharam-se para o leito...

Quando Rosa despertou do seu extase, viu que o homem se afastava, se afastava, com os olhos fixos nella, muito abertos, e em vez de dirigir-se para a porta, foi-se encaminhando para a parede, com a qual por fim se fundiu, rareando-se e desaparecendo...

De subito tudo ficou ás escuras, e ella rolou para o chão sem sentidos.

No dia seguinte, dia claro, quando Luiz accordou não viu a mulher ao seu lado. Sahiu a procurá-la e foi encontral-a caída de borco, desmaiada, no aposento contiguo que a chuva alagara. Sacudiu-a. Em vão. Impressionado, correu a chamar o cocheiro, que acudiu, e levaram-n'a a braços para o troly.

Quando Rosa veiu a si, entrou a desvairar.

Todos esses successos contou-os ella ao marido, annos depois, quando teve alta no hospicio.



MEALHAS ETYMOLOGICAS

PRODIGO

UM cognato ou congenere de *proeza* é *prodigo*, que todos os lexicos portuguezes dão como derivado de *prodigium*, sem outra qualquer indicação para conhecimento exacto do seu etymo e fixação consequente do respectivo significado.

Os lexicos latinos, por sua vez, dizem-no derivado de *prodicium*, do verbo *prodicere*, a que atribuem a significação de *predizer*, *presagiar*, que rigorosamente, pertence ao seu paronymo *praedicere*.

Ora, é sabido que a preposição *pro*, além da significação já acima indicada (por, a favor de, a bem de, em benefcio de), tem tambem a de *deante* ou *adeante de*, *em frente de*, *em presença de*, no que se confunde com a prpositão *prae*, que tem analogos significados.

E, quando as duas servem de prefixos, chega a confusão a ponto de tornar equipollentes vocabulos de radical *commum*, servidos indiferentemente por um ou outro destes prefixos.

E' o que acontece, por exemplo, com os verbos *praeludere* e *proludere*, que ambos significam *ensaiar-se*, *excitar-se*, estendendo-se a equiprollencia até ás phrases *praeludere pugnam* e *proludere pugnam*, ambas as quaes significam *exercitar-se para o combate*.

Noutras palavras em que a confusão não é tão completa, nem por isso deixa de ser um tanto subtil a diferença, como se observa, por exemplo, em *praegressus*, que significa *acção de ir adeante de* (*antecipação*, *prioridade de acção*), ao passo que *progressus* significa *acção de ir para deante* (*desenvolvimento*, *adeantamento*).

O mesmo em *praecedo* (*ir antes ou a deante* (*preceder*) e *procede* (*ir para deante* (*avançar*)).

Não admira, pois, que do mesmo modo se hajam tambem confundido, na significação, *praedicere* e *prodicere*.

Dahi a erronea etymologia emprestada a *prodigium*, em inteiro desacordo com a significação a este vocabulo attribuida: — aquillo que, sob o

ponto de vista da perfectibilidade, se avantaja consideravelmente ao que é *commum* e *ordinario*, no seu genero ou especie. —

Assim dizemos: O Appolio de Belvedere é um prodigo de estatuaria; a Iliada de Homero é um prodigo de engenho poetico; os discursos de Ciceron são prodigios de eloquencia, etc.

Para J. M. Guardia e J. Wierzerki (*Grammaire de la Langue Latine*), é incerta a origem do vocabulo; quanto a nós, é elle apenas um composto syntactico, para cuja formação contribuiram os elementos *pro* (*prod*) (em favor de), *ag* (*ere*), (fazer, levar, conduzir, etc.) e *io* (*jum*), sufixo formador de substantivos.

Mudado regularmente em *i* o *a* (breve) de *ag(ere)*, como em *bens-ficium* (de *facere*), *gallū-cinium* (de *caneve*), *prin-cipium* (de *capere*), etc., e, devidamente agglutinados os referidos elementos, teremos formado o vocabulo *prodigium*, cujo significado, como acabamos de vêr, está em perfeita conformidade com o das suas partes componentes.

■

Analysada assim a confusão estabelecida na significação do vocabulo, por força da paronymia dos prefixos que entram na sua formação com radical identico, analysemos agora a natureza do seu radical, em cotejo com outro vocabulo de prefixo identico e radical synonimo.

E' sabido que tanto *agere* como *facere* significam *fazer*, sendo, portanto, *synonyms*.

Ora, *synonyms*, ao contrario do que ensinam certos compendios que falam de *synonyms perfitos* e *synonyms imperfeitos*, são palavras que exprimem uma ideia principal e *commum*, differindo nas particulares e accessorias.

A diferença entre *agere* e *facere* consiste, como muito bem explicam Bréal e Bailly, em que *agere* exprime a actividade no seu exercicio continuo, ao passo que *facere* a exprime em flagrante, num determinado momento.

Assim, *quid agis?* significa: "em que te occupas?", em quanto *quid facis?* significa que estás fazendo?" ou "que acto estás praticando?"

Pois bem, de *facere*, com o mencionado prefixo *pro* ou *prod*, formou-se no Latim o verbo *proficere*, que significa *avançar, adeantar-se, aproveitar, fazer progressos, ter bom exito, ser util, bom, salutar, efficaz*.

De *agere*, com o mesmo prefixo, formou-se tambem o verbo *prodigeve*, que devendo ter as mesmas significações de *proficere*, em virtude da synonymia dos radicaes e identidade dos prefixos, é, não obstante, registoado nos lexicos com as significações de *tocar, levar a deante de si, fazer caminhar*, que só muito pallidamente se assemelham ás de *proficeve*.

(A quem, porventura, duvidar disto que aqui se affirma categoricamente aconselhamos uma ligeira inspecção ao "Novissimo Diccionario Latino Português" de Santos Saraiva, onde, a par de tæs incongruencias, encontrará tambem o verbo *perficere* com as significações — "fazer inteiramente, acabar, terminar, levar a effeito, executar, digerir" — e o verbo *peragere* com as mesmissimas significações, entre outras.)

Mas, se, sob este aspecto, peccam por defeito os lexicos, deixando de assignar ao verbo *prodigere* significados que por natureza lhe pertencem, outros, *em compensação*, lhe attribuem, que, de modo algum, se conformam com a ideia fundamentalmente contida no seu radical.

Com effeito, de seis diccionarios latinos que temos á mão, publicados entre os annos de 1723 (9.^a edição) e 1916, nenhum delles deixa de assignar a este vocabulo as significações de *gastar, despender profusamente,*

prodigalizar, dissipar, que absolutamente não encontram justificação no significado fundamental de *agere*!

Ainda desta vez foram os lexicographos induzidos em grave erro, ou por illusoria suspeita de analogia morphica, ou por lamentavel carencia de escrupulos no desempenho da ardua e melindrosa tarefa que sobre si tomaram, ou ainda. e é esta a mais provavel conjectura, por effeito de ambas estas causas, entre si conjugadas.

E' triste vêr a gente o criminoso desleixo ou inconsciencia com que os lexicographos maquinalmente aceitam e transcrevem quantos dislates escreveram outros que na exploração da mesma industria os precederam, não lhes preenchendo as lacunas, não lhes suprimindo as deficiencias, não lhes corrigindo as inexactidões, antes chegando, por vezes, ao imperdoavel desconchavo de lhes copiarem servilmente até os erros de revisão ou os *lapsus calami*, de que se não pode julgar ninguem exento!

Julgue o leitor, pelo que segue. se ha excesso de severidade neste nosso asserto.

Tem o Latim dois verbos — *dicere* e *dicare* —, semelhantes na extructura, visto como entre si differem apenas em uma letra, no presente infinitivo, tendo ainda algumas flexões em que a sua forma é perfeitamente identica.

Tanto basta para que todos os lexicos latinos, sem excepção do de Bréal e Bailly, os tratem como congeneres, supondo-os, porventura, formas divergentes de um mesmo typo, senão um só e o mesmo verbo, com dupla conjugação, como succede com *lavere* e *lavare*, *sonere* e *sonare*, etc.

O Padre Bento Pereira, que, na sua famigerada "Prosodia", não curou de etymologias, registando os dois vocabulos (ha mais de duzentos annos) com significações inteiramente diversas, implicitamente deu a entender que diversas eram tambem as suas origens.

Mas, tanto essa circumstancia, como a de ser longo o *i* de *dicere* e breve o de *dicare*, teem escapado ás escrupulosas e intelligentes investigações dos lexicographos, que ainda não chegaram a descortinar que, em taes condições, nenhum parentesco é possivel entre os dois vocabulos!...

Ninguem ignora que em todas as linguis ha uma classe de verbos que os grammaticos denominaram frequentativos ou *iterativos*, em razão de serem formados de suffixos que á ideia primitiva, expressa pelos seus radicaes, acrescentam uma ideia accessoria de repetição ou frequencia.

A esta classe pertencem, no Latim, entre muitos outros, os verbos *nosc-itare*, de *nosc-ere*; *dorm-itare*, de *dorm-ire*; *dict-itare*, de *dict-are*; *fac-essere*, de *fac-ere*; *pull-ulare*, de *pull-are*; *cand-icare*, de *cand-êre*; *claud-icare*, de *claud-ere*; *nigr-icare*, de *nigr-êre*; *nutr-icare*, de *nutr-ire*, etc.

Vê-se, pelos ultimos quatro desta serie de exemplos, que um dos suffixos empregados no Latim para a formação de verbos frequentativos é *icar*.

Da aggregação deste suffixo ao thema (raiz) do verbo *d-are* resulta o verbo *d-icare*, cuja significação não pode deixar de ter relação muito intima e natural com a do se uprimitivo *d-are*, em virtude do intimo grau de parentesco entre os dois vocabulos.

E', realmente, o que se verifica na citada "Prosodia" do Padre Bento Pereira, que, registando este verbo, lhe dá os seguintes significados: *de-dicar*, *consagrar*, *offerecer*, *dar*, *entregar totalmente*. E nenhum outro.

Identicamente se formavam frequentativos de grande numero dos compostos de *dare* (*dere*), taes como: *abd-icare*, de *abd-ere*; *ded-icare*, de *ded-ere*; *ind-icare*, de *ind-ere*; *praed-iicare*, de *praed-ere*. e... porque não *prod-care*, de *prod-ere*?!, tanto mais que de todos os citados congeneres é neste que os elementos componentes com mais rigor de exactidão

conservam o sentido primitivo e natural, conferindo ao composto a *propria et nativa verbi significatio*, perfeitamente acommodada a exprimir a ideia de *dar excessivamente*, *dar com profusão*, *dar á larga*, *dissipar*, *esbanjar*, *prodigar*?!...

De tudo quanto aqui fica exposto é forçoso concluir:

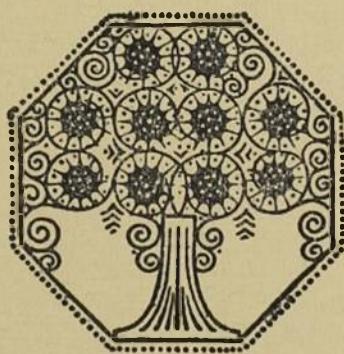
Primeiro: Que é erro imperdoável atribuir ao vocabulo *prodigere* a significação fundamental de *dar*, que absolutamente se não contem no seu radical *agere*;

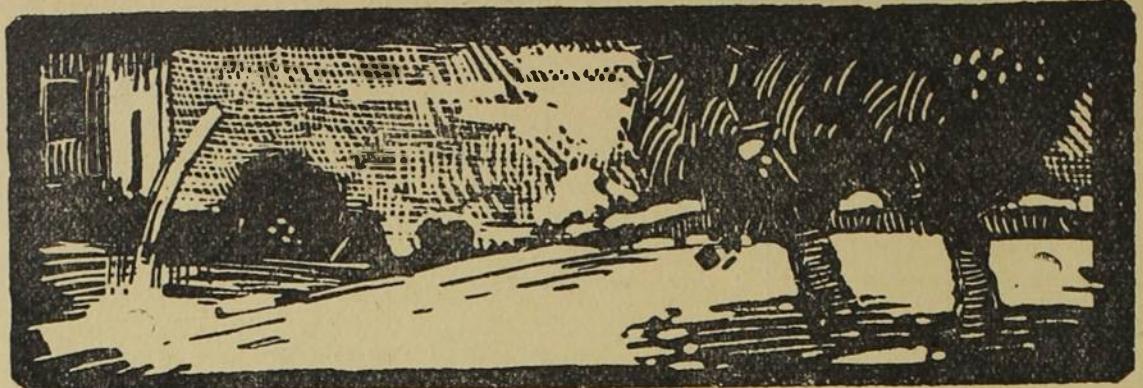
Segundo: Que representa uma falta grave de lexicographia a omssão, nos diccionarios, do vocabulo *prodicare*, cuja existencia não é licito pôr em duvida, pois que a outro qualquer não é possível /atribuir razoavelmente a representação da ideia expressa no Português e Hespanhol por *prodigar* ou *prodigalizar*; no Francês, por *prodiguer*; no Italiano, por *prodigalizare*.

Quod erat demonstrandum.

S. Paulo, Fevereiro de 1924.

FRANCISCO LUIZ PEREIRA





ESTA' O BRASIL SUPERARMADO ?

Versando a questão dos armamentos na America do Sul, alguns orgãos da imprensa americana tem alludido recentemente ao chamado militarismo do Brasil. Embora o tempo, que é o juiz de homens e nações, se encarregue de demonstrar que esse militarismo jamais existio nem existe, não parece fora de propósito adduzir algumas considerações em torno da questão, pondo-a no seu verdadeiro pé.

O Brasil, segundo essas vozes, a) se está armando alem das necessidades de sua defesa natural b) impediu em Santiago, por occasião da V Conferencia Internacional Americana, a limitação dos armamentos; e c) está alheio ao movimento em favor de uma politica de cooperação pacifica, creando na America do Sul o regimen da paz armada.

Vamos considerar separadamente cada um desses pontos.

I

Geographicamente, nem todos tem presente a situação brasileira. O Brasil é approximadamente em area, população e, pode-se dizer, actividade industrial, a metade do continente sul-americano. Elle vai dos 5.10 graus de latitude norte aos 33.48 de latitude sul, correndo suas costas ao longo do Oceano Atlântico numa extensão maior que a que divide New York de Liverpool. No seu interior, limita-se com todas as republicas da America do Sul, excepto o Chile, e mais as tres possessões coloniaes que a França, a Inglaterra e a Hollanda, sob o nome Guyanas, possuem ali. Tal é a extensão territorial desse immenso bloco, que si um dos seus menores estados é mais ou menos a Belgica, o maior delles é tres vezes a França.

Dominando a parte mais rica do continente meridional, o Brasil, entretanto, nunca pôde attender ás exigencias mais elementares de sua defesa. Dezoito dos seus 21 estados estão no litoral e no caso de assalto exterior, ou revolução interna, a difficultade, para qualquer movimento de defesa, está na separação das unidades da federação, porque não ha estradas de ferro ou de rodagem, e o unico meio de comunicação tem sido a navegação de cabotagem, a qual de sul a norte não pede menos

de 10 a 15 dias. Si se puzer o territorio do Brasil sobre o dos Estados Unidos, haverá ainda lugar para um estado maior que Texas, e, entretanto, a rede ferroviaria do Brasil é apenas a desse estado americano, e, ainda assim, concentrada na parte meridional: contra 250.000 milhas de tráfego aqui não temos ali mais de 18.000.

Dizer isso é dizer que o problema primordial do Brasil, mesmo em matéria militar, é a ligação ferroviária. Enquanto ella, porém, não se leva a termo (e nada menos de meio século, pouco mais ou menos, será preciso para isso) o que cumpre fazer é cuidar das forças de terra e mar, principalmente destas, ás quais caberá a defesa móvel do litoral. Nenhum paiz, sob pena de suicídio deixará de o fazer, sobretudo tendo as riquezas, a potencialidade económica do Brasil e dominando seu litoral a entrada do Atlântico Sul. A lição da história ahi está para nos ensinar aquillo que um americano, Mahan, revelou e é hoje clássico e um brasileiro, Ruy Barbosa, não exprimiu menos para o Brasil: "O mar é o grande avisador. Pol-o Deus a bramar junto de nosso sonno, para nos pregar que não durmamos... As raças nascidas á beira mar não tem licença de ser myopes; e enxergar no espaço corresponde a antever no tempo".

Zelar um pouco nosso defesa é o de que se cuida no paiz, não de hoje, nem de hontem, mas de tempos atraç, quando a limitação dos armamentos não exercia a opinião geral a pressão actual e o choque delles não havia desfechado no horror que todos vimos. Dos programmas militares e navaes do Brasil, nenhum dos quais só em pequena parte executados, duas cousas vinha o sentimento nacional ha muito solicitando e só ha pouco se alcançaram; uma missão para exercito e outra para a marinha. A primeira trabalhou sob a direcção de Gamelin, general francez, e já fez a maior parte de sua obra. A segunda está sob a chefia de Vogegelesang, almirante americano, e apenas inicia suas funcções.

Qual o plano dessas missões? Numa palavra, dotar o Brasil, não de superarmamentos, mas de um estado de defesa adequada, de acordo com sua condições orçamentarias e seus principios de direito internacional. O passado do paiz, seu idealismo, seu culto da paz e da justiça, não permitiriam mais. Pudessem essas missões falar e seu depoimento seria o melhor espelho de nosso estado e de nossos intuiitos. No mar, por exemplo, o prevalecer a voz alarmista, estariam a sonhar com supercouraçados, quando o que pedimos nada mais é do que completar, o programma de 1906, cuja execução a guerra de 1914 suspendeu, pois o dreadnought *Rio de Janeiro*, n'elle contemplado, e cedido á Turquia, quando em construção na Inglaterra, foi então por esta requisitado ao começar das hostilidades, em 1914. Para costa tão exposta, nem bases navaes ha. Os dois navios capitães existentes, o *Minas Geraes*, o *São Paulo*, já tem quasi dois terços de edade, e, si não se houvessem reparado em Brooklyn, em 1918 e 1920, teriam provavelmente attingido a estas horas o limite do serviço. Ha, na America do Sul, apenas 5 dreadnoughts, e, entre elles, os do Brasil são em tonelagem, edade, espessura de couraça, e alcance do tiro, inferiores aos dois argentinos, o *Rivadavia* e o *Moreno* cada um dos quais é, por sua vez, inferior ao *Almirante Latorre*, chileno, o mais possante e moderno de todos. O deslocamento dessas unidades de guerra é de 39.000, 55.000 e 28.000, respectivamente, para o Brasil, a Argentina e o Chile. Quanto aos navios auxiliares, o ultimo serviço dos destroyers e caça torpedeiros brasileiros foi o patrulhamento das aguas europeias, e mais ou menos inuteis para a accão, depois disso, foram quasi todos declarados. Não saberão, talvez, alguns americanos que nossa bandeira, entre latinas deste continente, foi a unica que tremulou, modestamente embora, mas não sem ufania, no theatro naval da guerra, e na ultima parte della, ao lado dos aliados.

Em terra, ao passo que o Chile, ha, approximadamente, um quarto de seculo, reorganisou, sob bases allemans, com Korner, o seu exercito, e a Argenfina, desde 1901, ha pois 22 annos, estabeleceu o serviço militar obrigatorio, o Brasil, por sua vez, só outro dia, em 1917, decretou a inclusão dos civis as fileiras. Uma gazeta de New York, servindo sem o querer á causa da intriga internacional, escreveu recentemente a propósito da votação, pelo congresso argentino, de 100.000.000 de pesos para reorganização militar do paiz, que nada menos de 30.000 soldados brasileiros "are posted opposite the argentine province of Corrientes", quan-na verdade, o exercito do Brasil não tem mais de 43.000 homens; disse-minados num territorio de mais de tres milhões de milhas quadradas, e povoado de 30 milhões de almas. Isso representa apenas uma *divisão de infantaria para cada grupo de seis milhões de habitantes*, ao passo que, em outras nações da America do Sul, essa proporção varia *entre uma divisão por um milhão de habitantes até uma divisão por tres milhões de habitantes*.

II

Iniciada a limitação dos armamentos, pela primeira vez na America do Sul, perante a V Conferencia Internacional Americana, podia o Brasil, no que lhe dizia respeito, oppôr-se a essa limitação, caso ella lhe não consultasse os interesses militares. Mas o contrario é que sucedeua. Quer na comissão dc armamentos da mesma conferencia, quer em assembleia plena, o Brasil declarou-se prompto a chegar a limitação. Para isso, disse estar disposto a mostrar, quando fosse o momento, o estado de suas forças de terra mar, afim de ficar fora de duvida assim seu desejo de collaboração como as precarias condições de sua defesa.

Manifestaram-se, tambem, pela limitação a Argentina e o Chile. Os annaes da conferencia não mostram outra cousa a este respeito. Só a imprensa sensacional, que desde o inicio cercou os trabalhos da conferencia, poderia obscurecel-o. A divergência estava na maneira de levar a cabo a limitação e nos numeros dessa limitação, sobretudo nos relativos ás esquadras.

O Brasil acreditava que o meio mais pratico de chegar-se a accordo era ser o assumpto tratado pelos paizes aos quaes mais directamente interessava, isto é, os paizes do A B C. Só elles tem frota naval e delles, afinal de contas, são os maiores exercitos da parte meridional deste continente. Para isso, convidou o Brasil suas duas irmans a uma conferencia preliminar, na qual assentariam os tres ás bases do comparecimento á V Conferencia, convocada para pouco depois. Aceitou o Chile, indicando mesmo Valparaiso como sede da reunião. A Argentina, porem, negou sua adhesão, entre outras, razões, por ser a materia de interesse geral e assim dever discutir-se. E a conferencia não se realizou. Provaram o factos subsequentes, entretanto, onde estava a melhor orientação, pois que, no decurso dos trabalhos, em Santiago, ficou evidente aos olhos de todos que a limitação não podia interessar sinão indirectamente ás outras republicas, mesmo porque a maior dellas, os Estados Unidos da America, já tinhiam seu pacto, e cinco outras acabavam de realizar tambem o seu, numa convenção regional. Foi mesmo de uma dessas republicas, a de Honduras, que partiu no correr dos trabalhos, em Santiago, uma indicação, recommendando o assumpto da limitação dos armamentos ás potencias do A B C, e, afinal de contas, isso foi o que praticamente prevaleceu com a approvação do relatorio da comissão de armamentos. Está, aliás, ahi, a experiença do mundo, pois na propria Conferencia Naval de Washington apenas cinco das nove nações convidadas tomaram parte na discussão e assignaram a convenção de limitação de 6 de fevereiro de 1922; e no continente, depois dessa convenção, a unica existente até hoje é a que regulou, por iniciativa tambem do Governo Ameri-

cano, igualmente em Washington, a limitação entre os paizes de America Central. Por essa convenção, comprometteram-se taes paizes a não adquirir esquadra durante a duração della. Nenhum projecto de limitação geral (a Sociedade das Nações, na sua longa e meritória tentativa, é disso a melhor prova) logrou até hoje exito.

Impugnada pela Argentina essa maneira de solução, teve o problema que ir a discussão geral em Santiago. Os que acompanharam a marcha da matéria noutras tentativas anteriores, viram, porém, logo os obstáculos que ella depararia, ainda que não ocorressem, o que não ocontece, divergências de vista insanáveis. As conferências internacionaes americanas tem, para prazo relativamente curto, um tal acervo de matérias que só as de feição absolutamente geral e decisão mais simples, alcançam transpor vitoriosas os debates. Como conciliar em trinta dias, por exemplo, assumptos tão delicados como os da organização militar e naval de 18 nações, tão diversas entre si e com factores geographicos e políticos tão variados, de envolta com outros de complexa natureza? Nada menos de 21 sessões, em quasi tres meses de debate, pediu a Conferencia de Washington, com cinco sós paizes interessados e sem a cauda de assumptos que, em Santiago no espaço de um, demandaram a atenção dos delegados, a saber: codificação do direito internacional americano, prevenção de molestias contagiosas, navegação aerea, marítima e terrestre, uniformidade do direito marítimo, estudos agronomicos, nacionalidade, união panamericana. Nenhuma conferencia interamericana, pelos menos as tres que conheço de perto, trabalhou em esforço pratico e resultados como a V de Santiago.

Uma segunda gazeta de New York escreveu, também ha pouco, que "the brazilian craze for armament was the rock on which the generous hopes of the Santiago Conference were shattered".

Delegado do Brasil á Conferencia, eu poria a consciência acima do mandato si essa fosse a verdade. Ninguem, ao que penso, de minha geração no Brasil, terá estudado mais que eu os archivos diplomáticos nacionaes, alguns de cujos antecedentes puz em mais de um livro de documentação imparcial. Perante a Universidade de Buenos Aires, que me honrou depois com seu diploma, discorri também, em cinco conferências sucessivas, da política internacional do Brasil, seu passado e seu futuro, mostrando como sempre se inspirou nos mais altos ideais humanitários e americanos. Pacifista por índole, por convicção, eu não recuaria em denunciar o Governo do Brasil que puzesse, acima desses ideais, ambições de hegemonia ou sonhos de militarismo. Não ha nação, por mais fundas que sejam suas aspirações liberaes e mais bello que pareça seu passado, que não esteja sujeita ao advento ocasional de uma dessas inspirações nefastas, quer pela obra de alguma ambição pessoal elevada ao mando supremo quer pelo desvairamento momentâneo das massas. Mas no Brasil iso até hoje não aconteceu; e o governo, que nos deu insurreições em Santiago, não se desviou da boa trilha. Em matéria de desarmamento, seu pensamento foi e é pedir o mínimo compatível com a extensão de nossas costas e a vastidão de nosso território.

E foi dentro dessa pauta que agiu o Brasil. Na verdade, o que advogou elle, em Santiago não foi mais que a applicação das conclusões da Conferencia de Washington ás forças de mar do A B C; e, quanto ás de terra, ás de limitação na America Central. Que maior testemunho na vontade de colaborar, quando ia buscar para modelo os dois únicos casos em que ella até hoje deparou solução internacional? A divergência das três nações (pode-se, talvez, dizer das duas maiores porque, ao que parece, o Chile estaria pela solução que adoptassem impedi, porém, o acordo. A Argentina, deixando de lado a convenção naval citada (essa convenção não tomou, por base, o *statu quo*, pois o Japão pôde concluir o *Mutsu* e os Estados Unidos dois navios do tipo *West Virginia*) conservaria os recursos militares dos

tres paizes no estado em que estavam. O Brasil, por seu lado, e de acordo com as duas conferencias mencionadas, advogava nas forças de terra a limitação baseada na "população, area, extenção de fronteiras e varios outros factores" (artigo 1 da convenção de 7 de fevereiro de 1923 entre as republicas de Guatemala, Salvador, Honduras, Nicaragua e Costa Rica) e nas de mar pedia o maximo de 80.000 toneladas para os navios capitales. Note-se que, enquanto aquellas conferencias estabeleceram, para as potencias signatarias, uma tabella de limitação gradativa, o Brasil foi mais longe propondo uma formula commum, mau grado ter uma população tres vezes mais que a Argentina e cerca oito vezes que o Chile; e caber no seu territorio quasi tres vezes a primeira republica e 25 a segunda.

Na apresentação desses pontos ficou a conferencia. Que o Brasil não pedia demais, ao contrario se cingia a um limite modesto, provam todos quantostos nos conhecem a situação militar e naval, e, mais do que isso, o depoimento de uma commissão estrangeira insuspeita, a commissão temporaria mixta, creada pela Sociedade das Nações para apurar a escala dos armamentos em todo o mundo com o fim de uma reducção geral. Como se sabe, essa commissão encetou sua tarefa pelas esquadras, e, tendo chegado aos principaes paizes da America do Sul, verificou que adoptar o principio do estado actual dellas seria deixar uns em situação de injustificavel inferioridade sobre outros. Fazendo seu relatorio, a subcommissão naval da mesma commissão não deixou de o sublinhar. Suas palavras são de 1922 (desde 1906 o Brasil não adquiriu um só navio de linha) e constituem o melhor e mais conciso atestado dos apregoados planos militaristas do Brasil e de seu estado actual de defesa: "O artigo 4 do projecto (por elle ficaria a Argentina com 81.000 toneladas, o Brasil como 45.000 e o Chile com 35.000) foi redigido em estricto acordo o principio de estado actual das esquadras. A maioria dos membros da subcommissão naval, entretanto, sente-se obrigada a chamar a attenção do Conselho da Sociedade para a consequente desegualdade entre as forças navaes das tres repúblicas sulamericanas, pois que, por circunstancias technicas e geraes, de cada uma dellas, as tres deveriam ter as forças navaes equivalentes, limitada contudo a tonelagem dos navios de linha a 80.000 para cada uma".

III

Si esse era o caso do Brasil, tão pouco se desmandavam em despezas bellicas a Argentina e o Chile. Não tenho procuração para falar por esses dois paizes, mas posso dizer que a situação de alarma, para aqui transmitida pelo telegrapho, com superarmamentos, balança de poderes e perspectiva de paz armada, está longe de corresponder á realidade.

Falar da limitação de armamentos na America do Sul é partir do principio de estar ella, como a Europa, superarmada. O contrario, é, entretanto, o que sucede. Si houvesse alli o apregoado abuso de exercitos e esquadras, dariam disso immediato signal os orçamentos. E o exame destes leva a conclusões inteiramente oppostas:

Ninguem o provou melhor do que o Presidente da V Conferencia Internacional Americana, ao expor, perante a IV Assembleia da Sociedade das Nações (terceira commissão, 7 de setembro de 1923) os trabalhos daquella conferencia. Para dar maior relevo ao seu quadro, comparou o Sr. Augustin Edwards a situação das nações A B C á de certos paizes europeus neutros na ultima guerra e reputados entre os mais pacíficos e menos armados do velho continente, isto é, a Hespanha, no sul, e a Dinamarca, a Suecia e a Noruega, no norte.

Gastou a Hespanha, com efeito, 27.647.000 libras esterlinas com seus armamentos de terra e mar, e o grupo scandinavo 15.280.000, das quaes 9.651.000 á Suecia, 2.668.000 á Dinamarca e 1.961.000 á Noruega, num total de 41.927.000. Ao mesmo tempo, na America Latina, a Argentina gastou 7.447.000, o Brasil 5.215.000 e o Chile 4.254.000, num total de 16.916.000. As outras republicas do continente despenderam em conjunto, com exclusão dos Estados Unidos e Canadá, 26.498.000, ou seja um total, para as vinte nações latino-americanas, de 43.414.000. Os dados do Sr. Edwards apoiam-se para a America na tabella organisada pela Pan American Union (1921) e para a Europa no estudo comparativo da Sociedade das Nações (1922).

Que provam esses algarismos? Que os tres paizes do A B C despenderam individualmente menos que a Suecia e os tres reunidos apenas cerca de 60 % da Hespanha. Noutras palavras, as vinte republicas latino-americanas gastaram mais ou menos o mesmo que quatro dos paizes neutros mais pacificos e menos armados da Europa. A população dos tres paizes scandinavos citados anda em torno dos 11.900.000 habitantes e a dos tres do A B C em torno dos 42.900.000. Ora, como os dois grupos de paizes gastam aproximadamente a mesma cousa em armamentos e a população do americano é quatro vezes maior que a do scandinavo, a conclusão inevitável é que os armamentos gravam quatro vezes mais aos habitantes do grupo europeu menos armado que do grupo americano mais armado.

Si se considerar, agora, a questão dentro do continente, não são menos interessantes os resultados. Disse o Secretario de Estado Charles E. Hughes que, estatísticas que teve em mão, provaram que aos exercitos do mundo, cabe á Europa 74 % do total e a este hemispherio, os Estados Unidos e o Canadá comprehendidos, apenas 6 %. Limitando, porém, o exame ás forças de terra e mar na America, sob o denominador commun das respectivas despezas, não são menos eloquentes as cifras. De facto, as vinte republicas latino americanas despenderem actualmente 43.414.000 libras esterlinas e os Estados Unidos 176.858.000. Si é verdade que os Estados Unidos são hoje potencia naval de primeira classe, não é menos certo que as suas vinte irmans continentaes, em bloco, despenderem quatro vezes menos. A momulação dos Estados Unidos, anda pelos 110 milhões de almas, mas a da America Latina pouco menos é, correndo pela casa dos 90 milhões, num territorio maior.

A par dos seus nobres resultados, a Conferencia de Washington não deixou de concorrer, indirectamente, para o estado de desorientacão em que anda geralmente a opiniao, no assumpto do desarmamento. Passou-se, depois della, a pregar a applicacão de suas regras ás demais nações sem se tomar em consideração a relatividade do problema. Não se viu tambem que, si na Europa o problema era politico, e sobretudo economico, na America Latina elle mal assumia, si é que assumia, o primeiro aspecto. Fixou a Conferencia limites para paizes que haviam attingido e mesmo sobrepassado o maximo de poder militar e que, sahidos de uma guerra sem precedentes, ficaram na contingencia de reduzir a todo o poder os orçamentos bellicos, elevados pela propria guerra a cifras colossaes. Como proceder com relacão aos paizes, como o Brasil, nos quaes o poder naval, já muito inferior ás necessidades de sua defesa, foi descurado em vez de aperfeiçoado durante a mesma guerra?

Ademais, ficou a opiniao publica universal seduzida pelo golpe dramatico que foi o sacrificio, em certo limite, do couraçado, e nada que não fosse essa destruição poderia satisfazel-a cabalmente. E' o couraçado, na verdade, a expressão visual da soberania, a forma mais tangivel do poder de ataque e destruição; mas sua limitação, importante economi-

camente, não é tudo no ponto de vista politico ou tactico, depois que se sabe do poder de outras armas, entre elles os gazes letaes, a traz de cujo aperfeiçoamento anda a sciencia em cada paiz e que, sem duvida, vão constituir a chave da guerra de amanhã. Tivesse a conferencia de Santiago assentado a destruição dos couraçados actuaes e de uma aureola seria a estas horas sua obra. Fez, entretanto, ella muito mais e não se reconhece, porque deu força á causa da concordia e da amizade pela condemnação dos horrores da guerra e do abuso de algumas de suas praticas sinistras, e, principalmente, pela assignatura desse tratado Gondra, por obra do qual todas as nações de um mesmo continente assumiram, pela primeira vez, o compromisso de honra de não recorrerem a hostilidades, ou a actos preparatorios dellas, e, muito menos irem á guerra, sem o estudo de uma commissão de inquerito que, quaequer que sejam suas perspectivas, elimina, pelo menos, a paixão de momento e, permittindo o *coolin of period* tão necessário aos interesses da paz, não permitte que esta se quebre.

Desde o infortunio do grande drama europeu, anda a humanidade ás cegas, á procura de algum remedio que, fazendo-a voltar ao estado de tranquilidade anterior, evite a repetição do braseiro. O remedio para ella é a limitação dos armamentos, e, meio illusa nos seus soffrimentos, não vê que nessa limitação está apenas parte do remedio, pois a outra, talvez a maior, reside fora, está nos homens e não nos seus instrumentos. Com todas as armas deste mundo serão dois povos os melhores amigos si houver ambiente de paz. Falte este, e pelejarão nem que seja com os punhos cerrados. Seria pueril pensar, por exemplo, que a Conferencia de Washington baniu a guerra, ou ainda a limitou entre as cinco potencias que a assignaram, porque reduziu o numero dos navios capitales de cada uma. Seu efecto não é esse, mas outro, menos visivel, mas muito mais fecundo, o de chamar á conversação grandes e pequenos paizes, em assumpto de interesse commun, do qual poderia advir fricção, solvendo, com franqueza e bom entendimento, difficolidades presentes ou ainda eliminando tropeços futuros. O pacto de garantia no Oriente vale, neste particular, muito mais que a destruição do Delaware, do Agammenon ou do Settsu. Couraçados cream-se na emergencia, mas amizades baseadas na boa fé, no trato e na confiança reciproca, não se improvisam. E' a essa obra que deve continuar a pôr hombros a America do Sul, procurando seguir uma tradição que vem de longe, e impedindo que se não troquem velhos e arraigados sentimentos por novos e mal inspirados.

Porque é, por exemplo, que quaequer trabalhos de defesa na Argentina haveriam de interpretar-se contra o Brasil, si nação das mais ricas e zelosa do seu futuro, com toda sorte de problemas a resolver, lhe cabe o dever, que ninguem lhe pode negar, de acudir á sua segurança como e quando lhe convier? Porque é que ao menor projecto militar e naval do Chile, não menos a caminho de um grande progresso, surge logo o commentario em torno da Argentina? Porque é que ao ensaiar o Brasil, com toda sua immensa riqueza e seu vasto territorio, pôr em vigor um programma naval de quasi 20 annos, se dirá que sua mira está no Rio da Prata? Afinal de contas, das duas vezes em que o Brasil, na republica, se viu em perigo de conflagração externa, nenhuma foi com sua vizinha e antiga aliada do sul. A amizade, o respeito mutuo, a identidade fundamental de destinos, valem mais do que a voz do alarme, e, quando nada mais houvesse para explicar um entendimento internacional, que tem sido e ha de ser a base da civilisação na America do Sul, ahi está, com seu testemunho, o passado, dizendo que, de um lado, si pacto houve, anterior a todos os outros de limitação nas armas, elle appareceu primeiro entre o Chile e a Argentina, e foi em 1902; e, de outro lado, que si nações ha,

cujos interesses coincidem e cujo futuro reposa inelutavelmente na paz e della se não afastarão, essas nações são o Brasil e a Argentina.

Ha em todas as nações, por menos imperialistas que sejam, jacobinos, perturbadores da harmonia internacional, maus vizinhos. Seu numero aumentou neste hemisphero desde que a guerra empobreceu, no outro, os erarios publicos e a perspectiva de venda de armamentos passou para este lado do Atlantico. Sem duvida, tambem, os successos consequentes á mesma guerra fizeram crescer, dentro de todas as fronteiras, a vaga do nacionalismo, que na Europa é ainda alta e no continente americano, felizmente, não foi além da manifestação isolada de individuos ou grupos. Mas isso não quer dizer que sobre a agitação dessa gente deixe de prevalecer, e não tenha prevalecido sempre, a voz da razão serena, dos sentimentos justos, dos interesses superiores da paz e do trabalho. Seria a concordia internacional uma cousa vã si de outro modo acontecesse. Divergencias, que sempre existem, entre nações, resolvem-se pela boa fé reciproca, o animo de collaborar, a decisão de pôr acima de circumstancias passageiras, a harmonia, a concordia, os ideaes permanentes dos povos.

HELIO LOBO

New York, Fevereiro, 1924.





A BACIA DO AMAZONAS

Quando, depois de darmos uma idéa das regiões subditas do rei dos rios, nós pensamos nas estradas de ferro que as exploram, necessário se torna extender as nossas vistas e incluir certas empresas ferroviárias que, posto que não sejam totalmente da região amazonia, para ella se dirigem e aos interesses de suas actuaes vias fluviaes se procuram alliar; os seus emprearios não desconhecem o trafico immenso do Amazonas e seus tributarios e todo o seu escopo e d'elle se apropriarem rapidamente e tanto quanto lhe fôr possivel.

A Venezuela e a Colombia são, dos paizes que teem terras sujeitas á hydrographia amazonica, os que ficam mais ao norte; nem um d'elles tem ainda estradas de ferro na região referida. As pequenas estradas de ferro que n'esses paizes já existem, não teem maior aspiração do que a de servir certas e determinadas regiões cuja fertilidade se lhes impõe.

O Equador é o unico paiz, n'aquelle direção, cujos caminhos de ferro transpuzeram, vindos do oriente, as formidaveis serranias andinas; o seu intento vê-se bem: elle deseja que sua rede ferroviaria desça para o occidente e torne seus tributarios todos os trilhos de communicação que ella ior seccionando.

A estrada de ferro que vai de Guayaquil a Quito levou muito tempo a fazer: iniciada em 1872 sómente em 1908 viu seus trabalhos terminados. Esteve trinta e seis annos em construção.

Como acontece nas demais empresas da costa occidental, inumeros e arduos problemas desafiam a habilidade e a intelligencia dos respectivos engenheiros e tornam, consequentemente, muito custosas estas construcções. E não foram só estas difficuldades de trilhar tão accidentadas regiões que se apresentaram aos audaciosos pioneiros do progresso equatoriano; a falta de dinheiro fez-se constantemente sentir, porque os governos instaveis não inspiravam nem confiança bastante no estrangeiro para o attrahir, nem para o obter, elles mesmo por emprestimo.

Ella tem apenas 288 milhas, mas a não ser a Estrada de Ferro Central do Perú, é a linha mais deffícil que em todas as americanas se construiu; nenhuma outra se lhe pôde comparar nas difficuldades que venceu. Os precipícios que ella galgou, são enormes; e muito largos são, alguns dos rios

que cruzou. No ponto denominado *Naris do Diabo* um desvio em forma de V ou melhor talvez Y teve que ser utilizado; a linha termina na ponta rochosa do barranco pavoroso; o trem que para n'uma das hastes do Y, recua, penetra pelo vertice, na haste contraria d'aquelle por onde entrou; e, cautelosamente, vagarosamente, vai vencendo os perigos da tremenda passagem, até que a final o leito da estrada se alarga, toma a direcção desejada e facilita e torna menos perigosa a escalada que o trem effectua para alcançar os 2.850 metros que em Quito se notam acima do nível do mar. (Tres vezes e meia mais do que a Serra de Santos). (1)

Acham-se já perfeitamente estudados varios traçados de ramos que n'ella entroncarão, ora em direcção ao norte ora ao oriente, e cujo fito unico é alcançar as regiões amazonicas; mas a data para effectuar a construcção d'estes factores do progresso, ainda se não pode prevêr.

De todas as linhas de ferro que pretendem devassar e explorar as regiões do rio Amazonas, nenhuma se pode comparar com a *Central* do Perú. Iniciada em 1870 pelo governo do paiz, o seu primitivo projecto era construir uma linha que, partindo do Pacifico viesse terminar n'un dos grandes portos do Amazonas ou de qualquer dos seus principaes tributarios. Se este projecto nunca foi realizado, não foi, nem por falta de recursos, nem por falta de audacia e de intelligencia de seus engenheiros, nem por carencia de pericia do elemento trabalhador. Nada d'isto. A impossibilidade de executar obra tão grandiosa jaz n'isto: os obstaculos naturaes que o accidentado paiz offerece, são tantos e de tal magnitude, que cada pequeno avanço custa uma fortuna; e, por isto o governo tem que ser cauteloso e limitar as despezas aos creditos respectivos.

Sahindo de Calláo, no oceano Pacifico, ella sóbe de tal forma que a cento e seis milhas apenas, ella está a mais de 4.700 metros de altitude e continua a subir até á estação de Morochoca.

As difficuldades de construcção foram tantas, que só desvios em fórmula de Y, similares áquelle acima descripto, ha dezenove, além de sessenta e sete tuneis, sendo um do feitio de uma ferradura. Onde não havia raio bastante para curvas, forçoso foi fazer tuneis; os trilhos são assentes em encostas que emergem de valles quasi verticaes e cujo fundo jaz muitas vezes a mais de sessenta metros de profundidade.

Ligando os valles destas estranhas serranas ha as pontes respectivas e cuja difficuldade de construcção logo se patenteia ao mais leigo dos mortaes: para a levar a cabo, foi preciso muitas vezes empregar artificios taes, que ninguem até então, jamais imaginára.

O *Viaducto das Verrugas* por exemplo, apresentou-se somo um problema nunca visto entre obras similares. E' construido n'un altitude de quasi dois mil metros; tem 173 metros de comprido e entre elle e o fundo do valle que escala, ha cerca de noventa metros. E, lá no fundo d'esse espanioso barrôco, ora corre uma ribeira caudalosa, formidavel, barulhenta, ora não ha agua nenhuma. Tres pilares de alvenaria supportam os respectivos taboleiros: o do centro tem uma base de mais de cincoenta pés quadrados.

Estas difficuldades só, seriam o bastante para arripiar os cabellos de muita gente: pois não ficam só n'isto. Ao serem effectuadas excavações na penha de um dos lados, um veio de pedra corrompida foi encontrado e cujo fedor malefico causava uma febre a que não foi possivel classificar; a epidemia que produziu, matou centenares de pessoas não só entre as turmas de trabalhadores como entre o pessoal superior da empresa.

A ponte do *Infernillo* foi construida para ligar dois tuneis que atravessam uma serra de penedias enormes e que formam valles profundissimos; no fundo d'estes valles, porque são estreitissimos, pouco se vê, mesmo em pleno dia. Quando o tunel chegou a este ponto preciso era continua-lo, perfurando a parede de rochas enormes, que se lhe offerecia a alguns metros

de distancia; mas os engenheiros ao inspecccionarem o medonho local, viam a seus pés um abysmo e sobre suas cabeças umas escarpas rochosas com saliencias em relevo aqui, reentrantes alli, onde nem o mais eximio dos acrobatas arriscaria a pelle.

Para continuar os trabalhos forçoso foi lançar cestos, suspensos das alturas; d'estes cestos, os trabalhadores e seus capatazes, construiram a ponte necessaria para continuar a obra extraordinaria que alli ficou a attestar á posteridade a fibra tenaz e audaciosa de que esses pioneiros do progresso eram dotados.

E d'aqui até Chicla, onde a construcção parou quatorze annos, a linha galgou tremendos despenhadeiros e estreitissimas passagens, graças ás muitas pontes e tuneis que por lá se construiram.

Para dar ideia das difficuldades que esta obra offereceu, basta demonstrar a que alturas acima do nível do mar ella subiu em distancia relativamente pequena.

Galera é um tunel de menos de mil e duzentos metros; atravessa os Andes na sua serra principal e está a 4.700 metros de altitude: foi quantos a linha subiu em menos de cem milhas; e d'aqui, desce um pouco até Oroya que fica a 3.700 de altitude e trinta milhas além de Galera.

O custo da construcção foi proporcional ás difficuldades encontradas: quarenta mil libras esterlinas por milha ou antes, cambio a 7, alguma coisa mais do que 857:000\$000 por kilometro; vidas humanas, cerca de sete mil e quinhentas (2)

Tambem as circunstancias que cercaram o inicio e a historia d'esta linha, não foram communs. Em 1870 o Peru estava n'uma explendida situação financeira; havia dinheiro no interior e credito do exterior. O paiz é atravessado pela principal cadeia andina; no lado do oceano Pacifico, o Peru é uma estreita facha de terras baldias na maior parte, posto que seja n'ellas que o paiz tem as suas principaes cidades. E' no outro lado, no oriente, que a maior parte do paiz existe, com as suas minas preciosas; as suas terras de amanho; fazendas de criação; florestas. Tambem é n'este lado que se encontram grandes cursos fluviaes como os rios Madre de Dios, Ucayali, Urubamba, ligando-se ao Amazonas.

Iquitos, uma cidade peruana, é um dos portos do grande rio e até lá pôdem chegar regularmente barcos do trafico ultramarino; mas todos estes vastos dominios, riquíssimos como se sabe, tinham que ser alcançados pelas estradas rudimentares que do tempo dos incas ficaram e que até para bestas de carga muito mal serviam. Quanto muito para lamas, esse camelito interessante e providente que os indigenas de lá possuem'

O problema que o governo desejou resolver era dar ao paiz seguros meios de communicação e transporte com capacidade para satisfazer o desenvolvimento agricola ou industrial que o progresso do paiz exigisse, além do trafico de importação.

Henry Meiggs foi o chefe principal d'este arrojado emprehendimento; depois de ter perdido na California uma fortuna que lá arranjara como commerciante, este americano de New York veio tentar fortuna no Perú. Foi feliz; construiu uma estrada de ferro cujas difficuldades offerecidas pelo terreno não teem similar. A sua morte foi prematura; matou-o o excesso de trabalho a que elle se entregara na direcção nada facil da notável empresa.

Partir de Lima n'esta maravilhosa estrada de ferro, é ser assombrado a cada passo que se avança subindo para o planalto, ora pelos caprichos das bellesas naturaes; ora pelo inesperado e estranho que ha nas obras de construcção; ora pela grandiosidade do panorama, sem rival no universo.

Para descrever isso, a nossa lingua, rica embora, não tem os termos precisos. Um encanto.

Da capital do Peru, a linha vai margeando o enevoado e barulhento Rimac, atravessando uma região arida de mais de quarenta milhas; não ha verdura natural. Aqui e alli, á custa de irrigações, encontram-se campos semeados de trigo; alguma canna doce; altas palmeiras e bananeiras.

Na raiz da serra, onde terminam os valles que proveem dos alteresos Andes, ha, além de muitas fructas dos climas quentes, macieiras, pecegueiros, laranjeiras, etc. E, d'aqui, a locomotiva começa a difficult tarefa de galgar os altos da montanha gigante; a vegetação é pobre; mirrada. Não ha arvores. A viagem insunde medo. Do trem olha-se para as profundas e silenciosas barrocas que as correntes com o tempo produziram: cada uma é um abysmo; volta-se a cabeça rapido, para evitar uma vertigem: parece que o coração vai cessar de bater.

Em direcção ao ceu, altas, negras, erguem-se erectas, abruptamente, as serranias sem par. Aqui e alli, uma pobre flor alpina se suspende como uma exhotica maravilha, n'aquelle immenso amontoado de rochas que mais parece o esqueleto d'este mundo, esmigalhado e posto n'um montão alli, pela mão caprichosa do Omnipotente. Vêem-se coisas antigas, attestados singulares do dominio inca, que audaciosa e pacientemente lutam com a agreste natureza do seu paiz e desafiam ainda as inclemencias do tempo e o esquecimento da historia.

Os restos das estradas explendidas que elles cortaram á força de picaleta n'essas rochas ignotas, são provas de uma civilisação que morta embora, tem n'isto um epitaphio magnifico e duradouro. Nas colinas menos elevadas, ainda se ostentam os terraços primitivos; alguns parecem uma especie de eira no tempo das colheitas e ponto de reunião fóra d'elle: outros, são pequenas courellas para agricultura.

A terra é amparada por paredes muito seguras, posto que sejam de pedra secca; e muitas vezes ha dezenas d'estas paredes em successão pelas colinas acima, como se fora uma escada. N'estes poiaes ainda vivem inúmeras familias; e, nunca se esquece o espectaculo que essa gente nos oferece quando se dirige a algum dos povoados maiores, conduzindo em lamas, os seus productos de commercio. Estes animaes e os seus conductores demonstram prodigiosa coragem para viajar por tão invios e arriscados carreiros.

Dezoito milhas ao norte de Oroya existem as minas de Cerro Pasco; a companhia que as explora construiu um ramal de caminho de ferro para unir a Oroya o seu dominio; Cerro Pasco está a mais de 4.200 metros de altitude e é cercado pelas geleiras que cobrem os principaes cumes que a cordilheira dos Andes contem. Suas minas exportam vinte mil toneladas de minério por anno e de que a Central ganha o respectivo frete; empregam uns dois mil indigenas, alem de uns duzentos brancos, pessoal de direcção incluido; funcionam ha séculos. Os hispanhoes despresaram o cobre quando se apoderaram d'ellas; sómente a prata lhes satisfez a cobiça. Os seus trabalhos ainda lá se patenteiam; muitas galerias por elles excavadas teem sido escoradas para evitar possiveis quedas de terra e consequente obstrucção.

Cerro Pasco é, com toda a certeza, a cidade cuja altitude nenhuma grande povoação no globo iguala; mas a E. F. Central do Perú tem um desvio no districto de Morochoca, que sobe a 5.300 metros; tambem no mundo inteiro estrada de ferro alguma a iguala n'esse sentido.

N'esse lugar tambem ha uma mina de cobre que dá a mais alta porcentagem conhecida até hoje; das actuaes minas em exploração nenhuma a iguala nem igualou jamais.

Partindo de Oroya para o sul, um outro ramal se extende que alcança já Huancayo e oitenta milhas do entroncamento; como a estrada de ferro do sul do Perú já passou alem de Cuzco e esta se lança de Huncayo na

sua direcção, passando por Ayacucho, um entroncamento com a Central é não sómente facil como, por certo, é este o fim colimado.

Estas duas linhas principaes, iniciadas em Calláo e Mollendo, no Pacifico, pódem, utilizando o entroncamento Guayaquil la Paz, alcançar a linha que se dirige para um dos melhores portos que o rio Beni offereça e que já se acha em construcção na região dos *yungas*. Naturalmente será esta a primeira linha de ferro que ligue o trafico marítimo do Amazonas e seus tributarios, facilitando as communicações do Perú e das regiões adjacentes entre o Atlântico e o Pacifico.

De Ayacucho a Cuzco ha menos de cento e cincuenta milhas de distancia; d'esta ultima cidade em direcção a Sant'Anna, a E. F. do Sul do Perú está lançando os seus trilhos já, e com o intento de ir avançando sempre na mesma direcção. Mas logo que ella alcance Sant'Anna, menos de cem milhas a separará de Oraya; mas é de crer que os trabalhos de avanço da grande via do sul não fiquem em Cuzco e assim, um entroncamento na do norte será a sua natural finalidade.

Trez grandes companhias já estão nas regiões amazonicas: a do sul do Perú que partindo de Mollendo já ha muito chegou a Cuzco; a de Antofogasta a la Paz e a E. F. de Mejillones a Cochabamba na Bolivia.

Se a construcção da E. F. Central do Perú foi um prodigo de habilidade technica a tenacidade extraordinaria do elemento constructor, a do sul foi uma aventura para os capitalistas que n'ella seus captaes empregaram; por emquanto, não tem correspondido ao sacrificio dos emprezarios e está ainda muito longe de o fazer.

A região é pobre e não será por emquanto que o seu desenvolvimento alcance a necessaria prosperidade para compensar os sacrificios que a via ferrea lá representa. A Central tinha proposito definido e immediato: tornar o interior do paiz accessivel. O progresso da região das minas garantiu todos os sacrificios. No trajecto ha grandes cidades; mas tambem a linha principal tem apenas cento e trinta e sete milhas, emquanto que a do sul tem quinhentas e cincuenta.

O avanço da estrada do sul em direcção ao oriente, serve comtudo, uma região de abundantes e de variados recursos. Não foi debalde que os incas escolheram Cuzco para capital do seu imperio, que se extendia da Colombia para o Chile. Cerca de cincuenta milhas ao noroeste d'esta cidade, ha o deposito de cobre de Ferrobamba, que, se não é uma mina inesgotavel, é comtudo a maior que se conhece. A região de Cuzco que possuia na época da conquista hespanhola cerca de dois milhões de habitantes, contem agora uns quatrocentos mil. São laboriosos, sobrios e representam o povo inca, de que são os authenticos descendentes.

A facilidade de transporte para as industrias e melhores soldadas ao elemento obreiro, vai com certeza, augmentar a população. Entre as altitudes oito e dez mil pés a agricultura é a melhor industria depois da dos minérios; ella alli produz e produz bem, forragens e cereaes; e ao norte e ao nordeste, além d'estes artigos, ha florestas muito ricas e muito vastas. Ha tambem campos para productos tropicaes e semi-tropicaes.

Além das estradas de ferro Central e Sul, ha no Perú varias estradas menores em exploração e varios engenhos de assucar, tudo pertencente á mesma corporação. No oceano Pacifico, metade das ilhas que produzem guano pertencem-lhe tambem. A maneira como esta poderosa empresa adquiriu estes factores da riqueza do Peru é o resultado d'uma operação extraordinaria.

Depois da guerra com o Chile, o governo do Perú achou-se sem vintem; a sua capital occupada pelo exercito inimigo; na suas costas, destruido tudo o que ao inimigo tambem se lhe antolhou; o paiz desmembrado e o povo completamente esmorecido pelo triste resultado da guerra. Os juros

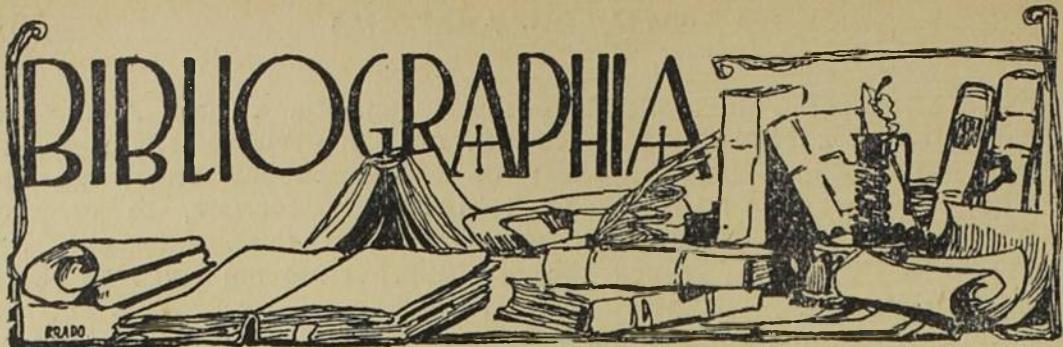
da dívida atrasados e augmentando o seu volume dia a dia. A situação era calamitosa. Na Hollanda e na França o Perú devia pouco; a grande maioria dos portadores das apolices da dívida publica estava na Inglaterra. Ao vêr o perigo que os seus haveres corriam, os credores do Perú reuniram-se, organisaram-se e estudaram intelligentemente, honestamente, a situação do paiz; votaram e aprovaram um plano de acção económica para auxiliar o paiz que a guerra tinha posto em tão singular situação. O governo do Perú verificou logo o alto alcance das medidas que os seus amigos lhe propunham e o que elles tinham de generosidade também; effectuou immediatamente uma operação financeira tal que, salvou o governo de graves dificuldades ao mesmo tempo que garantia o capital de seus credores e concorria extraordinariamente para o progresso do paiz.

O paiz possuia varias estradas de ferro, ilhas de guano e grandes áreas de terras ferteis completamente desoccupadas. Só a dívida consolidada era de pouco menos de cincoenta e um milhões de esterlinos. Então os credores organisaram uma empresa a que deram o nome de *Peruvian Corporation* e passaram quitação ao governo do que este lhe devia em troca das estradas de ferro, trez milhões de toneladas de guano e trinta annuidades de oitenta mil libras, a contar de 1893 (cambio a 7 é alto como 2.757 contos por anno). (3) As estradas deviam de ser exploradas pela nova empresa durante sessenta e seis annos; ulteriormente porém, este prazo foi elevado a oitenta e trez. Nas concessões territoriaes o governo dotou-as com privilegios especiaes para as explorações de minérios porventura lá existentes.

Traducção do *The River Plate Observer*.

A. D. DE MIRANDEIRA.

(1, 2, 3) notas do traductor.



*GRAMMATICA EXPOSITIVA — Eduardo Carlos Pereira. —
Curso elementar. — Monteiro Lobato & C. 1924.*

Desde que apareceu o compendio elementar de Eduardo Carlos Pereira, hoje infelizmente falecido, o estudo da grammatica se apresentou desrido do horror que era a sua caracteristica essencial. E' que primava nessas lições a elocução facil e desataviada de nomes arrevezados, constituindo-se a sua leitura até prazer aos que intentavam pôr-se ao par das exigencias da linguagem. Professores e alumnos reconheceram-no, tendo feito com que a obra, em pouco tempo, conseguisse avultadas edições.

Esse facto foi util acoroçoamento ao saudoso philologo, que nos foi brindando com mais dois admiraveis compendios, a Expositiva superior e a Grammatica Historica, em que, num e noutro se evidenciaram em absoluta plenitude as suas qualidades de philologo, de escriptor e, principalmente, de professor que tem o segredo da exposição comprehensivel.

Esta que temos sob os olhos é a "Grammatica Expositiva" para o curso elementar. Em duas centenas de paginas condensam-se as noções rudimentares da disciplina, ao alcance das intelligencias juvenis. Nada de explanações, nem de considerações alheias ás questões que ventila. Apenas, o "succo", o indispensavel para que se constituam as bases do conhecimento maior que virá amanhã com o curso superior para se coroar afinal da historia da lingua.

Felizmente, nesta materia de grammatica, o ensino no Brasil vae por bom caminho. Os livros de methodologia que se têm publicado, não dispensando o compendio, antes sendo-lhe complemento, encaminham-no para uma éra nova no estudo da lingua; não se deve, porém, esquecer que a Eduardo Carlos Pereira, cabem honras de o ter posto nesse pé, por quanto suas obras foram as que maior influencia exerceiram na mentalidade de nosso professorado, da qual varreram, como um vento benefico, arraigadas idéas que só traziam ao alumno desanimo e aversão.

SAUDADE — Thales Andrade — Monteiro Lobato & Cia.

Este livro de leitura para as crianças das escolas, tem o condão de interessal-as, o que é recommendação bastante. A larga aceitação que vem encontrando, a ponto de obter quatro successivas edições em tres annos, são uma prova de que auxiliam poderosamente ao ensino.

Em São Paulo, felizmente, o nível intellectual do professorado tem soffrido constante progresso, razão pela qual seus julgamentos podem fazer fé. Os estudos de psychologia infantil são feitos com muito cuidado, re-

sultando sempre a convicção de que, para se conseguir o maior proveito com a menor pena da criança, ha que lhe pôr nas mãos historias que interessem. Baniu-se por completo o livro "peroba" que cria o horror á letra de fórmula. E por isso, as adopções variam entre este "Saudade", de Thales Andrade, e as "Fabulas" e o "Narizinho Arrebitado", de Monteiro Lobato.

"Saudade" é um romance para crianças. O pequeno leitor, em lhe detrelando as primeiras paginas, toma gosto e vai até o fim, e relê e trelê, sempre e cada vez mais interessado. E' a historia de uma familia que abandonou a vida da fazenda pela da cidade e que, reconhecendo as vantagens daquella em face dos prejuizos desta, retorna ao campo e prospera admiravelmente. Tem, pois, intuitos mais elevados que o simples ensino da leitura. Incute na criança o amor pelo cultivo da terra, de que tanto carecemos.

Tudo isso, é feito com arte, com elegancia no dizer, sem que soffra a expressão com a presença dos vocabulos menos entendiveis de crianças. Professor que tem a seu cargo meia centena de alumnos, o sr. T. A. de tal feitio se entranhou das expressoes infantis que seu livro parece ditado por um menino. Essa a caracteristica primacial do volume, que aliás tem outras, como a apresentação material, que é excellente e as ilustrações, que são de um artista entendido no mister.

CANTIGAS DA MINHA TERRA — João Gomes Junior — Monteiro Lobato & C.

A criação dos Orpheons Escolares representa no Estado de S. Paulo um dos grandes passos pela diffusão da cultura musical. O magnifico resultado obtido e fartamente coroado pelo applauso publico significa a vitória da iniciativa.

O maestro João Gomes Junior, professor de musica da Escola Normal da Capital é um dos maiores entusiastas dessa instituição, de que tem estudios especializados na Europa. O Orpheon que obedece a sua batuta é justamente apreciado.

Mas, nem só como regente e organisador se tem imposto. Compositor, é autor de varias peças, não sendo de esquecer a sua contribuição para os proprios Orpheons. Assim é que, attentando para a lastimavel falta de musicas adequadas para tales coros, arranjou umas, adoptou outras, compôs ainda outras, publicando-as em volumes que encontraram o melhor acolhimento por parte do professorado paulista. Com as collecções "Alvorada" e "Primavera" do Sr. Fabiano Lozano, são, parece-nos, a unica coisa feita nesse sentido no paiz.

Estas que os Srs. Monteiro Lobato & C. acabam de lançar em bem cuidada edição, obedecem a intuitos nacionalistas. "Nas escolas — diz o A. — a musica tem patria". De facto, e é louvável o seu intuito aproveitando cantigas populares como "Pirulito que bate-bate". "O boiadeiro". "Vem cá, Bitú". "A casinha pequenina" e outras, a que adaptou poesias de Thomaz Ribeiro, visconde de Monsaraz e outros.

Provado o seu bellissimo effeito em varias audições, é de esperar que encontrem essas musicas a maior divulgação nas escolas do paiz.

CADERNO DE PROBLEMAS ARITHMETICOS — Benedicto M. Tolosa — Monteiro Lobato & C. — S. Paulo

O ensino dos numeros nas classes primarias é um dos problemas mais sérios que o professor encontra a resolver. Não tanto pelas difficuldades

com que a criança naturalmente se vê assoberbada no aquilatar e enunciar quantidades, mas principalmente, pelo desencontro dos methodos preconisados. Dizem uns que é assim: outros, assim; aquelles outros, assado... e o pobre mestre se debate entre elles, crucificando a intelligencia infantil que, embotada, é presa de desanimo.

Attentando a esses inconvenientes, o Sr. professor Tolosa ideou uma série de cadernos de problemas arithmeticos de que o primeira acaba de aparecer, com cerca de 50 paginas. Destina-se ao 2.^o anno, preliminar, comportando uma série de questões convenientemente graduadas á altura do preparo inicial que devem trazer do 1.^o anno. Vão desde a simples graphia de numeros até problemas sobre o systema metrico, passando por fracções decimais e ordinarias.

Praticado este processo com empenho da parte do mestre, os resultados serão magnificos.

E a proposito convém transcrever aqui as palavras em que o autor expõe sua orientação que se nos afigura excellente:

"Nunca ensinar, mas trabalhar com os alumnos. Estes não serão comellidos ao trabalho, mas a elle estimulados e solicitados pelo exemplo do professor.

"Nunca resolver um problema qualquer, antes da classe ter primeiro tentado a sua solução: só depois desta é que o professor irá ao quadro-negro, para que a classe compare o que fez, com o seu trabalho."

NEVOAS DO SUL — Francisco Leite — Leite Ribeiro e Cia. — Rio de Janeiro.

Ainda um livro parnasiano! E' incrivel o numero de litteratos sonestistas que existem no Brasil. E' verdade que a doença "soneteira" já não grassa mais no Rio nem em São Paulo. Agora é pelo interior que se alastrá essa epidemia tão perigosa quanto a gripe hespanhola.

E' necessário que os nossos homens de letras comprehendam que o soneto morreu.

Esse genero de poesia só é hoje admissivel na literatura humourista. Partindo desse principio de Boileau:

"Un sonnet sans défant vant seul un long poème" os poetas continuam a rimar desesperadamente dois quartettos e dois tercetos! Mas ha sempre um defeitinho que estraga tudo. E si um soneto perfeito vale um poema, um soneto imperfeito torna-se illegivel. Si exceptuar-mos na literatura contemporanea alguns sonetos de Amadeu Amaral, Vicente de Carvalho, Olavo Bilac, Francisca Julia, etc., todos os outros são borra-cheiras.

Isso é natural. A perfeição attingida matou o genero. Todas essas considerações não as deve ter feito o Sr. Francisco Leite, da Academia de Letras do Paraná, e da Academia Amazonense de Letras. Porque se as houvesse feito, não escreveria seu livro *Nevoas do Sul*. Impera nelle a sensaboria provinciana do falso parnasianismo. Com muito bôa vontade o leitor consegue pescar de vez em quando uma imagem interessante. Mas os peixes são ariscos.

O que não falta nesse livro é sentimentalidade. Não sentimento, mas sentimentalidade, isso que os franceses denominaram "sensiblerie".

No entanto o Sr. Francisco Leite tem talento. Si o não tivesse não falariamos de seu volume. Temos certeza que, uma vez libertado das tradições mesquinhas, evadido dos moldes acanhados, escreverá cousa melhor.

OS SICARIOS DO JORNALISMO — Mota Assunção — São Paulo.

Mota Assunção, julgando que o unico meio de estudar com precisão o phemoneno social da criminalidade é viver em contacto com os criminosos e observal-os, falla-nos do jornalismo. Nenhuma originalidade nessas duzentas e tantas paginas — Nem acreditamos que o autor a procurasse. E' um livro de considerações, mais ou menos vulgares, sobre cousas que nós todos conhecemos. Apezar disso não é um livro inutil. Ha muita gente que acredita piamente nos jornaes. Pois bem, para essa gente, uma pequena leitura do requisitorio não fará mal nenhum. Certas paginas, onde o autor nos descreve typos de redacções e nos conta celebres casos de jornalismo, são interessantes e até bem escriptas.

*DE STENDHAL A GOURMONT — Ricardo Saens Hayes.
— Editorial Babel — Buenos Aires.*

Já na leitura do prefacio tomamo-nos de sympathia pelo autor — Recusa-se a crêr na originalidade, e, escrevendo um volume de ensaios, litteratura das que menos se prestam á originalidade, consegue attingil-a, sorindo.

Esses estudos litterarios, que vão de Stendhal Gourmont, passando por Balzac, Renan, Hugo, Flaubert, Baudelaire, Gautier, Velaine, France, Rimbaud, etc... são, apezar do que nos disse a modestia de Saenz Hayes dos melhores que temos lido sobre o seculo passado.

O estupido seculo dezenove, segundo Daudet, é, no seu final, uma das épocas mais seductor as da litteratura franceza. Só o podemos comparar ao seculo dezeseis. Para nós, estrangeiros. Racine tem menos sabor do que Ronsard. O genio classico francez, cheio de ponderação, enclausurado nas regras absurdas de uma metrificação rigida e de uma nobreza sem vida, é o que ha de mais antipathico.

Não queremos, porém, fazer considerações, muito discutiveis, sobre litteratura franceza. Voltemos ao assumpto.

Os melhores estudos desse livro são, ao nosso vêr, os que tratam de Stendhal de Balzac, de Verlaine, de Remy de Gourmont.

Este ultimo é o que parece ter sido estudado com maior carinho.

A molestia de Gourmont, seus admiraveis trabalhos sobre a psychologia do amor, seu estylo rapido, facil e musical, tudo augmenta no leitor a curiosidade e a sympathia pelo autor das "Lettres á l'Amazone".

Resumindo, o livro do sr. Saenz Hayes é excellente.

LEWIS ET IRENE — Paul Marand — Bernard Grasset — Paris.

Lewis et Irène, pertence á litteratura de acção.

O mundo moderno de Paul Morand não cabe, com effeito, nem dentro do romance descriptivo, nem dentro do romance psychologico. Nesse volume nós não encontramos mais nada da psychologia da velha Europa. A synthese humana imaginada por Morand é profundamente nova e original. Um homem como Lewis, uma mulher como Irène, não têm equivalentes na litteratura.

Porque? Serão falsos? Não. Mas são personagens ainda em formação. A anecdota que os reune é tambem inedita.

Quando um jovem litterato dá provas tão cabaes de uma originalidade integral, vêmo-nos na obrigaçāo de diminuir a importancia que se emprestou aos chamados mestres de hoje. Com effeito, não ha vestigios de influencia de France, Bourget, Barrès, na litteratura do Sr. Morand.

Porque? Porque o mundo created por esses litteratos continua a ser um mundo convencional ao passo que o universo que Morand commenta existe verdadeiramente.

O estylo do livro é rapido, recheado de imagens audacias. Procuramos em vão um estylo analogo nas letras francesas. Só Giraudoux — em prega, ás vezes, os mesmos processos.

Mas nesta estylisāção systematica está o perigo. Esperemos que Paul Morand não se deixe levar por ella.

*O AMOR IDEAL DE VICTOR HUGO (Cartas á noiva) —
Traducāção de Oscar Arruda e Fahed Aidar — Monte Azul.*

Enquanto os argentinos e outros povos de lingua hespanhola traduzem para seu idioma as melhores obras e as mais modernas deste seculo, os srs. Oscar Arruda e Fahed Aidar perdem tempo em traduzir Victor Hugo, e uma das peores cousas do autor. E' pena que tão grande bôa vontade seja tão mal aproveitada.

As cartas á noiva como todas as cartas amorosas são de uma litteratura facilima e melosa. Parece um secretario dos amantes.

No mesmo genero podiam os autores traduzirem as "Lettres à L'Ama zone" de Remy de Gourmont. São infinitamente superiores. E' verdade que não são declarações. O mesmo Gourmont revelado por certas cartas mais intimas perde muito de seu sabor. E' difficilimo amar e dizer-o á pessoa amada, sem se tornar um tanto ridiculo para um terceiro.

Victor Hugo então, em materia de amor, é de uma banalidade desoladora. Só deixa de ser brutal ou grandiloquente para se estrelar na pieguice. Preferimos recommendar aos nossos leitores um estudo interessantissimo de André Suarés, sobre Verlaine e Victor Hugo. Farão deste modo uma melhor idéa do que foi o amor do poeta-rei.

AS MORENINHAS — Cesidio Ambrogi — Monteiro Lobato & Cia. — São Paulo.

Já aproveitamos varias occasiões para externar nossas idéas sobre o regionalismo na litteratura. A esse pronosito num artigo sobre Tupinambá, no ultimo numero de Ariel, essa excellente revista musical, Mario de Andrade expressa se deste modo:

"... o direito de vida universal só se adquire partindo do particular para o geral, da raca para a humanidade, conservando aquella suas caracteristicas proprias, que são o contingente com que enriquece a consciencia humana". E' o que realizou Monteiro Lobato em alguns dos seus contos.

O mesmo não acontece, porém, com o sr. Cesidio Ambrogi. E' pena.

O regionalismo das Moreninas não se integra no universo. Vegeta numa aldeiola qualquer. E' o maior defeito do livro. Ao lado disso muita graça e delicadeza. As pequenas anecdotas da roca, encaixadas com habilidade num soneto, não pecam pela falta de sabor. Lê-se com prazer esse livrinho dispretencioso.

O DOMINGO DOS SECULOS — Rubens de Moraes — Can-deia Azul — Rio

Que cousa diffíl criticar um critico! E como é perigoso! E como o públíco sorri quando o elogiamos! E' médo... E como despreza quando atacamos! E' inveja... E' o caso de dizer: óra bolas! Mas, armemo-nos de coragem.

A primeira vontade que tivemos depois de ler o Domingo dos Seculos, foi a de escrever simplesmente aqui essas palavras: — Leitores leiam esse livro!

Seria facil apezar de moderno. Entretanto, contrariando o autor começamos por uma citação. La vai ella: "Neste livro eu poderia ter citado philosophos, psychologos, scientistas, poetas, romancistas para o leitor admirar a "erudição" do autor e apoiar minhas idéas. Mas tenho horror ás citações"...

Parece-lhe, a Rubens de Moraes, que citar é ter medo, é necessitar de bengala para andar, de apoio, é fugir das responsabilidades. Páu Brasil! diria Oswald de Andrade.

Concordamos. Si nos deixamos levar pela tentação é porque ella facilita nosso trabalho — O leitor julgará muito melhor o livro pelas aspas que por nossa opinião.

O Domingo dos Seculos não se aparenta a nenhum volume de ensaios. O autor evitou, cuidadosamente, todos os obstáculo desagradaveis provenientes do academismo convencional. Esse dá impressão de uma pessoa que sofre de prisão de ventre.

Sem termos a pretensão de plagiario Marquez de Maricá podemos affirmar que a critica se manifesta de differentes maneiras. Ora é séria, minuciosa e analytica, ora léve, rapida, subtil e synthetica, ora, ainda, irritante, humourista, maldosa e... deliciosa — Rubens de Moraes usa da segunda maneira — Guilherme de Almeida da terceira. Mario de Andrade da primeira. Temperamentos!

Rubens baseia todo o seu livro nessas verdades primordiaes: o modernismo é um facto; inutil negal-o; a fallencia da intelligencia tornou-o necessário; Rimband inventou-o; Bergson, indirectamente, o propagou; Epstein tentou explicar-o; o verso livre é conquista definitiva, etc.

Excellent pagina é esta em que o autor compara a arte a um bonde electrico. Os passageiros são o publico; o modernismo a electricidade; o passadismo os bréques "uteis só nas descidas". Critica synthetica.

O estylo agrada sobremodo. Não desdenha o paradoxo. Espírito, muito, e do melhor. A's vezes subtil, sempre imprevisto. Exemplo? "O delicioso poeta francez Henri Mugnier, que não sabe saltar do bonde andando, o unico homem do mundo que acredita em "espere até o carro parar"..."

Outro: "Victor Hugo foi apenas um percursor, coitado." E assim poderíamos citar o livro inteiro — Melhor terminar, não sem recommendal-o calorosamente.

RECEBEMOS MAIS: —

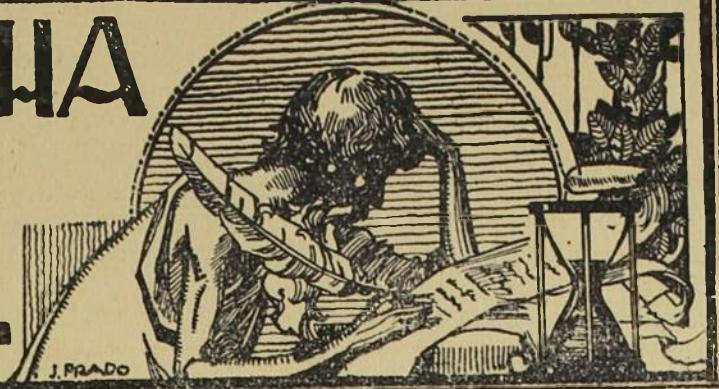
— *Revista brasileira de Engenharia* — Fevereiro, 1924 — Rio de Janeiro.

— *Revista da Associação Commercial de São Paulo* — Fevereiro e Março, 1924 — São Paulo.

- *Our World* — Janeiro, 1924. — New-York.
- *Inter-America* — Fevereiro, 1924. — New-York.
- *Boletim del Museo Social Argentino* — Dezembro, 1923 — Janeiro 1924 — Buenos Aires.
- *Revista Trimensal do Instituto do Ceará* — Fortaleza.
- *A agricultura e a política Nacional*. — Eduardo Jacobina — Rio.
- *El alma Desnuda* — Alcira Borazzola — Buenos Aires.
- *En el tempo de la Noche* — Gaston Figueira — Buenos Aires.
- *Antología Americana* — Alberto Gluraldo — Madrid.
- *O Itibêrê* — Janeiro, 1924 — Curityba.
- *Revista de la Universidad Nacional de Cordoba* — Novembro e Dezembro 1923 — Cordoba.
- *Boletim da Directoria da Indústria e Comércio* — São Paulo.
- *O Comércio do Brasil* — São Paulo.
- *Journal des Débats* — Fevereiro e Março, 1924 — Paris.
- *Estatística do Comércio do Porto de Santos* — São Paulo.
- *Revista bimestre cubana* — Novembro e Dezembro, 1923. — Havana.
- *Revista Nacional* — Dezembro de 1923 — São Paulo.
- *Revista Nacional* — Homenagem ao Estado de Sergipe — São Paulo.
- *La Hacienda* — Fevereiro, 1924. — Buffalo — Estados Unidos.
- *Bulletin de Stastistique Agricole et commerciale* — Fevereiro, 1924. Roma.
- *Il Pasquino Coloniale* — São Paulo.



RESENHA DO. MEZ



MANIFESTO DA POESIA PAU BRASIL

A poesia existe nos factos. Os casebres de açafraõ e de ocre nos verdes da Favela, sob o azul cabralino, são factos estheticos.

O Carnaval no Rio é o acontecimento religioso da raça. Pau Brasil. Wagner submerge ante os cordões de Botafogo.

Barbaro e nosso. A formação ethnica. Riqueza vegetal. O minério. A cozinha. O vatapá, o ouro e a dansa.

*

Toda a historia bandeirante e a historia commercial do Brasil. O lado doutor, o lado citações, o lado autores conhecidos. Commovente. Ruy Barbosa: uma cartoia na Senegambia. Tudo revertendo em riqueza. A riqueza dos bailes e das phrases feitas. Negras de jockey. Odaliscas no Catumby. Falar difficult.

*

O lado doutor. Fatalidade do primeiro branco aportado e dominando politicamente as selvas selvagens. O bacharel.

Não podemos deixar de ser doutos. Doutores. Paiz de dores anonymas, de doutores anonymos. O imperio foi assim.

Eruditamos tudo. Esquecemos o gavião de pennacho.

A nunca exportação de poesia. A poesia anda oculta nos cipós maliciosos da

sabedoria. Nas lianas das saudades universitarias.

*

Mas houve um estouro nos aprendimentos. Os homens que sabiam tudo se deformaram como borrachas sopradas. Rebentaram.

A volta á especialização. Philosophos fazendo philosophia, criticos critica, donas de casa tratando da cozinha.

A Poesia para os poetas. Alegria dos que não sabem e descobrem.

*

Tinha havido a inversão de tudo, a invasão de tudo: o theatro de these e a luta no palco entre moraes e immoraes. A these deve ser decidida em guerra de sociologos, de homens de lei, gordos e doirados como Corpus Juris.

Agil o theatro, filho do saltimbanco. Agil e illogico. Agil o romance, nascido da invenção. Agil a poesia.

A Poesia Pau Brasil. Agil e candida. Como uma creança.

*

Uma suggestão de Blaise Cendrars: — Tendes as locomotivas cheias, ides partir. Um negro gira a manivella do desvio rotativo em que estaes. O menor descuido vos fará partir na direcção opposta ao vosso destino.

*

Contra o gabinetismo, a pratica culta da vida. Engenheiros em vez de juriconsultos, perdidos como chinezes na genealogia das idéas.

A lingua sem archaismos, sem erudição. Natural e neologica. A contribuição millionaria de todos os erros. Como falamos. Como somos.

*

Não ha luta na terra de vocações academicas. Ha só fardas. Os futuristas e os outros.

Uma unica luta — a luta pelo caminho. Dividimos: Poesia de importação. E a Poesia Pau Brasil, de exportação.

*

Houve um phenomeno de democratização estheticas nas cinco partes sabias do mundo. Instituira-se o naturalismo. Copiar. Quadro de carneiros que não fosse lá mesmo, não prestava. A interpretação no dicionario oral das Escolas de Bellas Artes queria dizer reproduzir equalzinho... Veiu a pyrogravura. As meninas de todos os lares ficaram artistas. Appareceu a machina photographica. E com todas as prerrogativas do cabello grande, da caspa e da mysteriosa genialidade de olho vivido — o artista photographo.

Na musica, o piano invadiu as saletas nuas, de folhinha na parede. Todas as meninas ficaram pianistas. Surgiu o piano de manivella, o piano de patas. A Pleyela. E a ironia slava compoz para a Piayela. Stravinski.

A estatuaria andou atras. As procissões sairam novinhas das fabricas.

Só não se inventou uma machina de fazer versos — já havia o poeta parnassiano.

*

Ora, a revolução indicou apenas que a arte voltava para as élites. E as élites começaram desmarchando. Duas phases: 1.^a, a deformação através do impressionismo, a fragmentação, o cahos voluntario. De Cezanne e Mallarmé, Rodin e Debussy até agora. 2.^a, O lyrismo, a apresen-

tação no templo, os materiaes, a innoencia constructiva.

O Brasil profiteur. O Brasil doutor. E a coincidencia da primeira construcção brasileira no movimento de reconstrucção geral. Poesia Pau Brasil.

*

Como a época é miraculosa, as leis nasceram do proprio rotamento dynamico dos factores destructivos.

A synthese
O equilibrio
O acabamento de carroserie
A invenção
Uma nova perspectiva
Uma nova escala.

*

Qualquer esforço natural nesse sentido será bom. Poesia Pau Brasil.

*

O trabalho contra o detalhe naturalista — pela synthese; contra a morbidez romantica — pelo equilibrio geometra e pelo acabamento technico; contra a copia, pela invenção e pela surpresa.

Uma nova perspectiva:

A outra, a de Paolo Ucello creou o naturalismo de apogeu. Era uma illusão optica. Os objectos distantes não diminuam. Era uma lei de apparencia. Ora, o momento é de reacção á apparencia. Reacção á copia. Substituir a perspectiva visual e naturalista por uma perspectiva de outra ordem: sentimental, intellectual, ironica, ingenua.

*

Uma nova escala.

A outra, a de um mundo proporcionado e catalogado com letras nos livros, creaçoes nos collos. O reclame produzindo letras maiores que torres. E as novas fórmulas da industria, da viação, da aviação. Postes. Gazometros. Rails. Laboratorios e officinas technicas. Vozes e tics de fios e ondas e fulgurações. Estrellas familiarizadas com negativos photographicos. O correspondente da surpresa physica em arte.

*

*

A reacção contra o assumpto invasor, diverso da finalidade. A peça de these era um arranjo monstruoso. O romance de idéas, uma mistura. O quadro histórico, uma aberração. A escultura eloquente, um pavor sem sentido.

Nossa época annuncia a volta ao *sento puro*.

Um quadro são linhas e côres. A estatuaria são volumes sob a luz.

A poesia Pau Brasil é uma sala de jantar domingueira, com passarinhos cantando na matta resumida das gaiolas, um sujeito magro compondo uma valsa para flauta e a Maricota lendo o jornal. No jornal anda todo o presente.

*

Nenhuma fórmula para a contemporânea expressão do mundo. *Ver com olhos livres.*

*

Temos a base dupla e presente — a floresta e a escola. A raça credula e dualista e a geometria, a álgebra e a chimica logo depois da mamadeira e do chá de herva doce. Um misto de "dorme nenê que o bicho vem pegá" e de equações,

Uma visão que bata nos cylindros dos moinhos, nas turbinas electricas, nas usinas productoras, nas questões cambiais, sem perder de vista o Museu Nacional. Pau Brasil.

*

Obuses de elevadores, cubos de arranha-céo e a sabia preguiça solar. A reza. O Carnaval. A energia intima. O saíá. A hospitalidade um pouco sensual, amorosa. A saudade dos pagés e os campos de aviação militar. Pau Brasil.

BALANÇO DE FIM DE SÉCULO

Ensina nas escolas que, em cada século, ha cem annos. E' um absurdo! A idéa do século centenario só pôde ser verdadeira para meninos que estudam arithmetica, para facilitar os calculos. E' tal-

O trabalho da geração futurista foi cyclopico. Acertar o relogio imperio da literatura nacional.

Realizada essa etapa, o problema é outro. Ser regional e puro em sua época.

*

O estado de innocencia substituindo o estado de graça que pôde ser uma atti-tude do espirito.

*

O contrapeso da originalidade nativa para inutilizar a adhesão academica.

*

A reacção contra todas as indigestões de sabedoria. O melhor de nossa tradição lyrica. O melhor de nossa demostação moderna.

*

Apenas brasileiros de nossa época. O necessário de chimica, de mecanica, de economia e de balistica. Tudo digerido. Sem meeting cultural. Praticos. Experimentaes. Poetas. Sem reminiscencia livrescas. Sem comparações de apoio. Sem pesquisa etymologica. Sem ontologia.

*

Barbaros credulos, pittorescos e meigos. Leitores de jornaes. Pau Brasil. A floresta e a escola. O Museu Nacio-nal. A cozinha, o minério e a dansa. A vegetação. Pau Brasil.

Oswald de Andrade.

(*"Correio da Manhã"* — Rio).

vez por ter esquecido, graças a Deus, toda a mathematica aprendida, que não posso aceitar que o século XVIII tivesse começado em 1 de Janeiro de 1700 para acabar em 31 de dezembro de 1799 á

meia noite. Para mim o seculo XVIII began em 1 de setembro de 1715, com a morte de Louis XIV, e acabou em 14 de Julho de 1789 com a tomada da Bastilha e o triumpho da democracia. O seculo XIX vae da Revolução francesa ao assassinato de Saravejo em Julho de 1914.

Ora, se já faz quasi dez annos que o fallecido seculo XIX está na escuridão do passado, podemos mais ou menos dar um balanço nos livros que nos deixou.

Um alemão, cujo nome esqueci, diz que foi a época do metal pezado. A nossa será a dos metaes leves; e a seguinte, se continuar a mesma progressão, cada vez mais leve, será, creio eu, a éra dos gazes, talvez asphyxiantes.

O seculo XIX foi o seculo da Intelligenzia. Taine, o philosopho litterato, do alto do seu prestigio lança um livro, hoje envelhecido e falso, que toda a geração dos nossos paes devorou e digeriu mal. Nunca se escreveram tantos dicionarios, tantos Larousses, tantas historias universaes.

São poucos os litteratos que não rabiscam seus estudos criticos, suas historias da litteratura. Tudo por causa da Intelligenzia. A mania de tudo explicar, methodizar, organizar, definir, levou o seculo passado aos maiores erros.

* * *

A litteratura dos fins do seculo passado creou typos, conselheiros Acacios caricaturaes, collectionou factos reaes "tranches de vie", organisou-os, methodizou-os, cortou aqui, aumentou acolá, e quiz darmos idea real da humanidade. Infelizmente o homem não é tão simples. O resultado foi desastroso: um monte de imundicies. Os paes de familia reclamaram e o realismo expulso de França, fugio para Portugal. Os bons lusitanos receberam de braços abertos o francez foragido. Um cavalheiro de monoculo, inspirado pelo Deus expulso, começou a estampar juncto com sua photographia, formidaveis volumes de seiscentas paginas. Mas os bigodes de Eça de Queiroz morreram e os portuguezes expulsaram o realismo para esta boa terra onde canta o sabiá.

Aqui ainda viveu longos e prosperos annos, mas seus ultimos adeptos passaram como tudo neste mundo. Hoje não se sabe

que fim levou. Dizem que ainda vive entre nós, de expedientes, mas é mentira. O Realismo morreu e jamais cadaver exhalou tão mau cheiro.

* * *

O Parnasianismo foi outra victim da intelligencia do seculo XIX. Foi essa Intelligenzia que construiu a prisão onde quiz encarcerar o poeta. Preso, o poeta era obrigado a esmagar seus sentimentos sublimes, a deformar suas idéas, cortar, diminuir, fazer o que não queria, porque á porta vigiavam carcereiros terríveis com pences de chaves de ouro á cintura.

Coitado de quem dizia o que queria, e como queria! Era preciso medir as idéas como se medem fazendas nas lojas de turco.

Naquelles tempos quem não tinha doze pés mancava. Os parnasianos não podiam correr, pular, dansar, caminhar livres porque seus sapatos "estavam apertando."

Foi na prisão sem ar que morreu o Parnasianismo. Não ha prisioneiro encarcerado, convicto, arrastando correntes, que nãc queira romper as cadeias, fugir, bradando um grito de liberdade...

Esse grito foi o verso livre.

* * *

O verso livre não foi inventado por um cavalheiro dado á litteratura que querendo "fazer versos" se viu atrapalhado com tantas regras prohibitivas, não; nasceu ha seculos como o sentimento da liberdade nos povos libertados pela guerra. Em litteratura tambem ha Tcheco-Slovaquias, Lethonias, Polonias e saladas russas.

Os classicos franceses, La Fontaine sobretudo, já sentiam a necessidade de fugir ao alexandrino, ao decasyllabo, ao octosyllabo e outros neurasthenicos de má companhia.

São os romanticos os maiores revolucionarios da litteratura, que, fartos da monotonia do alexandrino, quebraram-no em tres partes distintas.

Mas Victor Hugo foi apenas um precursor, coitado.

Foram os symbolistas que comprehenderam que a humanidade tambem progride, que as idéas tambem se movem; foram elles que sentiram a necessidade de crear

um instrumento novo para exprimir novas ideias. E' aos symbolistas, a Rimbaud, que devemos todas as conquistas da litteratura contemporanea.

* * *

Não se explica em poucas palavras as tendencias da litteratura moderna. E' preciso subir na estrada para automoveis da litteratura.

O Intellectualismo foi o grande factor que creou as obras primas do classicismo. O classico é um intellectual. O prazer que temos lendo um Racine, um Camões, um Goethe, um Dante é um prazer intellectual, intelligente. A philosophia e a litteratura dos seculos passados são dominadas pela Intelligencia. Com a Intelligencia, o unico factor utilizado, os philosophos querem chegar ao conhecimento. O resultado foi quasi nullo.

Deante dessa fallencia Bergson teve a idéa de procurar um outro instrumento: a intuição. Bergson separa a philosophia da sciencia. O mundo da sciencia pertence á Intelligencia. Para conhecer a vida na sua mobilidade perpetua elle utiliza a intuição e o instinto.

O que nos interessa aqui não é o resultado, difficilmente apreciavel, da philosophia do auctor de "Matière et Mémoire", basta-nos a sua influencia na Arte moderna. Bergson é directamente e indirectamente um dos autores da nova estheticá.

* * *

A Arte deve abandonar a idéa das cousas forjadas pela Intelligencia, existentes unicamente no nosso cerebro, para confundir-se com a essencia das cousas pela intuição, penetrar no principio de vida e confundir-se com elle. Os classicos olhavam e descreviam com a Intelligencia sem se confundir com o objecto, "ils tournaient autour du pot".

O artista moderno quer uma émoção, uma sensação, uma percepção directa, "um dado immediato" para empregar a linguagem de Bergson.

Cada homem sente duma maneira diversa e o poeta moderno sugerindo emoções, desperta no leitor sensações diversas das que elle teve mas que vibram mais fortes

porque é a propria alma do leitor que vibra.

E' talvez por isso que vendo uma obra moderna o burguez exclama: "Mas eu também sou artista!"

O artista moderno não é logico, racional porque não é intelligente. E' no subconsciente que o poeta, o pintor o compositor, vão buscar a emoção esthetica, lá no subconsciente elles encontram *sua realidade*, a unica que lhes importa. A Intelligencia, já vimos, deforma a sensação, a intuição nunca. Hoje só ha uma escola: a personalidade.

A Arte deve perceber o objecto na sua particularidade, no que nelle existe de "unico e ineffavel" (Bergson). Desse principio nasceu a condensação característica das obras contemporaneas. Ninguem tem tempo a perder escrevendo 500 paginas como Zola ou Eça. Contentamo-nos com um traço, uma particularidade e na sua totalidade. Só os oradores de "meeting" fazem ainda phrases. Dessa condensação, dessa ausencia da "phrase" nasceu a sinceridade.

Se a poesia contemporanea parece ás vezes incompreensivel, se o poeta emprega symbolos obscuros, imagens imprevistas é porque elle é sincero diz o que pensa e o que sente com o seu vocabulario sem procurar o efecto que produzirá sua obra. O poeta não namora o publico deixa-se namorar, é muito mais interessante. A compreensão só tem uma importancia social.

Não se deve rir de um poema dadaista, caçoar de um quadro cubista, e não se deve nunca dizer: "não gosto". Não se "gosta" de arte moderna. Gosta-se de empadinhas de camarões, de bombons, de mulheres gordas, mas não se gosta de arte moderna. Comprehende-se. Quem não comprehende deve ficar quieto para evitar asneiras.

Brunetière quando leu os primeiros versos de Mallarmé disse: "Je ne comprends pas; peut-être cela viendra un jour". Estou convencido de que, se tivesse vivido mais alguns annos, procurando entender, teria sentido a belleza hermetica do grande poeta.

O grande erro da critica contemporanea é considerar as obras modernas como definitivas. Nós não vivemos numa época de realização. Os dadaistas, cubistas, futuristas, unanimistas, bolchevistas, es-

piritas são apenas precursores de uma nova arte, de uma nova organização política, de uma nova ciencia, talvez de uma nova religião.

Nós, como o caboclo "tacamos fogo na mattaria" porque não se planta sem derrubar. As chamas sobem altissimas, fogem assobiando serpentes fascinadoras. Só

ficam os jequetibás, jacarandás, guajus-saras, cabreuvas, timburys. E á sombra das arvores enormes a plantação cresce. Felizes os que vierem depois de nós para colher o que plantamos!

Rubens de Moraes

(do "Domingo dos Séculos").

TARSILA DO AMARAL

Lembro-me de uma exposição de artistas independentes, no Palacio das Industrias. No meio de muita vulgaridade havia alguns quadros excellentes, assignados por Annita Malfatti. Zina Aita expunha tambem télas de originalidade discutivel, porem, interessantes. Uma "hespanhola" de cōres berrantes chamou a atenção de um dos meus amigos. Não gostei. Era uma pintura francamente impressionista e destructiva. Assignava-a Tarsila do Amaral. Mais tarde encontrei essa pintora em casa de Mario de Andrade. Discutia-se arte e fundavam-se revistas. Ahi tive occasião de vêr douz quadros seus. Não gostei. Mais tarde ainda, KLAXON publicou um retrato de Graça Aranha, feito por Tarsila. Eu fazia parte da redacção e protestei contra a inserção do desenho. Apezar do entusiasmo de alguns amigos, continuei sceptico.

Em Paris, convidaram-me para ir ao seu atelier. Fui por condescendencia. Fui. Vi. Mas... não venci. Oswaldo de Andrade, o descobridor de genios, o homem do "futurismo", achára mais um talento. Mario — Tarsila: duas Americas em um anno! Colombo ter-lhe-ia inveja.

Seja dito, para minha desculpa, que o impressionismo é, como a cultura mediocre, uma doença incurável. E nada fazia prever tal mudança de orientação nos trabalhos de Tarsila do Amaral. Fôra preciso, para augurar sua evolução, conhecê-la de modo mais íntimo. Veria então que a sua intelligencia clara e fria, soberbamente intellectual devia fatalmente conduzil-a à pintura independente. Veria que Tarsila do Amaral não continuaria a seguir a escola da destruição da linha do volume.

André Lhote foi o seu primeiro mestre. Com elle conheceu a necessidade de uma reacção contra o bolshevismo impressionista. Lhote, pintor secundario, é excellente pro-

fessor. Traço de união entre o cubismo e o academismo. Seu segundo mestre foi Fernand Léger. Mais um passo para a frente: mecanismo da vida moderna, assumpto novo, synthese, rythmo, movimento. Quiz, porém, conhecer os requintes da nova tendencia e dirigiu-se a Albert Gleizes. Geometria, abstracção do objecto, creacção. Passou pelas tres phases do cubismo. Convinham-lhe todas parcialmente. E continuou a ser Tarsila do Amaral. Pintora evoluida, bem informada, e com bagagem de tal importancia que Maurice Raynal, o melhor critico de hoje, chegou a dizer-lhe: "Vous avez réussi. Maintenant il faut produire". E produziu. Ahi estão uns vinte quadros, que vão desde as primeiras ousadias até as realizações mais perfeitas. Tarsila sendo brasileira, faz pintura brasileira. E' um caso raro. Não admite a nuance importada, o divisionismo das cōres. Luz violenta e nítida, cores fortes são o seu apanagio. O cubismo foi para ella "o serviço militar", segundo a sua propria expressão. Guarda uma ingenuidade primitiva nos seus melhores quadros. Ingenuidade "voulue" de concepção e de execução, que é realmente nova em nosso Brasil tão velho, apezar dos seus quatro séculos magros de existencia. Essa ingenuidade é a poesia exempta de romantismo. Pintora classica, no sentido novo da palavra. Como tal, foge da grandiloquencia, da literatura, da anedocta. Procura realizar com elementos brasileiros: luz directa, cores ruas, linhas duras, volumes pezados, uma pintura verdadeiramente nossa. Procura exprimir o seu temperamento paulista através da geometria e da synthese. Esse programma, pezado já para um homem, Tarsila do Amaral o supporta alegremente.

Queira ou não queira, o Brasil deixará

de ser no estrangeiro unicamente o paiz do café e da febre amarela. Será bem representado, apezar da nossa má vontade. Depois de Annita Malfatti e Brécheret, Tarsila sofrerá os mesmos sarcasmos, ouvirá as mesmas graças degraçadas. Não importa! Dentro de dez annos o Brasil

reivindicará com orgulho a nacionalidade da nossa patricia. Por enquanto, não podemos pedir ao publico nada mais do que isso: olhar e respeitar.

Sergio Milliet
("A idéa illustrada" — Rio)

A VIUVEZ DA ACADEMIA

Alguns annos atrás, Joaquim Nabuco, passeando no Convento de Santo Onofre, estendia a fina mão de artista e diplomata, para colher no Jardim um ramo de Carvalho de Tasso e envial-o, em nome da Academia, ao seu devotado amigo, o saudoso Machado de Assis, como poética homenagem á mais illustre das cariatides do Syllogeu...

Elle recebera antes, em 7 de outubro de 1903, a missiva tremula e satisfeita do glorioso romancista, assim concebida: — "A Academia parece que enfim vae ter casa. Não sei se você se lembra do edifício começado a construir no largo da Lapa, ao pé do mar e do Passeio. Era para a Maternidade. Como, porém, fosse resolvido adquirir outro nas Laranjeiras, onde ha pouco aquelle instituto foi inaugurado, a primeira obra ficou parada e sem destino. O governo resolveu concluir e metter nelle algumas instituições." E adeante: "Seguramente era melhor dispor a Academia Brasileira de um só predio, mas não é possivel agora, e mais vale acceptar com prazer o que se nos offerece e parece bom. Outra geração fará melhor." Palavras propheticas as desse falso e luminoso pessimista, que depositava todo o seu encanto em servir á collectividade o nectar de suas preoccupações solitarias, esquecendo-se da maldade dos homens, para viver com os homens, numa solidariedade affectiva, que desmente a sua idiosyncrasia a tudo o que tinha uma alma ou um sentido humano. Geometra delicado, elle caculou a dadiva offerecida aos posteros, imaginando que outrém faria do Cenaculo em que depositou a curiosidade febril de sua velhice, a affirmação do pensamento nobilissimo que inspira a pintura do "quadro" academicó.

A sua morte, em 29 de setembro de 1908, deixou na orphandade a radios

creação do seu genio associativo e politico. Assim o affirmo, porque Machado de Assis, sem jámais haver transposto o limiar das subtis complicações eleitoraes, foi para a illustre companhia, não sómente o esteio fiel e o orientador equilibrado, senão tambem o "cabo" arguto e especulativo, que jogava para a gloria, *ad immortalitatem*, os nomes de que a Academia precisava para consolidar-se. Orphanada pelo desapparecimento do mestre sincero e harmonioso, que lhe déra a forma e o mysterio da vida, a Academia Brasileira não encontrou em nenhum dos seus membros o carinho com que atraves-sára a infancia humilde e desprotegida.

Nenhum dos paronymphos, por ella tão gentilmente acolhidos, revelava a solicitude com que o mestre de "Braz Cubas" se impuzéra á sua confiança. Todos a acariciavam, por certo, mas nenhum possuia aquella amavel preocupação de assegurar-lhe o futuro, que denunciava na sombra daquelle genio melancolico o sorriso indulgente da paternidade...

Um homem então apareceu, estranho á vaidade do Cenaculo, e vivendo para ella como quem della usufruisse o esplendor. Esse homem foi José Vicente Sebrinho, falecido ha tres dias na Paulicéa, quasi ignorado dos seus contemporaneos. Foi com elle que a filha de Machado de Assis contraiu as primeiras nupcias. Foi elle quem a amparou com uma dedicação illimitada e serena, obscura e ingloria, até o dia em que a herança providencial do livreiro Alves foi buscal-a da humildade simploria dos primeiros dias para agitação social da nova forma. E que felicidade no matrimonio!

José Vicente tudo fazia para satisfazer-lhe os caprichos. Não faltava ao seu expediente. Authentica affirmação de burocrata sollicito, annos e annos levou o seu entusiasmo ao Cenaculo sem gozar

férias, sem faltar um só dia que fôsse.

Não pertencendo á classe, pois girava tão sómente na peripheria, elle era, todavia, o mais perfeito, o mais nitido clichê academico. De uma vez chegou a lançar a sua candidatura, concorrendo com o barão do Rio Branco, a uma das vagas. Depois não pensou mais nos escrutínios, e resolveu dedicar-se apenas á missão administrativa de seu posto, com o mesmo entusiasmo com que Assis tratára da parte intellectual e política. Seu trabalho foi longo e productivo, muito mais fecundo que o de varios cidadãos que por lá passaram a ocupar espaço e a iluminar os fins caritativos daquella nobre Casa de Pensão.

Amigo desse esforçado e paciente constructor, eu fui, quarta-feira, levar os meus pezames á Academia, aproveitando o momento para a regalia de um chá com torradas. Acompanhado por um dos mais desorientadores e fascinantes espíritos, a quem a filha de Machado de Assis offerecera, ha muitos annos, a flôr da immortalidade, delle ouvi esta sincera elegia:

"A Academia está viuva. Não sei se ella resistirá, mesmo, com os seus milhões a este golpe, o mais violento dos golpes que ella tem soffrido. Em Paris eu só verificava a existencia da Academia pelas cartas do Zé Vicente. Uma dellas, assim começava: — "Esta é já a nonagesima oitava missiva que escrevo a v. ex., sem que, até agora, houvesse recebido

resposta alguma..." Veja-se por ahi até onde ia a pacienza evangelica do epistolographo sollicito, que, por amor ao Syllogueu, chegaria á centesima carta, sem haver recebido resposta á primeira. E, entretanto, — veja-se a injustiça — nenhuma corôa foi depositada em seu ataúde, em nome da Academia. O silenco coroou-lhe a obra. O Murat, que tanto se consome com o pé de mesa das sessões espiritas e com apparições modernas, não teve uma palavra de louvor para a mais vigilante das sentinelas academicas, para o unico homem que ainda acreditava na Academia..."

A injustiça cresceu aos meus olhos. José Vicente Sobrinho, tendo-se dedicado inteiramente a ella — não teve, afinal, nenhuma compensação.

Imitando certas esposas ingratas, a ilustre companhia não lhe mandou ao tumulo uma corôa de flores naturaes, nem consignou nas actas um punhado de flores de rhetonica. O erro de José Vicente Sobrinho foi o de todo crente sincero — acreditar na sinceridade de outrem.

A sua vaga foi preenchida sem mais demora, e a unica vantagem que o seu cargo lhe offerece é a de não ser enterrado novamente com a ceremonia de uma sessão solenne, em que o seu elogio fúnebre figurasse na ordem do dia...

Oswaldo Orico

(Do "Correio da Manhã")

TUPINAMBA'

Faz muitos anos que, escutando amorosamente o despontar da consciencia nacional, cheguei á conclusão que si esta alguma vez já se manifestou com eficiencia na arte, unicamente o fez pela música. Nós podemos afirmar que existe hoje música brasileira, a qual, como tudo que é realmente nativo, nasceu, formou-se e adquiriu suas qualidades raciais no seio do povo inconsciente. A arte musical brasileira, si a tivermos um dia, de maneira a poder chamar-se escola, terá inevitavelmente de auscultar as palpações ritmicas e ouvir os suspiros melódicos do povo para ser nacional e por consequencia ter direito de vida independente no universo. Porque o direito de vida

universal só se adquire partindo do particular para o geral, da raça para a humanidade, conservando aquela suas características proprias, que são o contingente com que enriquece a consciencia humana. O querer ser universal desraçadamente é uma utopia. A razão está com aquele que pretender contribuir para o universal ccm os meios que lhe são proprios e que lhe vieram tradicionalmente da evolução do seu povo atraves das causas e accidentes. Tudo o mais é perder-se e divergar informe, sem efeito.

Nós temos hoje inequivocavelmente uma música nacional. Mas esta ainda se conserva no dominio do povo, anonima. Dois homens porém, de grande valor musical,

tornaram-se notáveis na construção dela: *Ernesto Nazareth* e *Marcello Tupinambá*. São com efeito os musicos brasileiros por excelencia. Eu sempre e com grande carinho segui a produção desses dois compositores e fiz a propaganda que me é possível dela, mandando-a para os amigos dos Estados Unidos, de França e Alemanha. Mas de ha muito alimentava o desejo de sobre êles escrever mais de espaço. Circunstancias várias e a ingratidão do tempo avaro não permitiram que o fizesse até agora. A recente execução dum grupo de músicas para canto do snr. Tupinambá dá-me o ensejo de falar dêle pelas fidalgas páginas de Ariel. Virá outro dia a vez de Ernesto Nazareth.

E vou directamente aos defeitos do autor do "Matuto", para depois prodigalizar-lhe os merecidos louvores, tão mais agradaveis de enunciar. Antes de mais nada confesso que apenas assisti a parte do concerto em que essas canções foram executadas. Ainda as opressões do tempo me obrigaram a sair do Germania após a primeira parte do concerto. Mas não sai muito contrariado, não, porque as canções do musico deram-me enorme desilusão. Enorme.

Esperava ouvir obras já de carácter menos artisticamente elementar (a própria escolha dos poetas musicados denunciava essa preocupação), mas caracteristicamente nossas, characteristicamente brasileiras. As obras anteriores do artista permitem-me essa esperança. Desiludime.

Os poucos trechos vocais que ouvi tinham feição vaga, timida, indecisa, sem nada de positivamente raçado, como nas peças de dansas do artista se poderão encontrar inumeráveis e magníficos exemplos. Sem dúvida eu não pedia que o snr. Tupinambá fizesse, nesta tentativa de dar um torneio mais trabalhado, mais artístico (mas que ha de mais artístico que a "Casinha Pequenina" ou que o "Nozani na Orekuá" dos parecis, duas obras primas!), á maneira nacional de cantar, fizesse unicamente canções de dansa, maxixes e cadomblês. Porquê não me esquecerei que muita canção existe sem ser de dansa e que o lundú e a modinha não são maxixes. Mas neste terreno do lundú, da modinha, da canção muito era de esperar do artista, principal-

mente porquê o que o notabiliza não é propriamente a riqueza de invenção ritmica nossa, como no grandissimo Nazareth. Páginas como apresenta no "Sereno", tão fartamente ritimado, são raras na sua obra. O que faz notável o grandissimo Tupinambá é a riqueza de invenção melodica brasileira, que nem mesmo Nazareth possui tão bela e tão patricia. Aqueia delicia caprichosa, languida; aquela sensualidade tescalante, opressiva, quasi angustiosa; aquela melancolia das vastas paragens desertas; aquelle deserto, digamos assim, da linha melodica brasileira; e de quando em quando o arabesco inesperado, alerta, a vivacidade espiritual do caipira, a inteligencia aguda, o burlesco repentino herdado dos negros, que tudo isso na cantiga nacional se revela, desapareceram das canções do snr. Tupinambá. Deram lugar a uma melodia incolor, muitas vezes banhada de vulgaridade. Um músico de firme educação dizia-me desapontado: São canções de qualquer país. Não é bem isso. Mas, com tendencia meio pronunciada para o fado, é certo que o snr. Tupinambá nestas melodias, titubeou, criou trechos agradaveis talvez para os ouvidos mais fáceis, mas timidos, sem firmeza, dum arabesco muito pouco brasileiro, perdidos. Sem dúvida não irei até negar que de longe em longe uma pincelada mais eficiente revela o Brasil músico naqueles trechos vocais. Mas não são brasileiros. O mais que se poderá dizer é que são canções escriptas por brasileiro. Eu vi com tristeza o público do Germania desmanchar-se em grossos aplausos e pedidos de bis (pareceram-me patrióticos!) ante aquelas melodias.

Ora eu que reivindico para mim a honra de primeiro ter desassombadamente falado em público do valor do snr. Tupinambá no discurso pronunciado como paraninfo dos diplomandos de 1922 do Conservatorio, e antes, muito antes, sempre em minha carreira de professor chamando a atenção dos meus alunos para as dansas desse músico, considerar-me-ia indigno dêle e de mim si não fizesse esta restrição penosa ás suas canções. Não é nelas que deverá buscar-se o valor do snr. Tupinambá. E' nas suas dansas. Escribas estas sem propriamente uma preocupação de arte, escriptas como entre

o povo se faz arte, acontece que nelas o compositor se abandonou á sua propria natureza e verdadeirissima arte fez. Criou ingenuamente beias e caracteristicas obras. O que desde logo atrai nelas, eu já disse, não é a variedade ritmica. Não. O snr. Tupinambá não tem aquela fantastica riqueza de ritmos do snr. Nazareth, que chega mesmo a attingir a virtuosidade. E talvez isto seja um bem para o músico paulista. Nazareth é um virtuose do ritmo. A sincopa na sua mão é como o jogo de bolas na mão do pelotiqueiro. Faz dela o que quer. Ela se transforma, atinge variantes de toda a casta, move-se dentro do compasso, irrequieta e irregular, num saracoteio perpetuo. E' inimaginável a sua abundancia ritmica. Sem nunca perder o caracter brasileiro, as musicas do snr. Nazareth já são pura arte de ficção.

Marcello Tupinambá conserva-se dentro dum ritmo mais comum, sem que por isso possa chamar-se de vulgar. Não raro o movimento sincopado estabelece-se unicamente no primeiro tempo. E' mesmo a formula mais usada por él. Exemplo tipico da sua maneira é o delicioso "Sa Dona", uma joia, em que a não ser nos quatro compassos de introdução, todo o ritmo desenha-se, no compasso de dois por quatro, com o primeiro tempo, semi-colcheia, colcheia, semi-colcheia, seguido pelas duas colcheias do segundo. Evidentemente não quiz dizer que só neste ritmo o snr. Tupinambá se conserva. Esta é a sua maneira preferida. O famoso "Nha Moça", choro paulista é inteiramente baseado nele. O "Quebra meu Povo" também, assim como essa maravilha: "Ao som da Viola". Vede bem que o ritmo apontado é apenas a base, a constante ritmica, digamos assim, infelizmente minha coleção de dansas de Tupinambá e Nazareth acha-se eternamente desfalcada porquê estou sempre a manda-las para o exterior, e não posso agora produzir mais exemplos.

E' curioso notar-se que essa constante ritmica usada como formula basica por Tupinambá e toda a grande maioria dos compositores de maximes, muito inferiores a él, (e de que apenas se poderia lembrar ainda o autor de "Pemberé", Eduardo Souto) não era muito commun no seculo dezenove, no qual

apenas se delicia. Anteriores a esse seculo raros exemplos encontramos, tais como o famoso reisado (sergipano, Silvio Romero) Zé do Valle do terceiro seculo, ou a "Moda da Carrasquinha" de origem evidentemente lusitana. Agora não me lembro de mais nenhum trecho onde seja empregado como base ritmica. Isso me leva a verificar que essa constante ritmica, definitivamente firmada no fim do seculo dezenove e principalmente no começo do seculo XX, estabelece o caracter ritmico basico da dansa brasileira. O snr. Tupinambá se serve dèle, puro, com grande frequencia. Assim não se deverá procurar neste músico a grande força criadora de ritmos. Nem muito menos na harmonização, que é geralmente acurada, mas simples, sem pedanterias.

O que exalta a música de dansa de Marcello Tupinambá é a *linha melodica*. Muito pura e variada. O compositor encerra nela a indecisão heterogenia da nossa formação racial. Ora tem o burlesco do negro, o espevitamento do quasi branco das cidades, ora a melancolia do nosso interior. A's vezes é dum fatalismo desesperado, duma saudade imensamente nostalгica, que faz mal ouvir, como nesse extraordinario "Matuto", canção cearense em que atinge aquela tristeza dorida de certas melodias russas. Aliás permito-me de passagem notar que tenho verificado muitas vezes um certo parentesco entre as linhas melodicas de canções populares russas e brasileiras. Outros exemplos notaveis dessa tritura indígena são o "Pierrot", com a impressionante frase sincopada da segunda parte e o "Deixe Está", certamente das paginas mais belas do maxixe. Nunca a melancolia cabocha se viu tão maravilhosamente expressada, por músico de nome assinado.

E é nesse genero de melodia cabocha que Marcello Tupinambá se tornou admirável. Nesse genero a que él chama tanguinho, com lamentavel desdém pelos generos. Já o malogrado Alexandre Levy chamava de tangos brasileiros, trechos inconfundivelmente nossos que em nada participavam de nenhuma variante do tango espanhol ou dos paizes sul americanos de origem espanhola. São maxixes, são modas, são sambas, cateretês, lundús, etc., depende, mas jamais tangos. Pre-

cisamos abolir essa denominação de tango dada ás nossas dansas, pois que, alem de inexpressiva, presta-se a lamentaveis confusões. Ainda me lembro dum trecho que me passou pelas mãos ao qual o compositor dera o subtítulo impagavel de "samba tangoo". A influencia espanhola que ainda poderia notar-se um pouco em certas canções do segundo e terceiro seculos foi perdendo cada vez mais a sua força; e nenhum raro vestigio se encontrará dela, de Santa Catarina para o norte, senão inteiramente absorvido, deformado, nacionalizado pelas forças naturais da musicalidade da nossa gente.

Mas é com esse subtítulo de tanguinho que encontrareis algumas das dansas mais probantes do talento de Marcelo Tupinambá. Lembro-me agora ainda do "Ao Som da Viola", "A Vida é essa", e o notabilissimo "Maricota sai da chuva". E mesmo ás composições que denominara propriamente maxixes, talvez porque se aproximem da feição de Nazareth e das musicas de dansa do Rio, o snr. Tupinambá ainda imprime aquela melancolia doce que é o pathos geral da sua musicalidade. Vejam-se por exemplo o "Quebra meu Povo" e o "Assim são elas", com as adoraveis terças do Trio. A sua musica é sempre assim. Grávida de banze, como o *bluc* do negro norte-americano. Raro um traço de alegria a redoir. Rarissimo em suas composições aquela alegria formidavel do côro de "Nha Moça". Essa "Nha Moça" é uma página notavel. Brasileiríssima ainda, o côro entra com um entusiasmo irresistivel. Nunca pude ouvir tocar aquelas oitavas batidas, de tão hilare jovialidade, que não sentisse um convite para a dansa, muito mais imperativo que o de Weber. E' possível que os alemães prefiram dansar a girante valsa do romantico; mas eu creio que não ha fibra humana, de qualquer raça, que não vibre, electrisada e esquecida das tristezas da vida, ao irresistivel côro de "Nha Moça".

Considero a musica do snr. Tupinambá ainda mais representativa de nossa nacionalidade actual que a obra de Ernesto Nazareth. Este é mais uma consequencia regional, circunscrita mesmio a uma cidade só. Ernesto Nazareth é o maxixe carioca; tem aquele espetramento alacre, cheio de sol, aquela accessibilidade efusiva do carioca. Tupinambá, si não expressa a civilização um pouco exterior das cidades modernas do Brasil, Rio de Janeiro e São Paulo, congraça nas suas musicas a indecisa ainda alma nacional, a que domina profunda melancolia. Nessa pagina chamada "Minha Terra" ele disse admiravelmente na primeira parte o que vai de preguiça de cansanço e de tristeza nostalgica pelo nosso vasto interior, de sul a norte, onde ainda a pobreza reina, a incultura e o deserto.

Marcello Tupinambá é actualmente, entre os nossos melodistas de nome conhecido, o mais original e mais perfeito. Suas dansas, como dansas, passam. São esquecidas pelas orquestras mambembes dos cafés e dos salões de baile, porque em geral beberrões e dansarinos pedem novidades, — maxixes ou fox-trots, é indiferente — mas novidades que saciem a petulancia mesquinha e a indiferença má da moda. Não se ouve mais o "Maturto". Ninguem mais se lembra de "Ao Som da Viola". Mas é possivel que um dia os compositores nacionaes, conscientes da sua nacionalidade e destino, queiram surprehender a melodia mais bela e original do seu próprio povo. As musicas de Marcello Tupinambá serão nesse dia observadas com admiração e amadas com mais constancia. Elas o merecem e o artista que as compôs, será lembrado, como um dos que melhor e primeiramente souberam surprehender os balbucios da consciencia nacional nascente.

Mario de Andrade.

("Ariel" — São Paulo).



DEBATES E PESQUIZAS

AS EXCELLENTES IMPRESSÕES QUE CHARLES GIDE RECOLHEU DE SUA VISITA AO PAIZ DE LENINE

De volta de uma viagem á Russia, onde foi representar os cooperativistas franceses no jubileu da "Federação General das Cooperativas Sovieticas", o eminent professor da Faculdade de Direito de Paris, mr. Charles Gide concedeu ao redactor de *L'Humanité* a seguinte interessante entrevista:

"— Que vi na Russia. E' muito para contar numa entrevista de alguns minutos.

— Receio isso e se quizerdes contentar-me ei com algumas perguntas acerca de certos pontos.

AS COOPERATIVAS

— Em primeiro logar, as cooperativas. "Tiveram éxito maravilhoso. Depois do que vimos achamos modesto ensaio o que se tem feito na França. Note-se, demais, que lá gozam ellas de reg'men de favor: o governo favorece-as claramente.

"Tom prioridade na entrega das mercadorias: pagam metade dos impostos que recaem sobre o commercio livre.

"Direito. Igualdade, os bolchevistas riem dessas invenções burguezas. O que lhes importa é o interesse do trabalhador. Lá

a dictadura do proletariado, no sentido exacto do termo. Vi-a e não me apavorrei.

— E o commercio livre?

— Vegeta. A concorrência dos armazens do Estado, das cooperativas, deixa-o aniquilado quasi por completo.

MOEDA SÃ

— Ha na Russia, vida normal?

— Perfeitamente. A moeda — o rublo ouro é, mesmo mais sã que a nossa. Aliás, só se conta em rublos-ouro. As transacções nos armazens, o pagamento dos operarios, dos funcionários, dos sem trabalho que recebem somma sufficiente para o seu sustento, tudo se faz por meio do rublo-ouro.

— E o rublo-papel?

— Existe ainda, mas parece que dentro de um mez, desaparecerá. Vi o ministro das Finanças, antigo alumno meu, na Faculdade de Direito. E' moço, — so ha moços na Russia, é curioso, — palavra firme, tem por seguro o exito. O "Tchernovetz"... moeda de valor constante, será a unica moeda russa, na proxima primavera.

PASSA-SE BEM

— Do ponto de vista economico vae tudo bem, então?

— Sim. A vida ainda está um pouco cara. Passa-se bem, entretanto. Parece não haver falta alguma de alimentos. Exporta-se muito, mesmo. Vé, em Riga, entrepostos consideraveis de mercadorias, o bastante para carregar uma frota. Ha embarque quotidiano destinados á Inglaterra, Italia, a todos os paizes, á França, se quizer.

AS CREANÇAS

— A questão alimentar é a unica que que tenha preocupado os bolchevistas?

— As creanças, como são tratadas?

— Ah! as creanças! Imperam, lá. As cooperativas empregam grande parte dos seus recursos no cuidado dellas. O governo, por seu lado, não fica atras. Os privilegios das creanças são mantidos.

Basta citar um facto: no dia da festa da Revolução não circulam automóveis; proibição é muito mais severa que em Paris, a 14 de julho; só se faz exceção em favor das creanças.

Como são bellas, com seus barretes e com suas pequenas botas! Percorriam as ruas, em caminhões. Transbordantes de alegria, cantavam a Internacional. Era encantador.

OS SOLDADOS

— Sim, mas depois a escola, ha a caserna onde a vida é dura, ao que parece?

— Absolutamente. Não tive essa impressão. Não sou militarista. Nunca fui a uma revista militar. Fui lá e tive uma forte impressão. Izoladamente, o soldado russo é caricatural: um "bonnet" muito comprido que lhe faz a cabeça enorme, uma veste que lhe vai aos pés. Mas, em linha, dão impressão de muralha intransponível... E dizem ellos que estão resolvidos a não deixar transpol-a... Em compensação, não têm espirito imperialista algum.

— E a vida delles?

— Muito agradável, parece. Não ha a caserna, como entre nós. Ha cursos especiais para os soldados.

O serviço militar é de seis meses.

Quando saem, os soldados conhecem a fundo a historia revolucionaria e se tornam excellentes propagandistas.

Como fosse tarde, despedi-me. Mas quanto me reconfortou essa conversa!"

Por occasião do 25.^o anniversario do Centrosoyous, Charles Gide pronunciou perante os cooperativistas de Moscou, o seguinte discurso:

“Caros camaradas.

Eis aqui, como delegado da Federação das Sociedades Cooperativas de Consumo, portador dos votos dos cooperativistas.

Mas, na minha edade e nesta triste estação, não teria aceitado a missão de atravessar a Europa toda, se não tivesse querido trazer-vos, pessoalmente, e, não só como delegado, minha sympathia e reconhecimento pela obra do Centrosoyous.

Sim, meu reconhecimento pessoal pela realização em larga escala, do programa da cooperação integral, desde muito tempo, por nós preconizado.

Tudo quanto posso julgar, pelo que ii e ouvi, pois ainda não vi sitei as vossas instituições, já realizastes essa obra. Vós, cooperativistas russos, mantivestes, durante a Revolução, quasi sózinhos, o comércio e a alimentação do paiz e hoje ainda, a maior parte do comércio a vejo está em vossas mãos.

Realizastes, sobretudo, vosso symbolo da foice e do martello, pondo em relações directas, as cooperativas agrícolas e as cooperativas urbanas, os que produzem o pão e os que o consomem. E' o que, até hoje, não conseguimos fazer, na França.

A cooperação russa é como uma grande arvore que, enraizada na terra natal, estende os ramos á tendas fronteiras, pelas agencias do Centrosoyous.

O que vemos aqui é algo de maior que em Rochdale, — não é sómente uma nova forma de associação para diminuir o custo da vida e libertar o operario da exploração dos comerciantes, — é na verdade, uma Economia Nova, imaginada por vós e que abrange a nação, um novo modo de organização económica que parte da sociedade de consumo para chegar á produção e á distribuição de todas as riquezas, sem a preocupação do lucro, ao inverso do regimen capitalista actual que procura no lucro o motor único

da actividade económica. É o regimen da cooperação que eu, dez anos antes do nascimento do Centrosoyous, cujo 25.^o aniversario celebraes hoje, já sonhava pelo nome de Republica cooperativista. Sonho de futuro então bem chimerico e suscitara gracejos e eis que o realizaes.

A immensa Russia, até aos limites da Siberia é já, em grande parte, e amanhã, será toda, uma sociedade copoerativista, formada sem coacção, deixando a cada individuo, a sua liberdade e a cada nacionalidade a sua independencia, até o dia em que as velhas divisões de nacionalidades forem absorvidas no sentimento da unidade humana.

Se bem que seja esta a primeira vez que venha á Russia, minhas relações com os cooperativistas russos datam de longe.

Ha 35 annos, quando estreava eu na accão cooperativa, recebi Inogas cartas de um cooperativista russo, Nicolas Ballin, cujo nome é, provavelmente, ignorado de vós porque, pequeno empregado de commercio em Kharkov não tinha tempo bastante para escrever, mas me comunicou um pouco do seu entusiasmo; e ha cerca de 25 annos, mantenho relações affetuosaes com o professor Potonians, que aqui mesmo ensinou a cooperação a varias gerações. Longe do seu paiz, encarregou-me de vos exprimir os seus votos, neste dia solenne.

Mas se as minhas relações pessoaes com os cooperativistas rusos são antigas e constantes, não acontece outro tanto com os camaradas da França. Separados pela Europa inteira, os cooperativistas franceses e os cooperativistas russos não se conheciam e não mantinham relações até ao dia em que foi estabelecida em Paris uma agencia do centrosoyous.

Muito nos surprehenderia, dizendo que, na França, o partido conservador alimenta violenta campanha contra as nossas sociedades. Seus jornaes dizem que fornecemos 60 milhões de francos ás cooperativas bolchevistas.

Infelizmente sabeis não haver nada disso.

Possa minha visita de hoje abrir uma era nova nas relações com os cooperativistas franceses e determinar a vinda aqui de bôa parte delles.

Fui dos raros franceses que protestaram contra a alliança entre a Republica Franceza e o Imperio Czarista, mas desejo de coração, que essa alliança seja reatada entre os dois povos e que os cooperativistas sejam os primeiros a dar exemplo della.

Seria temerario, para mim, neta edade, prometter-vos visitar outra vez. Camaradas, não vos verei mais. Sabeis, porém, que quando dois namorados se separam, escolhem uma estrella promettendo olhal-a á mesma hora. Franezes e russos podemos, das duas extremidades da Europa, olhar a mesma estrella, a da cooperação que, como a estrella do Natal, annuncia o Evangelho da justiça e da paz entre os homens.

Viva o Centrosoyous!"

Essa entrevista e esse discurso de Gide, um nome que no Brasil é uma autoridade mais que acatada, dão bem uma idéa do que vale, como organização social, política, a engrenagem do apparelho concebido e posto a funcionar, corajosamente, heroicamente, por Wladimir Illianov e seus destemidos companheiros de luta.

A Russia está sendo, no momento, objecto da universal curiosidade. Procuram-n'a os sabios e os artistas, desejosos de desvendar-lhe o que o capitalismo burguez louve por bem appellidar — "o misterio". Mme. Curie foi ha pouco condignamente recebida em Petrogado, onde visitou diversos laboratorios e institutos scientificos, o mesmo acontecendo a Ivan Hedin, o grande explorador sueco. As impressões delles todos são equaes ás de Gide. O que indica, simplesmente que só agora a verdade começa a ser restabelecida... E já não era sem tempo...

(Do "Correio da Manhã" — Rio).

A DEFESA DO PATRIMONIO ARTISTICO DAS IGREJAS

D. Sebastião Leme, que já poude ser acclamado o "Bispo da Eucaristia"; que é, por conseguinte, um homem de quem se pôde dizer que tudo prende á vida sobrenatural de Jesus Christo na sua Igreja, tem, no entanto, as mais altas qualidades naturaes do verdadeiro conductor de homens, e quem conheça um pouco da historia social do catholicismo, no Brasil destes ultimos trinta annos, não lhe negará o papel de legitimo reformador. Elle tem sido, incontestavelmente, um incansavel organisador em meio hostil á organisação, e, por isso, admiravel na sua mansa, branda actuação no sentido da reforma dos muitissimos habitos, que ganham aqui fóros de catholicos, quando jámais passaram de nacionalissimas incrustações supersticiosas...

Foram de D. Sebastião Leme, por exemplo, não faz muitos annos, as primeiras palavras francamente reaccionadas contra a exploração de uma certa literatura de beaterio, e diante de cujo imperialismo de sacrifício iam como que desapparecendo as verdadeiras letras catholicas do paiz. Foi ao impulso da sua consciencia que se accentuou esse movimento "para o exterior", com que a Igreja, desde o "Congresso Eucaristico do Centenario, vem affirmando o direito de fazer-se ouvir até nas regiões da vida nacional, até pouco tempo completamente fechadas á sua evangelisação. E' a esse mesmo impulso que a idéa associonista vai tomando forma na obra da Confederação e mesmo em cada uma das associações, que orienta para um fim commun e mas alto, e que pelo simples facto de não se sentirem mais insuladas, muradas pela desconfiança das suas proprias forças, como que sentem uma vibração nova a empollar-lhes a nobreza dos sentimentos e das idéas de que se originaram.

A divisa de D. Sebastião Leme podria ser aquella palavra de José de Maistre: *Ce qui suffit ne suffit pas.* Certo de que "virtude verdadeiramente passiva não existe nem pôde existir", elle se nos apresenta, a nós, catholicos brasileiros, como a actividade mesma no sentido de Jesus Christo, e já S. Bernardo dizia que "o

infatigavel desejo de avançar e o esforço contínuo para a perfeição são reputados como a propria perfeição". Dahi virá esse aguçamento do senso das necessidades de cada hora, que caracterisa aquelles a quem chamei de legitimos reformadores, e fulge de modo tão singular em toda a actividade social do Arcebispo Co-adjutor desta Archidiocese, a ponto de ás vezes parecer-nos milagrosa a oportunidade com que age ou pede a acção dos seus commandados, em relação ao que a estes mais angustiava ou dividia.

Mais um exemplo dessa admiravel capacidade acaba de nos dar S. Ex., é o que não ha negar, com a sua circular n.º 8, "chamando a attenção dos senhores vigarios e outros administradores de bens ecclesiasticos para algumas leis canonicas, não raro esquecidas", e visando "a conservação e defesa do patrimonio historico e artistico de nossas igrejas.

Relembra D. Sebastião Leme as gravissimas prescripções do Código de Direito Canonico e os innumeros documentos pontificios para os quaes poderia appellar na campanha que ora emprehende, assim como as luminosas normas dictadas por Leão XIII para a guarda de archivos e bibliotecas ecclesiasticas. "E' desejo do Santo Padre que em suas visitas pastoriais os bispos tomein conhecimento dos objectos antigos, livros e papeis, manuscritos ou impressos, obras de arte e historia, descurados e quiçá ignorados no recanto das igrejas". D. Sebastião Leme sabe talvez de experientia propria quanto reparo e quanta reparação terão que fazer os bispos brasileiros no dia em que tomarem a peito o programma traçado por Leão XIII, encarecido depois por Pio XI e agora por Pio XI.

D. Sebastião Leme recorda uma a uma as expressas recomendações dos pastores da Igreja Universal, para que "com extremos de solicitude seja cuidado o tesouro historico e artistico das igrejas, até mesmo nas mais humildes parochias"; para que "os bispos cumpram e façam cumprir, com *intima convicção e respeito religioso*, as leis e dispositivos atinentes á defesa desses valores, que "con-

stituem a parte mais nobres dos bens ecclesiasticos".

Não tarda, porém, o illustre Arcebispo a encarar o nosso caso especial e, diz, é "firmado na autoridade de tão austeras palavras", como as que vem de citar, que pôde proclamar, urgem, aos administradores dos bens ecclesiasticos no Brasil, as determinações da sua circular", com toda a força de um *compromisso de honra*".

Quisera dispor do espaço necessário á citação dos trechos mais notaveis desta circular, quando analysa o que já se tem feito entre nós, em correspondencia á "aspiração dos homens cultos, que há tempos bradam por um maior interesse na defesa dos monumentos e obras de arte nacionaes".

Para demonstrar que coube ao Episcopado brasileiro, como sempre aliás, a prioridade nessa campanha patriotica, não lhe foi preciso lançar mão senão de um unico exemplo, o da Archidiocese de São Paulo, só por si mais valioso que tudo o mais quanto se tem feito em nosso paiz, e capaz de impor ao respeito e á admiração de todo o Brasil o nome de D. Duarte Leopoldo.

Mas, o que ainda fez mais digno de admiração o pensamento de D. Sebastião Leme, todas as vezes que se dirige aos seus dicoesanos, é o caracter universal das suas preoccupações, em relação ao Brasil, e o fundo traço nacionalista com que intensifica a vida mesma do seu universalismo de pensador catholico e Principe da Igreja.

"Nunca nos pareceu tão necessário como hoje — diz elle — o desenvolvimento desse instinto de conservação que, tão forte no tocante á vida dos individuos, vai-se apagando e arrefecendo no que diz com as tradições e caracteristicos superiores da raça". E' contra esse arrefecimento que protesta sem descanso o grande Arcebispo que organisou as mais formosas, as mais "nacionaes" das festas do Centenário da nossa Independencia!

E' assim que elle appella neste momento para todos os homens que representam a cultura tradicional do paiz, em relação, por exemplo, ás chamadas remodelações das nossas irgejas, a maioria das vezes,

esta é que é a verdade, crimes e não pequenos contra o que mais alta e nobremente fala do que somos, por exprimir o que de mais intimo e natural constitui a nossa consciencia collectiva no periodo da nossa formação social.

"Desejamos, apenas, deixar bem claro que, reclamando maior attenção para as tradições nacionaes da arte religiosa, fazemos obra meritória não só perante o Brasil, como perante a Igreja as Bellas Artes. Não pretendemos, é obvio que se copiem edificios de outras épocas, nem que cegamente se retroceda ao typo do chamado estylo colonial. Julgamos, porém, não ser de mais pedir que no estudo conscientioso das boas construcções coloniaes se procure aprender a sua força de expressão, a sua linguagem architectonica e decorativa, para bem exprimirmos, em "nossa terra" e em "nossos dias", o pensamento christão.

"Igualmente julgamos não exorbitar se, já não digo... pedirmos, mas exigirmos, que, sejam quaes forem as nossas preferencias de estylo para as igrejas a serem construidas, em se tratando de igrejas antigas, não se attente nunca, por motivo algum, contra a beleza veneravel de suas feições architectonicas".

Emfim, o que elle espera, e não só dos sacerdotes, como de todos os homens á altura de um ideal de patria, é que "onde quer que se nos apresente um traço atractivel da physionomia nacional, em sua historia, em suas crenças e tradições, em seus documentos e obras de arte", tenham todos "a unica attitude que convém a um homem de espirito, — isto é — a de respeito e veneração".

Deus ha de permittir que ainda a este appello do Bispo da Eucaristia, tão reliz em todas as suas iniciativas, corresponda um verdadeiro movimento de restauração e não só de conservação do nosso patrimonio de arte religiosa, e não só no Rio de Janeiro, como, ao seu exemplo, em todo o Brasil.

JACKSON DE FIGUEIREDO

("Gazeta de Notícias" — Rio).



NOTAS DO EXTERIOR

MORTE DE THEOPHILO BRAGA

Numa carta que ainda no anno findo me escrevera, Theophilo Braga dizia-me, cem uma certeza que apenas a fé transmite aos espiritos sensiveis, ter entrado nos oitenta e um annos de idade e que se sentia com a saude e a vitalidade necessarias para chegar aos cem! A mocidade perenne da sua profunda intelligencia creadora precisava de todo um longo seculo para florir e fructificar inteiramente: — e era um espectaculo admiravel o daquelle velho que desde a juventude combatia intrepidamente e com um hercismo em que não havia desfalecimentos, continuando a sua batalha fulgurante, em que pelejava sem repouso vibrando grandes golpes de luz e avançando constantemente sem deter os seus passos deante duma flor ou duma recordação que docemente o solicitassem, para não perder um tempo que para elle sempre fôra precioso...

Estava quasi cégo. Os seus pobres olhos, de tanto lerem paginas impressas e paginas manuscriptas, tinham-se enevoado de densas brumas que as claridades reveladoras já mal trespassavam, sem os iluminarem. Corcovava. Os seus pés tropegos começavam a embaragar-se na terra fria e solta das sepulturas. Todavia, com uma crença prodigiosa a vicejar dentro do peito, Theophilo Braga, o his-

toriador eminent da litteratura portugueza e o introductor do positivismo no seu paiz, levantava-se matinalmente com a alegria transfiguradora dum bom collosso a que o sonno tivesse restituido o goso de viver, depois de consecutivas horas de extenuante actividade mental, almoçava frugalmente, como um rigido spartano, e não tardava a sentar-se á sua banca de trabalho, entre livros que foram os mais firmes e leaes amigos da sua existencia entre documentos, entre materiaes de toda a sorte com que ia construindo, linha a linha, capitulo a capitulo, tómo a tómo, a obra monumental que nos lega e que é um brilhante resumo dos modos de sentir e de pensar — isto é, a expressão intellectual e esthetica dum povo, numa determinada época.

Nada o desviava da sua lida maravilhosa, nas horas alcyonicas de meditação e de realização esplendida. Os acontecimentos mais extraordnarios que, nestes instantes supremos, se desenrolassem á sua volta, não o fariam levantar a cabeça do papel. Ramalho Ortigão definiu-o rigorosamente quando disse que o insigne escriptor tinha, no estado mais acerbo, a paixão da sua idéa. Assim era, effectivamente. Isolado no silencio inspirador da sua livraria de todos os contactos dispersivos da rua, Theophilo Braga mergulha-

va avidamente no desconhecido, á busca duma verdade que sempre o seduziu, ou da solução de problemas científicos, históricos, críticos, philosophicos, artísticos que tanto o apaixonaram. Refugiava-se, então, em regiões ideaes que ficavam muito longe do globo terrestre, com os seus phantasmas as suas visões, a sua imaginação assombrosa. Por isto mesmo é que elle costumava afirmar que apenas se sentia completamente só quando tinha alguém junto de si, estando, pelo contrario, acompanhado na solitude absoluta da sua casa — entre os seus volumes, os seus estudos, os seus ensaios, os seus apontamentos, os seus cadernos de notas. A solidão facilmente nos habitua ao gesto das coisas amargas: — mas, Theophilo nunca foi um solitário. Para a sua alma, para o seu cerebro, para o seu sentimento, escolhia elle, sem repouso, os melhores o mais subtils convivios — nas quatro mil especies bibliographicas que fôra reunindo pacientemente durante mais de meio seculo de pesquisas, de buscas, de investigações. Dahi, o seu permanente optimismo e a sua confiança maravilhosa, a poucos mezes de distancia da sepultura, onde todas as ambições acabam e onde talvez, nas obscuridades algidas, o misterio se esclareça!...

* * *

Theophilo Braga deitou-se, uma destas frias noites de janeiro, no seu leito — e não tornou a acórdar para os dramas e para as comedias do mundo. Em quanto dormia serenamente, com a consciencia plena de sempre ter cumprido o seu dever atravez de tudo, a Morte, rindo sarcasticamente, veiu paralysar-lhe o coração, com suas gelidas e invisiveis mãos. Como na sua gloriosa morada de sabio e de solitário não vivesse mais ninguem, o corpo inerte do polygrapho eminentíssimo só na manhã seguinte foi encontrado, por acaso, jazendo entre as roupagens da cama, ainda tepido. A divina scentelha de genio que o illuminou apagara-se, de certo, momentos antes: e na fronte augusta do homem — que foi uma das mais elevadas personalidades da sua raça, pelo engenho e pela cultura excelsa, pela austerdade moral, pela potencia excepcional da producção — havia a paz perfeita,

uma tranquillidade indicadora de que Theophilo Braga expirára sem agonia!...

Este infatigável obreiro do pensamento, que era um dos mais activos semeadores de ideias, estivera pouco tempo antes — já o espectro da Morte, certamente, corria, com seus pés de sombra, os quatro cantos da vivenda de Theophilo — trabalhando no livro sobre Alexandre Herculano, que trazia entre mãos e que dictava a um secretario, porque os seus célos, como os de Oedpo, já nada podiam ver. Até ao derradeiro alento, até á ultima pulsação. Theophilo manteve-se, nobremente, no combate libertador. Terminada a sua missão victoriosa, pousou a cabeça no primeiro encosto que lhe appareceu, para dormir o sonno eterno!...

Neste momento, enquanto as suas arrefecidas cinzas não entram solemnemente no Mosteiro dos Jeronymos — o poema épico em que, em eloquentes rimas cinceladas na pedra, se cantam os feitos lusitanos dos cyclos triumphaes — vou eu evocando, em face do seu athaude, varios episodios que tiveram, outr'ora, uma forte resonancia e em que Theophilo Braga — que deixou á sua nacionalidade cem volumes, abrangendo multiplices ramos do saber humano — afirmou uma poderosa individualidade. Concentrando-me, vejo-o ainda moço, em Coimbra, meditando já a sua obra futura, naquelles agitados dias em que Anthero do Quental, indisciplinado, perguntava do alto das suas janellas, aos que passavam na calçada, esbatendo-se no negrume nocturno, se sabiam quem "era Manú", se tinham alguma ideia "do Immanente", se Deus Deus seria, na realidade, "o immenso mar da Substancia", e ao mesmo tempo pensava num poema subjectivo, que se intitularia "Vasco", transformando-se sucessivamente num especie de Manfredo, num Hamlet que a duvida incessantemente perseguisse, num Fausto que, não tendo encontrado a verdade na sciencia e no amor, a procuraria talvez na phantasia desvairada! Nesta época, os académicos que frequentavam a Universidade insubordinavam-se altivamente contra toda a rotina, todas as fórmulas estreitas, todas as tyrannias, aspirando a uma natureza livre onde soltassem as suas livres paixões, as suas sympathias e os seus entusiasmos. Arremetiam destemidamente

contra os tyrannos, os pontifices, os que até ahí tinham dado a lei e a ordem. Ante a colera destes iconoclastas, os deuses iam entrar no seu crepusculo. Castilho seria um dos primeiros que os impios deitariam abaixo do seu altar! E à frente delles, como porta-estandartes, marchavam o autor das "Primaveras Românticas", e o autor da "Visão dos Tempos" e da "Ondina do Lago"...

E não tardariam os primeiros symptomas da rebellião, que das cordas sonoras das lyras, passava para o verbo inflamado e violento dos oradores. Primeiro, surgiu o "Manifesto dos Estudantes da Universidade", redigido por Anthero; depois, a "Encyclica do Papa", em que o incomparavel poeta dos "Sonetos", commentando a infallibilidade, asseverava que Pio IX estava na logica do systema catholico; depois, ainda o famoso recontro da campanha "Bom senso e bom gosto", em que Anthero do Quental esgrimiu uma dardojante espada, e de que havia de nascer a historica "Escola de Coimbra" de que resultou a renovação do movimento litterario e scientifico pelas doutrinas philosophicas de Augusto Comte!...

* * *

Theophilo Braga foi, sem contestação, uma das maiores figuras e a mais rica-rmente dotada, do Portugal do seculo XIX, tendo-se destacado com brilho logo na "Visão dos Tempos", que é a epopeia do ser pensante atravez das idades, embora a sua concepção seja muito mais notável do que a realisaçao, e conquistando definitivamente a celebridade na vasta serie de volumes que constituem a "Historia da Litteratura Portugueza" — sem duvida, a sua obra prima — na "Historia do Direito Portuguez" e no "Systema de Philosophia Positiva"! Contemplado agora na solitude inviolavel da Morte, a sua estatura intellectual adquire proporções gigantescas, projectando não sombras mas um vasto feixe luminoso e deslumbrante.

De certo que na enorme labuta mental de Theophilo Braga — que não passou desapercebidamente, no meio das indiffe-

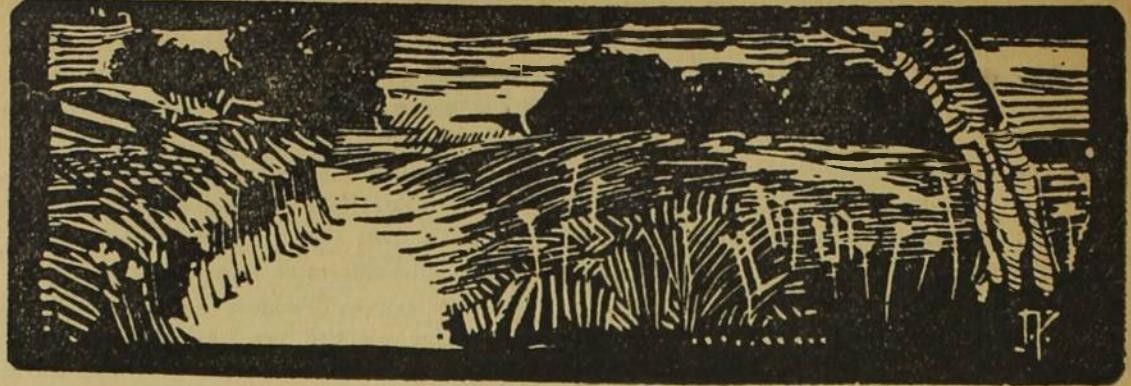
renças, mas que foi discutido, combatido, hostilizado tenazmente por adversarios illustre — nem tudo merecerá louvores incondicionaes. O grande escriptor, por exemplo, de tanto se isolar e de tanto perseguir a Verdade, chegou a julgar que essa Verdade lhe pertencia totalmente, tendo-a descoberto e concervando-a fechada na sua mão. Tambem se encerrou num sectarismo estreito em que o seu espirito — que tanto amava os amplos horisontes — havia de sentir-se suffocar, por vezes E, como sectario, apenas sorria affavelmente aos que estivessem em torno a si. Para os outros, fossem elles quem fossem, era duro, aspero, irreverente ou desdenhoso.

Uma outra das suas inferioridades era esta: — convencido duma coisa, não havia maneira de leval-o a mudar de opinião, embora se lhe mostrasse o erro em que laborava. A' parte isto, porém, que alma nobre a sua! E que vastidão, a do seu genio que dir-se-ia ter-se esgottado numa centena de volumes de litteratura, de politica, de historia, de poesia, de sciencia, de critica, e em que, no emtanto, havia ainda o infinito!... Theophilo Braga não pôde ser nitidamente julgado, por emquanto. E' impossivel, a tão curta distancia da sua morte, fixar-se em traços indeleveis e justos o contorno da sua phisionomia intellectual e artistica. Os homens como Theophilo pertencem aos dias vindouros e não á actualidade. Na affirmativa de Gœthe, as entidades representativas só são do tempo em que vivem pelos seus defeltos e não pelos seus altos dons e pelas suas raras qualidades. O critico que tiver de ser o julgador da obra e da personalidade de Theophilo — que ao genio alliou o patriotismo e que foi o primeiro presidente da Republica Portugueza — virá daqui a muitos annos e levantará um monumento indestructivel á memoria do homem que esta semana morreu, em paz com a sua consciencia!...

Porto, 2 de fevereiro de 1924.

João Grave

("Correio do Povo" — Porto Alegre).



RADIO-NOTAS

Parece na verdade que alguma cousa de interessante em Arte se está fazendo no Brasil.

Ao menos os países europeus começam a se preocupar comoscos dum modo que salta alem de frias relações diplomáticas... Agora foi a vez dum artigo sobre os modernistas brasileiros, que causou certa sensação em Paris, tendo mesmo provocado forte ataque contra os poetas brasileiros, pela revista *Esais Critiques*. Poetas brasileiros que não merecem apenas o bocejo de um aplauso convencional, eis o que nos rejubila! A nota era agressiva e de mordaz ironia. Observe-se contudo que não ultrapassara nunca esse limite em que a intelligencia se circumcreve por vontade propria. Além desse limite fica o insulto... brasileiro.

*

O sr. Jean Bard, professor de dicção do Conservatorio de Genebra, tornou-se um decidido propagandista da poesia brasileira na Europa. No seu recente recital de Genebra dedicou toda a segunda parte do programma á poesia brasileira. O illustre *diseur* conservará essa parte brasileira nos seus programma por toda a serie de recitais com

que percorrerá a Suissa, a Tchecoslováquia e varias cidades de Alemanha e França. No proximo inverno o sr. Bard voltará de novo ao Brasil, acompanhado de sua esposa, com quem organizará unia serie interessantissima de 5 recitais, dedicados aos 16º, 17º, 18º, 19º e 20º séculos de literatura poetica.

■

Realizou-se em Março, em São Paulo, um festival dedicado ao sr. Vicente de Carvalho. A *Revista do Brasil* associa-se com prazer á homenagem prestada ao poeta paulista. Apezar do convencionalismo da forma, a sua obra representa sem duvida um bello protesto contra a mumificante influencia europea, que tem sido o caracteristico de grande parte da poesia brasileira. Ninguem como Vicente de Carvalho soube tão bem exprimir o encanto das praias do nosso litoral e dos seus praianos.

■

O sr. Moacyr Chagas publica um livro de versos com o título: *Últimos poemas*. Parabens ao publico.

Esteve algumas semanas em S. Paulo e no Rio o sr. Horace Bleacle, escriptor inglez, dos que melhor tem estudado na Europa o seculo XVIII. Ainda ha poucos meses, o snr. Bleacle publicou um livro muito elogiado sobre *Caranwa in England* (Bodley Head, editores).

De S. Paulo sabemos que o nosso hospede levou as melhores impressões, e, em carta particular a um amigo escreveu que: "Every thing in Brazil delights me. It is a great country and will become very much greater as time goes on".



Já se disse que as crises economicas deste paiz são devidas ao facto estranho de só produzirmos, em quantidade generos de sobremesa: — o café, o assucar, o cacao. A crise agora affecta o prato de resistencia da cozinha nacional: o feijão. O feijão está a 2\$000.

Por menos se fez a Revolução francesa.

Prudentemente, o governo federal comprehendeu a solução da crise: ao arrepio dos nossos balistas, vamos desvalorizar o feijão.



Lazar Segall, nosso collaborador, é um dos melhores pintores modernos da Europa. Tem quadros com-

prados pelos grandes Museos de Berlim, Dresde, Petrograd, etc. Realiza agora uma exposição em São Paulo.

E' um acto de coragem que devemos applaudir. — Nossa publico, refractario á todas as inovações artisticas, vai chamal-o de "futurista"! E os criticozes vão saccar da famigerada semi-cultura para atacal-o.

Como seria necessario um curso elementar de arte na "capital artística" do Brasil!



A Sociedade Anonyma de Viagens Internacionaes, envia-nos uma circular pedindo que se faça della a reclame que merece. E' com muito gosto que a recommendamos aos nossos touristes, apesar do horror que sentimos por essas especies de Agencias Cook. — A proposito dessa ultima transcrevemos um verso de Oswald de Andrade, tirado do poema *Sorrento*, que é uma deliciosa e maliciosa ironia:

"O Vesuvio esperava da Agencia Cook ordem de erupção."



Chegou ao Brasil o poeta colombiano Vargas-Vila. Foi recebido em Santos pelo Dr. Martins Fontes; no Rio pelo Sr. Coelho Netto; em S. Paulo por Aristóteles Seixas.



AS CARICATURAS DO MEZ

criada diligente



- Nos dois dias que estive fóra destes de comer a todos os animaes ?
- Sim, senhora. Ah ! é verdade... esqueci-me do gato.
- Coitadinho ! Com certeza morreu de fome !
- Não, senhora. Elle comeu o canario e o papagaio.

"*O Jornal*" — Rio

INDICE DO VOLUME XXV

	Pgs.
O Conde Keyserling e a escola de sapiencia na Allemanha — H. Fitzler	3
Borges de Medeiros (II) — Villar Belmonte	6
Madrugada gaucha — Homero Prates	9
Estudinhos de português — José Patricio de Assis	13
Mealhas etymologicas — Francisco Luiz Pereira	17
O ultimo dia da mocidade — José Mesquita	20
Pasteur e a biologia — Ulysses Paranhos	27
O "Rush" em New-York — Orlando Machado	34
A bacia do Amazonas — A. D. de Mirandeira	38
Uma caçada — Carlos Kiellander	45
Academia Brasileira de Letras — Arthur Motta	50
Bibliographia — Redacção	57
Resenha do mez	70
Notas do exterior	82
Debates e Pesquisas	86
Curiosidades	92
Caricaturas do mez	95
O momento — P. P.	97
A posse e a defeza do habitat brasileiro — Haddock Lobo	100
O crime do moço verde — Julio Cesar da Silva	114
O vento — Luiz Aranha	121
Viver — Alcides Flavio	123
O abacaxi — A. C. Couto de Barros	126
A evolução do ensino primario no Brasil — Oswaldo Orico	130
O excommungado — João Pinheiro	135
O futuro dos povos — Villar Belmonte	151
Bibliographia — Redacção	158
Resenha do mez	164
Debates e Pesquisas	183
Curiosidades	188
As caricaturas do mez	192

	Pgs.
O momento — P. P.	193
Notas sobre a colonização em São Paulo — Antonio Prado	195
A orchestra — Medeiros e Albuquerque	200
A receita — José Geraldo Vieira	205
Estudinhos de português — José Patricio de Assis	208
O mergulhador — Carlos Alberto de Araujo	211
Os cantores pobres da cidade — Oswaldo Orico	212
Blaise Cendrars — Mario de Andrade	214
A volta á musica pura — Renato Almeida	224
O futuro dos povos — Villar Belmonte	227
A botanica no diccionario de Candido de Figueiredo — Ed. Navarro de Andrade	235
A mais bella — Iago Joé	241
A "Roughness" em New-York — Orlando Machado	248
Bibliographia — Redacção	251
Resenha do mez	255
Debates e pesquisas	267
Curiosidades	272
Notas do Exterior	278
Radio-Notas — Redacção	283
As caricaturas do mez	285
O momento — P. P.	289
A conquista do Sertão — Haddock Lobo Filho	291
Graça Aranha e o humorismo — A. C. Couto de Barros	307
O bedel — Godofredo Rangel	313
Cartões Postaes — Sergio Milliet	317
Borges de Medeiros (III) — Villar Belmonte	319
O amante do outro mundo — Julio Cesar da Silva	325
Mealhas etymologicas — Francisco Luiz Pereira	336
Está o Brasil superarmado? — Helio Lobo	340
A bacia do Amazonas — A. D. de Mirandeira	348
Bibliographia — Redacção	354
Resenha do mez	361
Debates e pesquisas	372
Notas do exterior	377
Radio-Notas — Redacção	380
As caricaturas do mez	382

LOTERIA DE S. PAULO

22 de Abril

Terça-feira

60 : 000 \$ 000

POR 9\$000

Os Bilhetes já se acham á venda em
toda a parte.

Canto e Mello

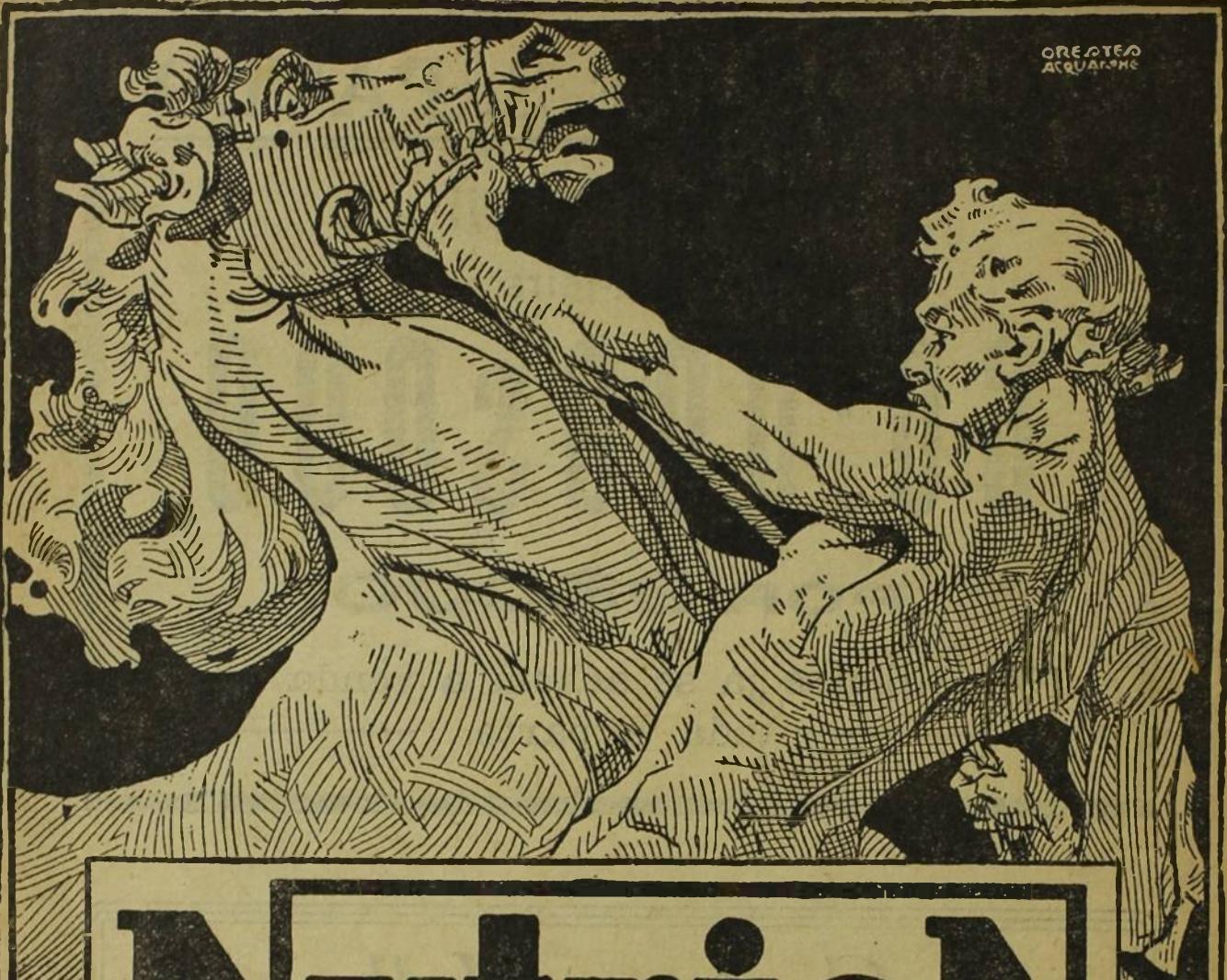
*o festejado romancista que com tão bellas
obras tem enriquecido as letras patrias
acaba de publicar um novo romance*

“Recordações”

*que merece ser lido por todas as pessoas
de bom gosto.*

Pedidos a MONTEIRO LOBATO & C.

EDITORES - S. PAULO



Nutrión

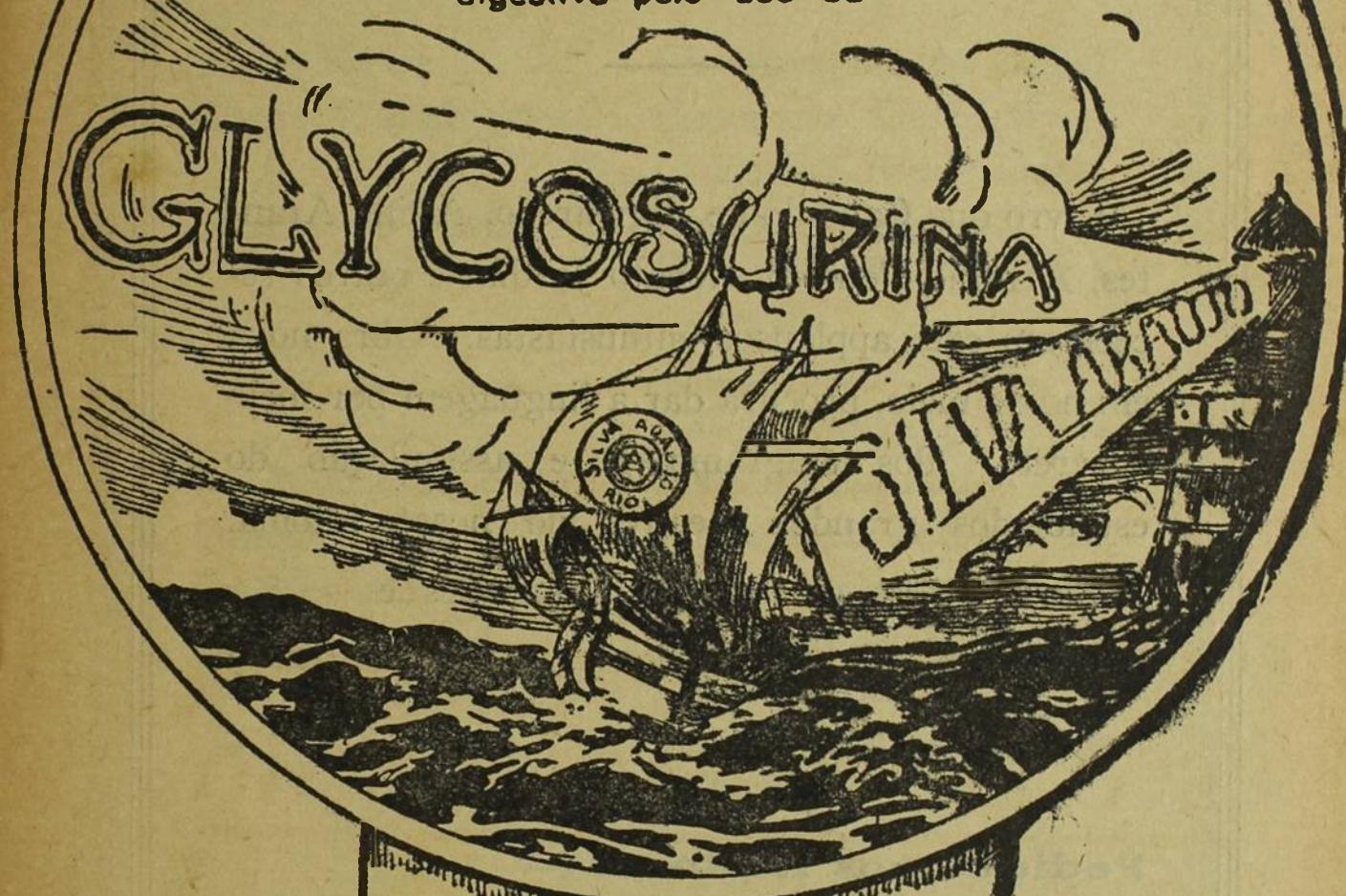
E' O ELIXIR DA NUTRIÇÃO

O "Nutrión" combate a Fraqueza,
a Magreza e o Fastio. Restaura as
Forças e estimula a Energia. - E' o
Remedio dos Fracos, dos Debeis,
dos Exgottados, dos Convalescentes.

DIABETICOS

é preciso combater a perda de açucar, tonificar o organismo, regularizar as funções dos órgãos internos essenciais à vida e restabelecer o appetite e a função digestiva pelo uso da

GLYCOSURINA



heróico medicamento composto de plantas indígenas brasileiras

PAU FERRO - SUCUPIRA

JAMELÃO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres de chá por dia em agua

OTHONIEL MOTTA

Cathedratico do Gymnasio de Campinas.

Lições de Portuguez

Livro que Candido de Figueiredo, Altino Arantes, Afranio Peixoto, Renato Jardim e outros receberam com aplausos entusiastas. Obra nova em nosso meio, procura dar a linguagem por meio concreto, dos diagrammas, e assimilação do estylo dos grandes mestres do nosso idioma.

Pedidos aos Editores

MONTEIRO LOBATO & CIA.

RUA VICTORIA N° 47-A —

**Desconto de 30 o/o aos revendedores e aos col-
legios e professores**

Monteiro Lobato & Cia.

têm no prelo, prestes a sahir, utilissimos livros escolares e juridicos, dentre os quaes destacamos os seguintes, que se recommendam pelo só nome dos seus autores:

Olavo Freire . . .	Chorographia do Brasil.
Alvaro J. Rodrigues .	Geometria Descriptiva.
" " "	O Ensino Profissional.
Synesio de Faria .	Lições de Algebra: Decomposição em Fatores.
" " "	Calculo Diferencial.
" " "	Calculo Integral.
Dr. Moncorvo Filho .	Hygiene Infantil.
Othoniel Motta . .	Anthologia Portugueza.
Dr. Reynaldo Porchat.	Direito Romano.
" " "	Da Retroactividade das Leis Civis.
" " "	Pessoa Physica e Direito Romano.

Desde já acceitam-se pedidos.

Rua Victoria N. 47

CAIXA, 2-B

S. PAULO

Factoração Algebrica

EDGARD VIEIRA

Livro que vem facilitar o estudo desta parte da algebra, podendo ser facilmente manuseado por qualquer estudante de nossos gymnasios ou escolas normaes.

Cartonado 3\$000

Para o estudo de Portuguez

Excellentes trabalhos de *Leonardo Pinto*, indispensaveis aos que estudam e amam o vernaculo:

Conjuncções, notas elucidativas e exercícios praticos 2\$500

Locuções Adverbiaes Francezas. — Adoptado no Gymnasio do Estado de S. Paulo — 2.^a edição 4\$000

Conjugação dos verbos regulares, irregulares e defectivos da Lingua Italiana — 2.^a edição — Adoptado na “Escola de Commercio Alvares Penteado” e outros estabelecimentos de ensino 4\$000

Os pedidos feitos directamente por COLLEGIOS ou REVENDEDORES terão o desconto de 30 %, livre de porte.

MONTEIRO LOBATO & Cia.

Rua Victoria, 47 — Caixa 2-B — S.PAULO